



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

**EDUCAÇÃO E ARTE NA IMPRENSA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE  
NOS MEIOS DIGITAIS**

**HITALA FERNANDA PEREIRA CARVALHO**

RIO DE JANEIRO

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

**EDUCAÇÃO E ARTE NA IMPRENSA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE  
NOS MEIOS DIGITAIS**

Monografia submetida à Banca de Graduação como  
requisito para obtenção do diploma de Comunicação  
Social / Jornalismo

**HITALA FERNANDA PEREIRA CARVALHO**

**Orientadora: Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa**

RIO DE JANEIRO

2018

## FICHA CATALOGRÁFICA

CARVALHO, Hitala Fernanda Pereira.

Educação e arte na imprensa brasileira: uma análise nos meios digitais.

Rio de Janeiro, 2017.

Monografia (Graduação em Comunicação Social / Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação  
– ECO.

Orientadora: Marialva Carlos Barbosa

## AGRADECIMENTOS

Depois de longos e intensos meses, finalmente é chegada a hora. Escrever essa mensagem de agradecimento significa poder respirar o ar lá de fora, ao mesmo tempo em que aqui dentro tudo ainda parece sufocar.

Ciclos precisam mesmo de um bom tempo para cumprirem seus percursos e, antes que esse se feche, gostaria de deixar registrada aqui a minha gratidão por aqueles que se comprometeram comigo de alguma forma.

A Deus, toda honra e toda glória;

A Santo Expedito, que sempre intercedeu por mim, minha eterna devoção;

Aos meus pais, Heitor e Conceição, que incansavelmente me apoiaram tanto moral quanto economicamente permitindo que eu chegasse até aqui, todo o meu reconhecimento;

A Roberto, meu amado irmão, por todas as vezes em que me perguntou: “e o tcc, está fazendo?”, meus fraternos “obrigada, mano!”;

À Amora, minha cadelinha mais linda do mundo;

*Al mio fidanzato, Giovanni, che pure da lontano, è stato presente supportandomi e aiutandomi in un modo che non posso neanche spiegare, tutto il mio amore a Lui;*

*Al mio suocero Albertinho per l'aiuto quando pensavo pure in desistere di scrivere la tesi, i miei sinceri ringraziamenti;*

*Alla mia suocera Giulia e alla mia cognata Vittoria per le loro parole di appoggio, dette forse senza rendersi nemmeno conto di quanto sono state gradite;*

Um agradecimento especial à minha orientadora Marialva, sempre muito solícita e gentil; sem você esse trabalho não teria feito essa trajetória e não teria a vida que teve;

Aos examinadores e queridos professores Gabriel Collares e Marcio d'Amaral, pela atenção e disponibilidade;

Aos meus amigos, em especial Artur Cereto, Gabriele Hafner, Gustavo Cardoso, Roberto Barcellos e Rodrigo Fonseca que foram ponto de partida e chegada da minha vida; sou muito feliz de poder ter dividido com vocês os momentos especiais de uma universidade pública e da minha vida em particular;

Enfim, a todos os que cruzaram o meu caminho;

E ao Rio de Janeiro, por ter sido a minha casa e por ter me ensinado que para remar contra a maré é preciso ser muito mais forte.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Educação e arte na imprensa brasileira: uma análise nos meios digitais**, elaborada por Hitala Fernanda Pereira Carvalho.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa  
Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF  
Departamento de Expressão e Linguagens - UFRJ

Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa  
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Expressão e Linguagens - UFRJ

Prof. Dr. Marcio Tavares D’Amaral  
Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ  
Departamento de Fundamentos da Educação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2018

CARVALHO, Hitala Fernanda Pereira. **Educação e arte na imprensa brasileira: uma análise nos meios digitais**. Orientadora: Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## RESUMO

O trabalho pretende verificar como a mídia brasileira trata as notícias relacionadas a educação e arte no meio digital. A forma e o espaço como a educação por si só é abordada pela imprensa tem sido um tema bastante discutido. Análises de jornais impressos evidenciam que, apesar de a educação não ser uma pauta prestigiada, sua abordagem tem sido mais frequente nos últimos anos. A presença da educação na mídia teve seu auge em 1990, com as avaliações que começaram a ser produzidas em nível federal e vieram a se tornar pautas nas redações de muitos jornais. Estatísticas mostram, no entanto, que a educação, quando coligada a outra área, tem a tendência de receber ainda menos visibilidade, além de gerar notícias superficiais. Partindo da análise de notícias coletadas no Google Notícias, procura-se aqui verificar como educação e arte ganham forma nos meios em que são veiculadas. Num momento em que a internet se transformou num *locus* massivamente frequentado, é importante analisar as ideias a partir desse ponto de vista e, mais que isso, propor uma reflexão acerca da importância da educação e da arte para a sociedade brasileira, individual e coletivamente.

*A todos aqueles que desejam muito mais que eu mesma.*

*“A tese, é em primeira mão, uma descoberta da arquitetura reflexiva presente em toda investigação; logo, a ciência como atividade transforma-se na faina artística que inventa para revelar as dimensões invisíveis, incógnitas, submersas, recônditas, múltiplas, sensíveis, complexas. Ciência e arte dialogando concretamente no dia a dia de cada página que se volta nos fichamentos bibliográficos, em todo conhecimento compilado na tradução de uma hipótese, na ousadia de uma montagem metodológica, na humildade de que desconfia do que descobriu, na segurança de poder ir além: descoberta como invenção, resposta contida na pergunta e, sobretudo o prazer do jogo. A tese tem algo a ver com a invenção. Uma receita às avessas: a descoberta.”*

(FERRARA *apud* ECO, 2016, p. XVII)

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>2. EDUCAÇÃO NA IMPRENSA BRASILEIRA</b> .....	6
2.1 Breve análise da cobertura da educação no Brasil.....	6
2.2 A evolução da cobertura da educação e seus desafios.....	12
<b>3. WEB: GOOGLE, NOVOS RUMOS DO JORNALISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS</b> .....	20
3.1 Velocidade e popularização.....	20
3.2 Características do jornal na web e suas diferenças do jornal impresso.....	21
3.3 Google como ferramenta de pesquisa.....	27
<b>4. ARTE: SUAS DEFINIÇÕES, HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO E IMPORTÂNCIA</b> .....	32
4.1 Explicando o que é arte.....	32
4.2 Arte neste trabalho.....	38
4.3 Ensino de arte no Brasil.....	40
4.4 Um contraponto <i>a la</i> Itália.....	43
4.5 Quando a arte abraça a educação/Importância da arte para a educação.....	46
4.6 Educação e arte na imprensa.....	47
<b>5. CONTEÚDO E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS</b> .....	53
5.1 Metodologia.....	53
5.2 Estudo quantitativo e qualitativo.....	55
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	74
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	78
<b>ANEXOS</b> .....	89

## 1. INTRODUÇÃO

O jornal em seu formato físico, ou melhor, impresso, sempre foi um importante aliado dos professores nas salas de aula. De acordo com Aparecida Borelli (2002), um bom exemplo disso foi o Programa de Jornal e Educação, em inglês, *Newspaper in Education*<sup>1</sup> que teve o seu início com o jornal Zero Hora, na década de 1980, seguido pelo O Globo e, mais tarde, pela Folha de S.Paulo.

O Jornal na Educação [sic] é um programa da ANJ [Associação Nacional dos Jornais]. Por incentivo de seu Comitê de Leitura e Circulação, os jornais chegam à escola e aos estudantes. Pela leitura e pesquisa, eles desenvolvem, de maneira prática e atraente, o conteúdo dos componentes curriculares. (BORELLI, 2002)

Cada jornal tinha o seu programa específico, com nome próprio, projeto etc, e a ANJ atuava dando apoio técnico e orientação aos jornais. Além das escolas, os programas eram implantados em prisões, asilos, hospitais e aulas de ensino de línguas para estrangeiros. A ANJ interrompeu suas atividades no Programa de Jornal e Educação (PJE) em março de 2016, no entanto, alguns jornais ainda prosseguem com seus projetos específicos na área de educação.<sup>2</sup>

É importante reconhecer a importância dos jornais como instrumento da educação, mas, se invertêssemos o raciocínio, o mesmo seria verdadeiro? Qual a relevância da educação para os jornais? Ela tem espaço nesses veículos midiáticos? E, quando relacionada a outra área, os jornais conseguem um resultado esclarecedor ou superficial? Digamos que essa “outra área” seja a arte, como ambas são tratadas? Essas são dúvidas que merecem um olhar mais atento.

Esse trabalho pretende analisar os porquês da carência de notícias relacionadas a educação e arte na imprensa brasileira, uma vez que, através de uma pesquisa realizada pelo Ministério da Educação e da Cultura (MEC), que avaliou 5.362 textos de 57 jornais brasileiros em um período de 31 dias no ano de 2004, mostrou que um dos principais desafios da mídia brasileira é o de cobrir a temática educação problematizando o tema

---

<sup>1</sup> Borelli (2002) afirma: “Nos Estados Unidos, o trabalho do jornal em sala de aula começou em 1932, com o jornal *The New York Times*. Mas há uma diferença básica entre os programas que são desenvolvidos no exterior e os programas brasileiros. No exterior, os programas são feitos com pacotes de assinaturas de jornal com desconto para escolas ou para órgãos particulares ou públicos da esfera da educação. No Brasil, a maioria dos programas chega à sala de aula com o jornal do dia ou do encalhe, mas sempre gratuitamente. São raros os casos de programas brasileiros dessa espécie em que ocorre algum tipo de assinatura paga.”

<sup>2</sup> Informações atualizadas e cedidas a mim por e-mail pela assessora da diretoria executiva da ANJ, Marly Gomes, no dia 2 de abril de 2018. O conteúdo das mensagens está disponível nos anexos, p. 96.

junto a outras questões e/ou áreas. De acordo com o levantamento, em 70% dos casos em que a educação não foi a única temática discutida, foi tratada de maneira bastante tangencial.

Ao abdicar de se aprofundar nas questões mais cruciais – por exemplo, ao preferir cobrir o vestibular à Educação Infantil – a imprensa furta-se do papel de estimular o debate sobre as demais responsabilidades a serem assumidas no espaço público. Furta-se da oportunidade histórica de todos os dias recordar os avanços que ainda não logramos alcançar e os caminhos que necessitamos imediatamente percorrer. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA, 2005, p. 7)

A escolha dessa temática se deu depois da oportunidade que tive de participar do projeto “Políticas Educacionais na Imprensa Brasileira”, do professor Armando Arosa, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele tem um blog<sup>3</sup> onde posta notícias relacionadas à educação todos os dias, categorizadas por subtemas, por exemplo: educação e inclusão, educação e transporte, dentre outras. O objetivo é formar um acervo que possa ajudar estudantes, professores e pesquisadores da área.

Quando comecei a postar as notícias, percebi que, nos locais em que pesquisava, a educação estava ligada a todas as categorias presentes no blog, mas que algo parecia faltar. Senti, então, a necessidade de publicações que levassem em consideração educação e arte, já que ambas são muito importantes para a nossa sociedade.

De antemão, explica-se: educação e arte, neste trabalho, formam um único objeto de estudo, cujo objetivo é pesquisar ocorrências de educação e arte juntas, e não sobre educação e sobre arte, o que levaria a outra espécie de pesquisa. Entende-se por notícias de educação e arte (ínfimos exemplos): “Colégios usam projeto do Google para aproximar arte das crianças”<sup>4</sup>, “Projeto reforça estudo de História por meio do cinema”<sup>5</sup>.

Este trabalho defende a hipótese de que a escassez e a superficialidade de notícias relacionadas à educação e arte sejam resultantes de fatores históricos, sociais e políticos. Seu objetivo é demonstrar que, embora haja importantes fatores que influenciam na defasagem e na qualidade delas, é preciso que sejam pautadas e discutidas. A imprensa,

---

<sup>3</sup> A última atualização do blog data de janeiro de 2018. É possível consultá-lo através do endereço <<http://politicaseducacionaisnaimprensa.blogspot.com.br/>>. Acesso em 5/6/2018.

<sup>4</sup> AGÊNCIA de Conteúdo Cartola. *Terra*. 4 dez. 2013. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/colegios-usam-projeto-do-google-para-aproximar-arte-das-criancas,029d891dd59b2410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>>. Acesso em 5/6/2018.

<sup>5</sup> GAÚCHA ZH. 28 mai. 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2015/05/projeto-reforca-estudo-de-historia-por-meio-do-cinema-4769436.html>>. Acesso em 5/6/2018.

como um aparelho privado de hegemonia, de acordo com Antonio Gramsci<sup>6</sup> (*apud* FONSECA, 2007)<sup>7</sup>, e cujo objetivo é reconfigurar a realidade por meio de um pensamento único e crítico, exerce papel fundamental neste sentido. Por meio dos “intelectuais orgânicos”<sup>8</sup>, aqui representados por jornais, blogs, revistas, portais e qualquer categoria de difusão de notícia, é possível fazer com que aquilo que não era visto ganhe notoriedade.

Este estudo tem como objeto principal a plataforma Google Notícias e concentra sua análise nos resultados obtidos a partir dessa pesquisa com as palavras-chave “educação e arte” em um determinado período. A pesquisa de notícias estendeu-se de 4 de novembro de 2013, data da aprovação de uma proposta que visava à obrigatoriedade da dança e do teatro como disciplinas no ensino básico pela Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, a 4 de março de 2015, data escolhida arbitrariamente a fim de estabelecer um recorte temporal razoável para o presente estudo. Embora tenha mencionado anteriormente a importância do jornal impresso nas escolas, a utilização dele, bem como de outros veículos físicos, hoje, tem sido transferida para versões digitais e, por isso, o Google serviu como plataforma apropriada para o trabalho.

A fim de avaliar como a imprensa descreve a informação acerca desse tema, foram realizadas análise de conteúdo e revisão bibliográfica. O esforço será no sentido de encontrar argumentos e estudos capazes de explicar com a maior clareza possível um tema

---

<sup>6</sup> “Entre os principais intelectuais italianos da primeira metade do século XX, Antonio Gramsci foi um dos fundadores do Partido Comunista da Itália (1921). Por suas idéias, com a ascensão do fascismo, ele foi condenado a mais de vinte anos de prisão. Durante sua prisão, que o levou à morte, ele escreveu o texto mais importante já produzido sobre a função educativa e política dos intelectuais, em um total 2.848 páginas de anotações manuscritas que atualmente são conhecidas como *Cadernos do Cárcere (Quaderni del Carcere)*”. Fonte: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/antonio-gramsci/>>. Acesso em 7/6/2018.

<sup>7</sup> “[...] são organismos sociais ‘privados’, o que significa que a adesão aos mesmos é voluntária e não coercitiva, tornando os assim relativamente autônomos em face do Estado em sentido estrito [no contexto, portanto, de sua configuração ampliada, isto é, sociedade política + sociedade civil, possível nas conformações sociais do tipo “ocidental” — FF]; mas deve-se observar que Gramsci põe o adjetivo ‘privado’ entre aspas, querendo com isso dizer que, apesar do caráter voluntário ou ‘contratual’, eles têm uma indiscutível dimensão pública, na medida em que são parte integrante das relações de poder em dada sociedade”. (GRAMSCI *apud* FONSECA, 2007). Disponível em: <<https://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=624>>. Acesso em 7/6/2018.

<sup>8</sup> São os intelectuais que fazem parte de um organismo vivo e em expansão. Por isso, estão ao mesmo tempo conectados com o mundo do trabalho, com as organizações políticas e culturais mais avançadas que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade. Ao fazerem parte ativa dessa trama, os intelectuais “orgânicos” interligam-se a um projeto global de sociedade e com um tipo de Estado capaz de operar a “conformação das massas ao nível de produção” material e cultural exigido pela classe no poder. Então, são orgânicos os intelectuais que, além de especialistas na sua profissão que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam. Fonte: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT17-2687--Int.pdf>>. Acesso em 7/6/2018.

que é, até então, pouco desenvolvido, mas necessário. Para tanto, o trabalho adotará o seguinte percurso:

No segundo capítulo, uma abordagem sobre a cobertura da educação trará uma noção de como a imprensa brasileira introduziu essa pauta em seus discursos. As referências aqui serão baseadas em estudos e análises feitas por fóruns e associações como o Fórum Mídia e Educação, de 1999, e a Associação de Jornalistas de Educação (Jeduca). Além disso, mostrará opiniões de jornalistas, educadores e políticos. Por se tratar de um estudo recente, até porque educação no jornalismo é também recente, a opção por usar vídeos, conferências e entrevistas mostrou-se um caminho viável e adequado, de forma que pudessem trazer um panorama atualizado.

Já no terceiro capítulo, a intenção é mostrar características do jornalismo on-line, uma vez que servirá de base para que se possa compreender questões que venham a surgir na análise que será feita. Uma vez que as notícias analisadas serão do meio digital, entender como esse meio funciona pode servir como base ou até explicar algumas ocorrências. Outrossim, será abordado também o Google, a plataforma que fará a seleção de notícias e que hoje é o maior buscador do mundo.

No quarto capítulo, nos debruçaremos sobre o problema de entender o que é a arte. Ele é fundamental para esclarecer o sentido de arte neste trabalho, bem como sua ligação com a educação e conseqüentemente com a educação e a imprensa. A princípio pode parecer complexo, mas as subdivisões do capítulo foram estabelecidas de modo a tentar facilitar o entendimento de cada parte do raciocínio e da relação entre elas.

No último, será feita a análise de conteúdo dos 17 meses pesquisados. Nessa parte, as reflexões partirão de dados quantitativos a fim de se chegar a conclusões qualitativas. Nesse momento, servirá de base o artigo sobre a metodologia de análise de conteúdo de Carlomagno e Rocha (2016).

O estudo quantitativo permitirá fazer uma contagem das ocorrências de determinados fatores como: fontes citadas, veículos que escreveram as notícias, presença ou não de fotos, links e vídeos, tipo de arte citada e categoria da notícia. Esses resultados servirão para compreender, através da análise qualitativa, a hipótese que sustenta este trabalho.

*“É na sala de aula, com Educação de qualidade, que se iniciam e se firmam as bases para o desenvolvimento efetivo de uma economia competitiva, de uma sociedade mais justa e de um Estado de Direito forte e consolidado. Portanto, mais que uma questão pedagógica e mais até que uma questão social, Educação é uma estratégia prioritária de desenvolvimento econômico, social e político de uma nação. Nessa medida, não pode continuar sendo assunto de especialistas, nem tampouco monopólio ou responsabilidade exclusiva do Estado. Educação é tarefa e responsabilidade de todos. Como bem disse um dia Claudio de Moura Castro, ‘imagine o que seria do Brasil, se todos vigiassem a Educação como vigiam a seleção brasileira’”*

(SENNA, 2000, p. 8)

## 2. EDUCAÇÃO NA IMPRENSA BRASILEIRA

Na primeira etapa deste trabalho, um histórico sobre a cobertura da educação pela mídia vai ajudar a conceber a atual estrutura em que está configurada. Neste capítulo será feita uma abordagem acerca do modo de cobrir a educação, bem como a importância que a temática tem para a imprensa e para a sociedade.

### 2.1 Breve análise da cobertura da educação no Brasil

Os temas relacionados à educação tiveram mais ênfase na imprensa a partir da década de 1990, embora desde a década de 1930, especificamente de 1930 a 1933, segundo Strang (2009), Cecília Meireles já escrevesse sobre o assunto na página de educação do Diário de Notícias. Mas foi a universalização do ensino fundamental, a criação dos sistemas de avaliação e os indicadores da qualidade da educação os fatores centrais para que os jornais começassem a investir e dedicar espaço a esse tema.

A abertura desse debate no país se deu, em termos gerais, em razão das mudanças e estratégias nas editorias de redações.

Uma denúncia aqui, outra ali – era o que se podia ver nas páginas dos principais jornais e revistas. As pautas mais profundas e as análises sobre políticas públicas educacionais ficavam restritas a títulos especializados, como as revistas *Nova Escola*, *Pátio* e *Educação*, que não são dirigidas à população em geral. (CRUZ, 2016)<sup>9</sup>

Outro fator que contribuiu para o alargamento da cobertura da educação foram as atividades do Fórum Mídia e Educação, de 1999,<sup>10</sup> que organizou uma pesquisa e um seminário, contribuindo para a mobilização de jornalistas. Como resultado do evento, foram geradas duas publicações: uma tratava da cobertura de educação realizada com dados de 1997 e 1998; a outra foi um completo Guia de Fontes em Educação, lançado em

---

<sup>9</sup> CRUZ, Priscila. “Não somos mais os mesmos. Ainda bem!”. *Jeduca*. 23 jun. 2016. [s.l]. Disponível em: <<http://jeduca.org.br/texto/nao-somos-mais-os-mesmos-ainda-bem>>. Acesso em 5/6/2018.

<sup>10</sup> O Fórum Mídia e Educação foi realizado em novembro de 1999, em São Paulo, e envolveu 150 personalidades de todo o país, entre jornalistas e especialistas em educação. Iniciativa conjunta da ANDI, MEC, Unicef e Instituto Ayrton Senna, entre outros parceiros, o encontro teve como objetivo propiciar uma reflexão aprofundada sobre os rumos da cobertura jornalística focada nos diversos aspectos da temática. Fonte: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pol/midia\\_educacao.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pol/midia_educacao.pdf)>. Acesso em 5/6/2018.

2000. O estudo contou com a ajuda do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política da Universidade de Brasília (NEMP) e instituições parceiras.

Apesar do crescimento da pauta educacional nos jornais na década de 1990, sua presença ainda não era tão significativa e trazia consigo algumas dificuldades em sua cobertura, dispondo de visibilidade muito menor do que temas como o esporte, por exemplo.

Há vinte anos a gente andava de carro sem cinto de segurança, alugava uma fita VHS para assistir àquele muito aguardado filme, tinha guia de ruas no carro para poder chegar aos destinos visados, revelava os filmes para só então saber como haviam ficado as fotos, tinha de escolher entre usar o telefone ou a internet, que era discada. Isso era normal – não parecia errado, ineficiente ou antiquado. Agora, quando contamos essas coisas para a geração mais nova, parece um absurdo! O mesmo vale para a cobertura jornalística da educação no final dos anos 1990. Você se lembra de como era? Para mim, vem à mente cenas de longas filas de espera para matricular as crianças no início de cada ano letivo. Depois, no decorrer dos meses, o tema não tinha presença expressiva nas pautas da grande imprensa. (CRUZ, 2016)<sup>11</sup>

A busca por um lugar de destaque nos jornais parece sempre ter sido um obstáculo para os profissionais da área. São muito poucas as diferenças que encontramos, por exemplo, quando comparamos relatos sobre a cobertura jornalística da educação nos séculos XX e XXI. A fala anterior de Cruz, que se refere à década de 1990, não se difere muito da fala do presidente do Instituto Alfa e Beto, João Araújo e Oliveira, no V Seminário Internacional IAB, em 2013:

“Cachorro mordeu a moça” não dá manchete. Manchete seria “moça mordeu o cachorro”. Todo foca de jornalismo ouviu de seu superior, nas redações, algo parecido com isso a título de orientação na busca por uma boa matéria – uma boa história, com o lead no lugar certo. Por acreditar que a área de educação é uma usina de notícias que, se bem contadas, além de serem de extrema utilidade pública, captarão a atenção dos leitores, o Instituto Alfa e Beto decidiu partir para uma ação inovadora: promover um seminário para jornalistas com foco em educação. Mais ainda, trabalhar para levar a educação para as manchetes dos jornais – não com escândalos, mas com boas práticas e bons resultados! [...] Como leitor e educador, compartilho da frustração dos jornalistas setoriais a respeito da qualidade da cobertura da educação no Brasil e do seu status na mídia. Educação na primeira página, só quando há escândalo. (ARAÚJO E OLIVEIRA, 2013, p. 7-8).

Diferentemente do que ocorre na mídia brasileira, na mídia britânica, a educação é um assunto que regularmente gera discussão no país. Segundo Boccanera (2012), “O cidadão

---

<sup>11</sup> CRUZ, Priscila. *op. cit.*

comum no Reino Unido pode não saber o nome de vários ministros, mas é alta a probabilidade de que ele conheça Michael Gove<sup>12</sup>”.

O tal Ministro Gove é um convidado frequente no rádio e na televisão, além de aparecer bastante nos jornais e na televisão para se justificar e levar pedradas do público no estilo do confronto que a mídia aqui adota com os políticos: de forma educada mas cobrando dos governantes em nome do povo. Ocorreu até essa semana com a ministra assistente (atrapalhada em esclarecer o que o repórter da BBC cobrava dela) até que ele finalmente perguntou: – Não lhe ocorreu que a senhora pode ser incompetente para o cargo que ocupa? Esse tipo de confronto é comum aqui. Educação mobiliza mídia porque mobiliza o público convencido de que para garantir o aprendizado de seus filhos é preciso cobrar resultados das escolas, de seus professores, das entidades de educação, dos governos, dos políticos. Afinal, é a formação dos filhos que está em jogo. (BOCCANERA, 2012)<sup>13</sup>

O espaço que a educação ocupa tanto na mídia quanto na sociedade brasileira tem raízes profundas na nossa cultura. Segundo o senador Cristovam Buarque em entrevista: “Por algum motivo, o povo brasileiro, incluindo você, eu, sendo pobres ou não, não dá importância à educação. Ninguém é considerado rico no Brasil por ser culto. Você é considerado rico pela casa, pela conta bancária, pelo tamanho do carro, mas não pelo grau de cultura e educação.” (GONZATTO, 2015). Mesmo quem gasta dinheiro para estudar, muitas vezes, não está em busca de cultura, está em busca do emprego que a educação lhe pode possibilitar. O outro motivo é de razão social e política: “O Brasil é um país dividido em duas classes bem separadas. Tudo o que é da parte rica, a gente resolve. O que é da parte pobre, a gente abandona.” (GONZATTO, 2015)

Em contraposição a isso, no Congresso promovido pela Jeduca:

O editor da Folha projetou no telão da sala de debate uma lista com as dez matérias do jornal que tiveram maior índice de leitura na internet no primeiro semestre. A mais lida revelou que o governo federal pagou a youtubers para que elogiassem a reforma do ensino médio, seguida de reportagem sobre uma jovem negra de baixa renda que passou em primeiro lugar no concorrido curso de Medicina da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto. “As reportagens geram cliques pela presença da educação no dia a dia das pessoas. Elas se preocupam com isso, gostam de exemplos de boa educação, como o de uma escola pobre do interior do Piauí com bom desempenho em matemática.” Scolese<sup>14</sup> disse que boas pautas de educação sempre são valorizadas na Folha, mas admitiu que a

<sup>12</sup> Michael Andrew Gove (3 de agosto de 1943, Edimburgo) é um político britânico do Partido Conservador. Entre os anos 2010 e 2014, ele foi Ministro da Educação. Em 2015, foi nomeado Ministro da Justiça e Lorde Chanceler da Grã-Bretanha. Fonte: <<https://www.michaelgove.com/about-michael>>. Acesso em 9/6/2018.

<sup>13</sup> BOCCANERA, Sílio. Educação e mídia. *Observatório da Imprensa*. 10 jul. 2012. Rio de Janeiro: TV Brasil (52m13s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=D52-A\\_RIjj8&t=2262](https://www.youtube.com/watch?v=D52-A_RIjj8&t=2262)>. Acesso em 5/6/2018.

<sup>14</sup> Eduardo Scolese, jornalista no jornal Folha de S.Paulo, editor do núcleo de cidades (Cotidiano, Ciência, Saúde e Esporte). Fonte: <<https://br.linkedin.com/in/eduardo-scolese-935b4868>>. Acesso em 7/6/2018.

disputa por espaço é grande. “No Cotidiano, a gente cobre desde educação, saúde, segurança, ambiente, gestões Dória e Alckmin, crise da água, num espaço de quatro, cinco páginas por dia.” (REDAÇÃO JEDUCA, 2017)<sup>15</sup>

Já Nélio Horta<sup>16</sup> também deu um parecer:

Historicamente a Globo, a Fundação Roberto Marinho, sempre deram espaço para a educação. Pauta de educação é sempre bem-vinda, em qualquer telejornal. Mas como é que a gente consegue emplacar uma notícia de educação no Jornal Nacional com Brasília pegando fogo? Os telejornais vivem de notícia, eles têm que dar notícia. Então se eu chego lá e digo ‘vamos tratar do ensino médio’, alguém vai dizer: Vai produzindo aí e algum dia a gente mostra. Porque eu tenho outras prioridades. (REDAÇÃO JEDUCA, 2017)<sup>17</sup>

A imprensa brasileira opta pelo simplismo porque frequentemente carece de profissionais treinados para encarar complexidades. De acordo com Mazzitelli (2016)<sup>18</sup>, do site Jeduca, 99% dos jornalistas que trabalham com educação dizem não ter recebido qualquer preparação específica para lidar com o assunto. Além disso, quantos jornais têm seções especializadas em educação? Por que a mídia dá tanta atenção às dietas anticelulites e dedica quase nenhum espaço à formação de médicos? A educação nunca é tratada como tema de urgência porque são poucos os jornalistas especializados e porque, nas redações, impera o dogma de que educação não rende jornal, não atrai público. A esse respeito, afirma Gois (2012): “A educação não dá Ibope só na imprensa, se a educação desse Ibope a gente não seria hoje a sociedade que somos e nem investiria em educação o que a gente investe hoje”.<sup>19</sup>

Quando Nélio Horta, na reportagem da Redação Jeduca (2017), diz que “[...] telejornais vivem de notícia, eles têm que dar notícia. Então se eu chego lá e digo ‘vamos tratar do ensino médio’, alguém vai dizer: Vai produzindo aí e algum dia a gente mostra. Porque eu tenho outras prioridades.”, fica evidente outra questão muito importante na abordagem desse tema: o critério de noticiabilidade.

<sup>15</sup> REDAÇÃO JEDUCA. “Como fazer educação ganhar audiência? Editores respondem”. *Jeduca*. [s.l.]. 4 set. 2017. Disponível em: <<http://jeduca.org.br/texto/como-fazer-educacao-ganhar-audiencia-editores-respondem->>. Acesso em 5/6/2018.

<sup>16</sup> Nélio Horta, chefe de Produção de Telejornais da TV Globo em São Paulo. Fonte: <<https://br.linkedin.com/in/nelio-horta>>. Acesso em 7/6/2018.

<sup>17</sup> REDAÇÃO JEDUCA. *op. cit.*

<sup>18</sup> MAZZITELLI, Fábio. “Em busca do conhecimento”. *Jeduca*, [s.l.], 24 jun. 2016. Disponível em: <<http://jeduca.org.br/texto/em-busca-do-conhecimento>>. Acesso em 9/6/2018.

<sup>19</sup> GOIS, Antonio. Educação e mídia. *Observatório da Imprensa*, 10 jul. 2012. Rio de Janeiro: TV Brasil (52m13s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=D52-A\\_RIj8&t=2262](https://www.youtube.com/watch?v=D52-A_RIj8&t=2262)>. Acesso em 5/6/2018.

Para se decidir o que deve ser notícia ou não, o jornalista analisa o fato de diversos ângulos e aplica crivos e classificações, atribuindo valor aos fatos, ou valores-notícia, determinando a importância de um fato ou acontecimento a ser noticiado, também chamados de critérios de noticiabilidade. “Os critérios de noticiabilidade não são rígidos nem universais e por vezes são contraditórios e mudam ao longo do tempo, alterando também de acordo com o contexto onde estão inseridos e a sua abrangência”. Muitos autores descrevem o valor notícia como um instrumento determinante para os profissionais de comunicação. Eles também são muito similares na maioria das redações dos veículos. Para determinar quais acontecimentos devem ser publicados ou descartados é necessário fazer uma separação dos fatos mais relevantes e importantes. (LINO E FRANCISCO *apud* SELIGASUL, 2016)<sup>20</sup>

E a educação, nesse sentido, com frequência, deixa de ser adequadamente noticiada em função desses critérios de noticiabilidade.

Escolhas são feitas – o que está incluído e o que está excluído, o que é tornado explícito ou deixado implícito, o que é colocado em destaque e o que é minimizado, o que é tematizado e o que não é tematizado, que tipos de processos e categorias são empregados para representar acontecimentos, e assim por diante. Questões sobre as motivações sociais para determinadas escolhas, e sobre ideologias e relações de dominação são uma preocupação constante na análise de tais escolhas. (FAIRCLOUGH *apud* SELIGASUL, 2016)<sup>21</sup>

Essas questões nos remetem à entrevista de LynNell Hancock<sup>22</sup> no V Seminário do Instituto Alfa e Beto, onde alguns pontos gerais no que diz respeito à cobertura da educação foram esclarecidos. A seguir, alguns trechos da fala da entrevistada:

[...] Os jornais tradicionalmente organizam a cobertura jornalística em torno de temas-chave: política, cultura, internacional, saúde, ciência, educação, economia e negócios, religião, crime, serviços. As organizações mais sólidas possuem jornalistas para cada área – o que assegura conteúdo intelectual e continuidade histórica. Este é um primeiro passo para assegurar a profundidade da cobertura numa empresa jornalística. Mas o que costuma acontecer é que esses temas acabam competindo por espaço. E, no geral, crime, política, economia e conflitos internacionais ganham a batalha, porque são consideradas “notícias de

<sup>20</sup> LINO, Francisco. Critérios de noticiabilidade: O factor proximidade. In: SELIGASUL. “O que são e quais são os critérios de noticiabilidade”. *Projeto em Jornalismo Digital*. Rio de Janeiro. 23 nov. 2016. Disponível em: <<https://zonasuldorj.wordpress.com/2016/11/23/o-que-sao-e-quais-sao-os-criterios-de-noticiabilidade/>>. Acesso em: 5/6/2018.

<sup>21</sup> FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. In: \_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://zonasuldorj.wordpress.com/2016/11/23/o-que-sao-e-quais-sao-os-criterios-de-noticiabilidade/>>. Acesso em: 5/6/2018.

<sup>22</sup> LynNell Hancock é uma repórter e professora de educação. Ela se formou na Universidade de Iowa e na Escola de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade de Columbia, onde agora é professora. Fonte: <[https://archive.is/20071219042021/http://www.journalism.columbia.edu/cs/ContentServer/jrn/1165270051276/JRN\\_Profile\\_C/1165270081602/JRNFacultyDetail.htm](https://archive.is/20071219042021/http://www.journalism.columbia.edu/cs/ContentServer/jrn/1165270051276/JRN_Profile_C/1165270081602/JRNFacultyDetail.htm)>. Acesso em 7/6/2018.

verdade”, o núcleo “duro” do jornalismo: lidam com fatos quentes, imediatos, há ganhadores e perdedores. Tudo isso casa naturalmente com a fórmula da boa cobertura jornalística. Já educação, saúde e religião, por exemplo, não costumam gerar manchetes bombásticas no dia a dia. São encaradas áreas “periféricas”, quando, ao contrário, são temas complexos e cheios de nuances. A educação não é uma área isolada do conhecimento, mais adequada para as páginas de “estilo e vida” do que para a primeira página. Ela está intimamente conectada com a economia, política, crime, política internacional, religião, cultura ou saúde. Por isso, advogo que os melhores jornalistas deveriam ser escalados para cobrir essas temáticas e de forma interconectada a outras áreas do conhecimento. [...]

**No Brasil, como nos EUA, a agenda da educação está nas mãos de atores políticos. Como isso afeta a cobertura da educação? Contribui para aumentar a miopia ou distorcer os fatos?**

L.H.: O maior erro da mídia é cobrir um tema a partir da agenda oficial, dos press releases dos governos, do que vem de cima para baixo. Não se pode cobrir educação como tema estritamente político. No cotidiano, os jornalistas telefonam para seus interlocutores no governo e esperam que o funcionário ou gestor lhes diga qual é a pauta, qual a notícia. Com isso em mãos eles tratam como notícia o release oficial. Procuram uma fonte habitual do campo contrário apenas para garantir uma ou duas citações polêmicas. Fim de papo. Com isso, a mídia perde a chance de estabelecer conexões reais entre a política pública em questão com pesquisas que possam existir sobre o tema ou mesmo perdem a chance de analisar como essa política ou orientação repercute ou irá repercutir na sala de aula. Raríssimos são os jornalistas que acompanham um tema para saber se a decisão foi implementada e se está funcionando. Tudo é esquecido muito rapidamente. O público fica com a impressão de que algo deve estar acontecendo nas escolas, mas não tem informações para acompanhar ou avaliar o que está acontecendo de fato. Esta é a forma mais fácil de jornalismo – de cima para baixo – e a menos útil para os leitores.

**Como levar, então, a educação para a primeira página das publicações?**

L.H.: Como jornalista setorial e como professora de jornalistas, meu principal objetivo é trazer a educação para as primeiras páginas, para o topo das notícias, que é onde a educação deve estar. Uma forma de fazer isso é aproveitar-se de alguma iniciativa que chame a atenção e trazê-la a público sob uma nova perspectiva. Outra forma consiste em fazer uma pergunta totalmente diferente, levar a discussão para outro plano, mudar o tema. Editores podem decidir que um assunto é relevante mesmo que os políticos e responsáveis pela educação não estejam atentos ao tema. Por exemplo, seguindo cada criança que morre ou que é morta numa determinada região relevante para os leitores, e a partir daí explorar as circunstâncias em que isso ocorreu, como parte de um esforço para entender as raízes da violência. Isso foi exatamente o que ocorreu numa série de reportagens publicadas no jornal *Chicago Tribune*. Veja, por exemplo, o título de um livro que foi retomado anos depois: *A pré-escola já é tarde demais*. Há enorme quantidade de pesquisas oriundas da psicologia, neurociência e das ciências políticas e sociais que um bom jornalista pode trazer à tona e examinar velhos temas com um novo olhar – como esse da Pré-Escola. E não existe nada mais pungente do que

histórias que nos envolvem com a vida das crianças. Outro caminho já trilhado e bastante eficaz para chegar às primeiras páginas consiste em dedicar energia e recursos para o jornalismo investigativo. É falsa a ideia de que a educação não se presta a esse tipo de jornalismo. Educação pública é um negócio de grande vulto. É crucial para a economia de um país. Bilhões de recursos públicos vão para as escolas. Há interesses públicos e privados em usar as escolas como mercados, venda de tecnologia, programas de treinamento, alimentação. Siga o dinheiro – público e privado. Focalize em que o dinheiro é gasto, como é gasto, quais são os resultados, e o qual seria o benefício social se não houvesse dinheiro para uma determinada atividade. Em outras palavras, se o dinheiro público é usado para aumentar as horas de funcionamento da escola, por exemplo, o que têm a dizer os cientistas sociais a respeito dos eventuais benefícios disso? Quais seriam as consequências se isso não ocorresse? Esta é a marca registrada do jornalista numa sociedade livre – ser o olho independente sobre o governo e as instituições poderosas que afetam nossas vidas. Atualmente, chamamos a isso de “jornalismo responsável” (*accountability journalism*), e este é um movimento que deve incluir a educação como tema com uma frequência muito maior do que ocorre. (HANCOCK, 2013, p. 13-17)

A cobertura da educação engloba muitas questões que perpassam os campos social, político, econômico e cultural do país, que serão analisados com maior profundidade no decorrer do trabalho. Por hora, precisamos salientar:

A educação é antes de tudo, algo extremamente complexo. É difícil cobrir educação. Os índices, os indicadores, os sistemas de avaliação, os debates, os economistas que entram direto nesse debate com um linguajar nem sempre compreensível ao comum dos mortais, as fontes de financiamento – entender o Fundeb é um pesadelo para alguns –, as metodologias, as epistemologias, as ideologias que se insinuam com cara de teorias – enfim, esta é uma área que exige muito preparo. Uma área muito complexa, porém fundamental. (ARAUJO E OLIVEIRA, 2013, p. 8)

## 2.2 A evolução da cobertura da educação e seus desafios

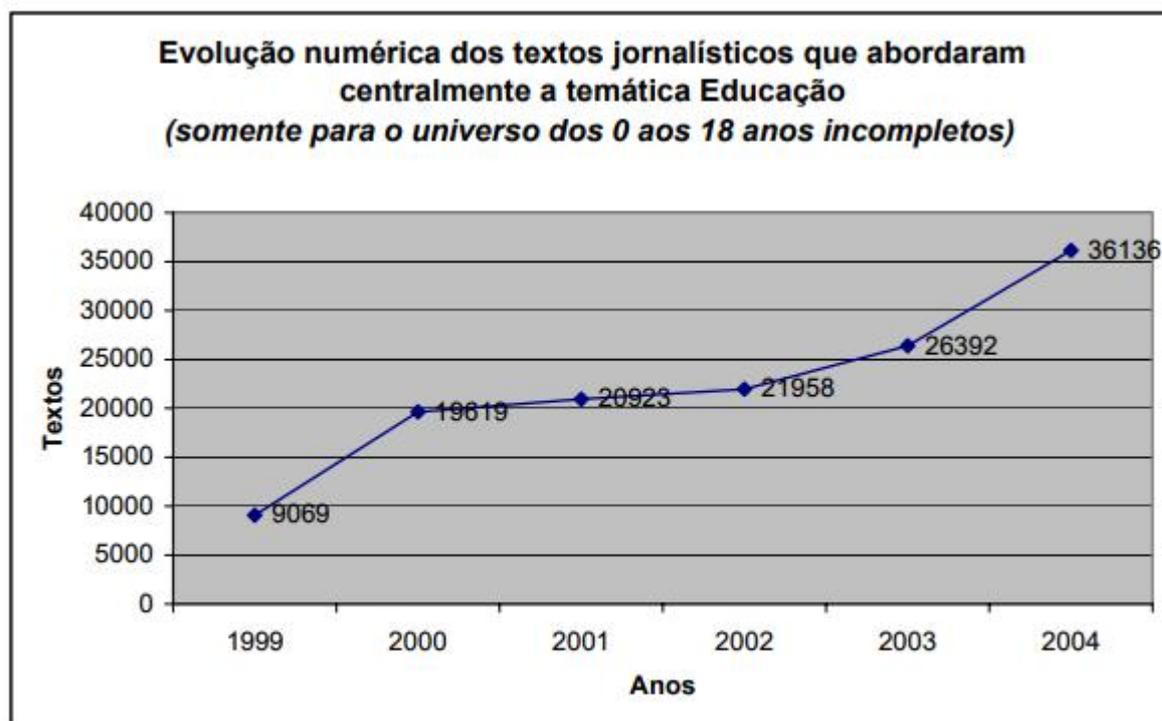
O que mudou na cobertura jornalística de educação no país nos últimos anos? Houve avanços ou retrocessos? Daqui em diante, por meio de artigos e seminários produzidos pela Jeduca e outras instituições, acompanharemos uma breve evolução da cobertura e os desafios que permearam e permeiam essa trajetória. Como membro integrante do grupo Jeduca, e com a permissão de seus diretores, passarei também a compartilhar algumas de nossas discussões mais adiante neste trabalho.

Em 2000 e 2001, morei em Maryland, nos Estados Unidos, e lia o *Washington Post*. Ficava maravilhada com a cobertura de educação: a quase cada manhã, uma notícia sobre escolas e universidades, geralmente crítica e focando os limites do desempenho escolar dos alunos

americanos, devo dizer, estampava a primeira página. Nesse período, saiu o resultado da primeira participação do Brasil no Pisa (*Programme for International Student Assessment ou Programa Internacional de Avaliação de Estudantes*), em que figuramos entre os últimos lugares entre, então, 56 países. Não me lembro de ter visto algum jornal dar chamada de primeira página. A maior parte sequer divulgou. (COSTIN, 2016)<sup>23</sup>

Apesar de o relato anterior atestar a omissão da imprensa brasileira em relação à classificação do país no Pisa, foi durante o período de 1999 a 2004 que a educação teve o seu auge na mídia.

Voltando ao Brasil, as coisas pouco a pouco começaram a mudar: reportagens sobre a situação das escolas iam aparecendo, geralmente associadas à infraestrutura física, qualidade da merenda, falta de vagas em creches ou a desvios de recursos. Lembro de que, quando assumi a Secretaria de Educação do Rio [de Janeiro], conversei com cada jornal da cidade dizendo que disponibilizaria os dados de aprendizagem da rede municipal de Educação, que passaram a ser acompanhados a cada bimestre (avaliação formativa) e anualmente, por meio da Prova Rio e do AlfabetizaRio (avaliação somativa), para que pudesse haver pressão social por qualidade, e não só por infraestrutura. (COSTIN, 2016)<sup>24</sup>



\* O número de jornais analisados de 1999 a 2002 foi de 50; em 2003, foi de 54; já em 2004 alcançou 60.

Fonte: Agência de notícias dos direitos da infância Ministério da Educação, 2005, p. 19.

<sup>23</sup> COSTIN, Claudia. “Escolarização não é aprendizagem”. *Jeduca*. 12 ago. 2016. [s.l.]. Disponível em: <<http://jeduca.org.br/texto/escolarizacao-nao-e-aprendizagem>>. Acesso em 5/6/2018.

<sup>24</sup> *Ibidem*.

Costin (2016) afirma que a aprendizagem começou a ser tematizada no Brasil há pouco tempo. E isso tem relação com o surgimento do movimento Todos pela Educação<sup>25</sup>, em 2006.

O movimento foi construído a partir da constatação de que não havia ainda no país pressão social por qualidade no ensino. Esta constatação era corroborada por uma pesquisa feita à época pelo Ibope em parceria com a iniciativa Educar para Crescer, para identificar as percepções da população sobre a qualidade da educação no Brasil e, em particular, da escola das crianças da família. O resultado foi surpreendente: havia uma visão crítica em relação à educação no Brasil, mas a escola dos filhos recebia, numa escala de 0 a 10, nota 7. Ou seja, os entrevistados estavam razoavelmente satisfeitos com a escola pública ou particular, o que certamente significaria que não fariam pressão para a qualidade do ensino melhorar. (COSTIN, 2016)<sup>26</sup>

Assim, “uma iniciativa como o Todos poderia ser um elemento que ajudasse a criar maior controle social e pressão por melhorias no ensino, além de tentar terminar a tarefa inconclusa de colocar todas as crianças na escola e mantê-las na série correta para a idade”. (COSTIN, 2016).<sup>27</sup>

Tive a honra de constar entre os fundadores do movimento e integrar o seu Comitê Técnico. Pudemos ajudar o Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) a construir um indicador de qualidade da educação básica, o Ideb. Este indicador permitiria, caso a Prova Brasil se tornasse censitária, como de fato ocorreu, não apenas à população em geral acompanhar o estado da educação no país e em cada unidade subnacional, como a cada pai de aluno conhecer a evolução do processo de ensino-aprendizagem na escola do seu filho. Para isso, foram criados pelo Inep pequenos cartazes com o indicador para cada escola, sua evolução no tempo e a meta estabelecida para a unidade. Estes cartazes estavam afixados nas escolas (na parte interior dela) quando cheguei ao Rio de Janeiro e assumi o cargo de secretária municipal de Educação. Os pais, nessa circunstância, não tinham acesso à informação de como estava a escola dos filhos, a não ser que entrassem no prédio e soubessem interpretar os dados. (COSTIN, 2016)<sup>28</sup>

Ainda segundo Costin (2016): “Aí entra o papel da imprensa e da cobertura jornalística sobre educação no Brasil. Na própria composição e forma de organização do Todos pela Educação, o importante papel social da imprensa estava previsto.”<sup>29</sup> Imediatamente após a liberação dos resultados da primeira edição do Índice de

<sup>25</sup> Fundado em 2006, o Todos Pela Educação é um movimento da sociedade brasileira cuja missão é contribuir para que, até 2030, o país assegure educação básica pública de qualidade a todas as crianças e jovens. Para mais informações: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/quem-somos/o-todos/>>. Acesso em 13/6/2018.

<sup>26</sup> COSTIN, Claudia. *op. cit.*

<sup>27</sup> *Ibidem.*

<sup>28</sup> *Ibidem.*

<sup>29</sup> *Ibidem.*

Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) ou mesmo da Prova Brasil, que informam a parte do índice que se refere à aprendizagem (uma segunda parte refere-se ao fluxo ou taxa de aprovação dos alunos), relatórios de avaliação foram enviados à imprensa, tanto pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) como pelo Todos.

A essa altura, alguns jornalistas já estavam mais avançados na análise de dados educacionais, ou ao menos na cobertura de iniciativas inovadoras em educação, tanto no que se refere a inclusão quanto a qualidade. Além de veículos especializados, dirigidos a professores ou dirigentes públicos, a grande imprensa passou a contar com profissionais aptos a entender os desafios da educação brasileira e a analisar os dados. Dentre os pioneiros estão o Gilberto Dimenstein<sup>30</sup>, a Monica Weinberg<sup>31</sup> e o Antônio Gois<sup>32</sup>. O Gilberto acabou focando mais na inclusão da juventude e na interessante relação entre bairro, artes e juventude, mas o Antônio Gois ficou centrado em educação básica. Não por acaso, ambos saíram do Brasil por um período para estudar e tiveram acesso a pesquisas internacionais sobre o que funciona em educação. (COSTIN, 2016)<sup>33</sup>

Com o apoio de outros meios como a televisão e o rádio na cobertura educacional, o acesso aos resultados de aprendizagem pela população ficou mais fácil, de acordo com a jornalista: “Estes veículos ainda abordam sobretudo infraestrutura escolar e desvios de recursos, agendas também importantes, mas de mais fácil trabalho jornalístico. Mesmo assim, a passos lentos, a pauta educacional vai avançando na direção da aprendizagem.” (COSTIN, 2016)<sup>34</sup>

Quando se fala em “mais fácil trabalho jornalístico”, não se quer dizer que seja um trabalho menos importante, mas que, ao tratar de educação – e em qualquer outra editoria também –, alguns aspectos são mais difíceis de serem pesquisados e formatados em informação e requerem um estudo ou formação específica. E é aqui que está um dos maiores desafios em cobrir essa temática. Muitas vezes, a familiaridade do jornalista com um assunto não é suficiente para levar à elaboração de uma matéria confiável e/ou com informações satisfatórias para abordá-lo com a devida profundidade.

---

<sup>30</sup> Gilberto Dimenstein (São Paulo, 28 de agosto de 1956) é um escritor e jornalista brasileiro. É o criador do portal *Catraca Livre* e foi comentarista da Rádio CBN. Foi também colunista do jornal *Folha de S.Paulo* por 28 anos. Fonte: <<http://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/gilberto-dimenstein/>>. Acesso em 7/6/2018.

<sup>31</sup> Mônica Weinberg é uma jornalista da editora Abril que faz importantes entrevistas para a revista *Veja*, em especial quando o tema é a educação. Fonte: <<https://alexandrojose.wordpress.com/2016/10/06/monica-weinberg-e-o-faustao/>>.

<sup>32</sup> Antônio Gois é colunista do jornal *O Globo* e comentarista do Canal Futura de educação, tema que cobre desde 1996. Fonte: *O Globo*.

<sup>33</sup> COSTIN, Claudia. *op. cit.*

<sup>34</sup> *Ibidem.*

Em um café da manhã produzido pela Jeduca em fevereiro de 2018 com a presença de apoiadores do projeto, um dos relatos pontuou essa questão:

Um passo importante para qualificar a cobertura de educação é atrair jornalistas que não são setoristas da área para a pauta. “Cada vez mais, jornalistas de economia e política escrevem sobre educação, mas, como não estão familiarizados com o debate, muitas das matérias publicadas contêm erros ou conceitos equivocados”, disse Priscila. Ela citou como exemplo matérias de economia que usam o PIB (Produto Interno Bruto) como referência para analisar o investimento em educação no Brasil, que comparam a porcentagem do PIB investida em educação no Brasil com outros países reconhecidos por oferecer uma educação de qualidade. “Esse tipo de comparação pode levar à conclusão de que o Brasil tem um volume adequado de investimento em educação, o que não é necessariamente verdade se analisarmos o gasto por aluno.” (REDAÇÃO JEDUCA, 2018)<sup>35</sup>

Essa problematização do uso superficial ou da descontextualização de dados é um indício da complexidade do tema. Buarque (2012), no já citado programa *Observatório da Imprensa*, da TV Brasil, comenta sobre uma notícia de que a Federação Internacional de Futebol (FIFA) tinha colocado o Brasil em 11º lugar em um ranking futebolístico, gerando muitas outras notícias, mas, quando a Unesco colocou o Brasil em 88º lugar no quesito educacional, isso não teve o destaque que parece cabível:

Isso não dá destaque do ponto de vista analítico. Do ponto de vista de falar superficialmente, dá. Mas por exemplo, porque a educação no Brasil é atrasada? Essa sociologia da notícia a gente não vê, mas também não vê essa sociologia no que se refere à corrupção. Apenas se descreve a corrupção. Não se mergulha. (BUARQUE, 2012)<sup>36</sup>

Ainda para Buarque (2012), “Euclides da Cunha não foi o primeiro jornalista a analisar a Guerra dos Canudos. Muitos foram, mas ficaram na superficialidade. Foi preciso um Euclides para fazer uma análise sociológica e ver que na superfície havia guerra, mas no subterrâneo, as causas.” Para ele, é preciso mais Euclides da Cunha não só na educação, mas no jornalismo como um todo. O jornalista não precisa ser quem descreve o que acontece, mas quem aprofunda a análise e por que aquilo acontece.

Por outro lado, e não mais de forma generalizada, há quem vislumbre uma mudança de perfil na cobertura de educação em um horizonte de tempo mais longo. No tempo

<sup>35</sup> REDAÇÃO JEDUCA. “Café da manhã com apoiadores discute desafios da Jeduca”. *Jeduca*. [s.l.]. 14 fev. 2018. Disponível em: <<http://jeduca.org.br/texto/cafe-da-manha-com-apoiadores-discute-desafios-da-jeduca>>. Acesso em 5/6/2018.

<sup>36</sup> BUARQUE, Cristovam. Educação e mídia. *Observatório da Imprensa*. 10 jul. 2012. Rio de Janeiro: TV Brasil (52m13s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=D52-A\\_RIjj8&t=2262](https://www.youtube.com/watch?v=D52-A_RIjj8&t=2262)>. Acesso em 5/6/2018

presente, entretanto, a esmagadora maioria das notícias ainda insiste em caminhos mais superficiais.

“Os temas mudaram radicalmente”, disse [Alejandra Veloso]. O espaço dedicado a questões pontuais, como filas para vagas em escolas, abriu-se para o “debate sobre políticas públicas”, como o Plano Nacional de Educação ou a Base Nacional Comum Curricular. “Houve uma mudança que passou de notícias geradas por fatos para fatos que geram reflexões sobre políticas públicas”, disse Alejandra. “Ou até mesmo para cobrir temas como educação especial e educação inclusiva, desvinculados de fatos.” Mediadora do debate, Renata Cafardo perguntou sobre a importância das avaliações (*como o Enem e a Prova Brasil*) para essa alteração de perfil. Alejandra concordou que as avaliações foram um marco, mas destacou que o aspecto mais importante foi a mudança de enfoque. “A cobertura das avaliações também mudou. Passou dos rankings para informações mais qualificadas sobre o público que faz essas avaliações, permite contar histórias diferentes sobre os resultados.” (REDAÇÃO JEDUCA, 2016)<sup>37</sup>

Com singelas mudanças ou não, fato é que os desafios são sempre grandes quando o assunto é educação na imprensa brasileira.

Daniel Cara, um dos componentes da mesa de discussão do Congresso da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji)<sup>38</sup>, em matéria da Redação Jeduca (2016)<sup>39</sup>, afirmou que “o jornalismo no Brasil ainda depende muito do governo, da força com a qual o governo pauta um tema”. Sobre essa questão, Sodré diz que “se a educação fosse assunto do Estado, haveria uma continuidade. Como é governo, de um governo para outro, muda e o ministro que vem faz o que quer.” (SODRÉ, 2012)<sup>40</sup>

De acordo com a Redação Jeduca,

Daniel mencionou um dado curioso, fruto da análise que fez de todas as manifestações públicas da presidenta afastada Dilma Rousseff. A presidenta citou o termo educação em 572 dos 921 discursos proferidos desde o primeiro mandato. No período final do governo, porém, Dilma só mencionou o Pátria Educadora 22 vezes em quase cem discursos. “Quando ela elegeu o lema, deixou de colocá-lo como um tema forte.” Ainda que não disponha de dados empíricos, o coordenador da Campanha acredita que esse recuo da educação na agenda do governo federal

<sup>37</sup> REDAÇÃO JEDUCA. “A evolução da cobertura de educação e seus desafios”. *Jeduca*. [s.l]. 1 jul. 2016. Disponível em: <<http://jeduca.org.br/texto/a-evolucao-da-cobertura-de-educacao-e-seus-desafios>>. Acesso em 5/6/2018.

<sup>38</sup> Congresso Anual da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), na Universidade Anhembi-Morumbi, zona sul de São Paulo, no dia 23 de junho de 2016.

<sup>39</sup> Daniel Cara é coordenador geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, bacharel em Ciências Sociais e mestre em Ciência Política pela USP. Fonte: <<https://educacao.uol.com.br/colunas/daniel-cara/>>. Acesso em 9/6/2018

<sup>40</sup> SODRÉ, Moniz. Educação e mídia. *Observatório da Imprensa*, 10 jul. 2012. Rio de Janeiro: TV Brasil (52m13s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=D52-A\\_RIj8&t=2262](https://www.youtube.com/watch?v=D52-A_RIj8&t=2262)>. Acesso em 5/6/2018.

contribuiu para que o tema perdesse espaço na cobertura de televisão. Acredita que esse impacto foi menor no jornalismo impresso, no qual outros fatores tiveram papel mais relevante, como o corte de profissionais e a extinção de editorias de educação. (REDAÇÃO JEDUCA, 2016)<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> REDAÇÃO JEDUCA. “A evolução da cobertura de educação e seus desafios”. *Jeduca*. [s.l]. 1 jul. 2016. Disponível em: <<http://jeduca.org.br/texto/a-evolucao-da-cobertura-de-educacao-e-seus-desafios>>. Acesso em 5/6/2018.

*“A realidade é que as rédeas do poder social se confundem cada vez mais com os dispositivos de controle da informação. A crise das antigas formas técnicas de transmissão do conhecimento, do jornal ao livro, torna cada vez mais claro que a perda de centralidade simbólica dos suportes apenas realça o poder da informação generalizada. A grande transformação privilegia a dimensão técnica do homem, em tal magnitude que a forma da consciência contemporânea é fundamentalmente tecnológica. Isto equivale a dizer que o relacionamento do sujeito humano com a realidade hoje passa necessariamente pela tecnologia, em especial as tecnologias da informação, em todos os seus modos de realização.”*

(SODRÉ, 2012, p. 13)

### **3. WEB: GOOGLE, NOVOS RUMOS DO JORNALISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS**

Nos últimos anos, tem ocorrido uma ampliação cada vez maior do campo jornalístico por diversas razões, sobretudo pela forte diversificação da figura jornalística e pela abertura às assessorias de imprensa. Os profissionais já tem debatido amplamente essas grandes transformações. A velocidade e a magnitude aparentemente ilimitadas da Internet levaram à produção de um tipo de informação que suscita análises e habilidades diferenciadas, capazes de oferecer visões globais sobre a complexidade social do mundo atual. O jornalismo deve identificar novas formas de compartilhamento que possam enriquecer a reflexividade social e torná-la um diálogo.

Sodré (2012) complementa:

Outra questão é saber levar em conta o fato iniludível de que as tecnologias da comunicação e da informação não podem ser doravante dissociadas de qualquer discurso a que se venha atribuir um estatuto pedagógico. A comunicação, em toda a sua abrangência conceitual da palavra, está no cerne da educação que vem. Por um lado, o indivíduo sente-se compelido a correr contra o tempo produzido e acelerado pelas tecnologias da informação, já que é imperativo atualizar-se para pôr à altura das novas exigências oriundas do mundo do conhecimento e do trabalho. Por outro, as mesmas tecnologias que o pressionam podem converter-se em valiosas ferramentas formativas (SODRÉ, 2012, p. 14)

#### **3.1 Velocidade e popularização**

O jornalismo baseia-se na seleção, construção e reelaboração por meio da rotinização e padronização do trabalho, com o auxílio das quais podemos apresentar notícias regulares e definidas em dimensões precisas espaço temporais. A seleção é um ato atribuível à negociação entre o jornalista e o contexto social formado pelo público e pelas fontes. Essa interação faz com que o jornalismo seja continuamente silenciado e as direções em que aponta sejam aquelas dos processos de aceleração e popularização. O primeiro processo está ligado à crescente quantidade de informação a ser processada e à expansão dos espaços de informação, ambas consequências do advento dos novos meios de comunicação. A luta contra o tempo tornou-se, em especial em função da Internet, uma característica própria da profissão, um paradigma profissional. Com um clique, você vai de uma parte do mundo para outra, então são os fatos que chegam ao escritório editorial, e não

o contrário. O ciclo de tempo das notícias tornou-se muito mais curto do que no passado, as atualizações são contínuas, mais compreensíveis e fáceis de comunicar, com benefícios imediatos. Isso significa que falamos de muito mais coisas, mas com menor profundidade; não há o devido tempo para absorver as notícias com maior critério. Além disso, a transmissão ao vivo de notícias quebra o equilíbrio da cadência diária das matérias esperadas do noticiário da noite ou do jornal da manhã.

As notícias virtuais chegam ininterruptamente ao longo do dia. Essa aceleração leva à ampliação do “espaço social mediado”, isto é, na verdade, o número de temas e assuntos mencionados está crescendo, acompanhado do número de indivíduos que se beneficiam desses processos informacionais. Por outro lado, no entanto, a grande rapidez com que uma notícia “nasce” e “morre” implica um recurso excessivo à simplificação e à personalização na representação dos fatos. Por isso, muitas vezes se fala de temas mais amplos que contam a experiência individual do protagonista do evento, de forma a facilitar a atribuição de significado às notícias e tentar capturar a atenção do público em um espaço saturado de informação. Uma consequência imediata disso é também o sensacionalismo, isto é, o uso de fortes conotações para procurar o efeito especial e, de certo modo, atrair consumidores. A outra direção na qual o jornalismo tem caminhado, o processo de popularização, é mais uma consequência. De fato, a necessidade de envolver um grande público no menor tempo possível leva à popularização da informação.

### **3.2 Características do jornal na web e suas diferenças do jornal impresso**

Na web, as características do jornalista e do jornal mudam devido às especificidades dessa plataforma. Os dois pontos centrais dessas transformações são a multimídia<sup>42</sup> intrínseca e a natureza hipertextual<sup>43</sup> da escrita na web. Textos, imagens, áudios e vídeos podem ser inseridos ao mesmo tempo, aproximando o jornal de

---

<sup>42</sup> Segundo Barbosa, tanto no sentido sociológico e cultural como no sentido tecnológico da convergência de matriz digital, constata-se que ela uniu a informática, as telecomunicações, e a microeletrônica, e, graças às novas tecnologias de informação e comunicação, ela surgiu para integrar e dotar dispositivos de múltiplas funções, tanto no sentido, nos efeitos e nas consequências, fazendo com que a convergência tenha e continue tendo papel fundamental para o jornalismo e para as empresas informacionais. (BARBOSA *apud* NOGUEIRA; MALLMANN, 2013, p. 6).

<sup>43</sup> Suanno afirma: “As páginas da internet estão estruturadas em hipertextos, que se constroem a partir de operação elementar da atividade interpretativa que é a associação dando sentido a um texto ligando-o e conectando-o a outros textos. Através do hipertexto, devido a maior dinâmica ao texto, rompendo com a linearidade, disponibilizando um número ilimitado de informações, o internauta pode definir e selecionar o que busca possibilitando uma série de possibilidades, com direito à inúmeras tentativas e mudança de temática, dado ao caráter essencialmente interativo a transmissão da Internet que depende das ações do internauta, de modo ativo frente ao que escolhe ler, copiar, enviar, criar.” [sic] (SUANNO *apud* NOGUEIRA; MALLMANN, 2013, p.7).

características do rádio e da televisão. A primeira diferença real do jornal em papel para o jornal on-line é a presença do áudio, com a qual você pode ouvir do entrevistado o que você queria dizer. Esse serviço serve inclusive para ajudar os jornalistas a produzir transcrições mais fiéis em suas matérias, uma vez que qualquer informação pode passar despercebida quando se está fazendo e escrevendo uma entrevista ao mesmo tempo. Graças ao fato da web aceitar conteúdos em diferentes formatos como texto, áudio e vídeo, ela possibilita, por meio da digitalização da informação, sua circulação em diferentes plataformas e suportes, agregando e complementando o conteúdo informativo.

Outra diferença é o uso de vídeos. Essa é uma fronteira ainda a ser demolida por inteiro, porque esse é um recurso muito caro para ser proposto com frequência e também muito “pesado” para os leitores que têm pouco tempo disponível. O custo de uma câmera digital é de pelo menos 3000 reais<sup>44</sup> para os modelos mais rudimentares; um iniciante também tende a passar por uma fase de aprendizado básico, em que é natural que cometa muitos erros técnicos (luz errada, movimentos abruptos etc.). Além disso, para baixar a recuperação, você precisará de um poderoso computador e programas especiais, sem contar com um bom número de pessoas que lide com isso. Portanto, nem todos podem ter o privilégio de recorrer ao vídeo.

O jornal on-line deve repensar sua relação com o espaço e o tempo, conceitos redefinidos na web. Na Internet, o espaço disponível é muito maior, quase ilimitado, e o jornalista pode explorar esse potencial de forma criativa e variada. Se há mais elementos e detalhes disponíveis para publicação, você pode inseri-los e optar por uma cobertura mais integral, enquanto, no papel, faz-se sempre necessária uma seleção mais estrita. Não queremos inferir que na web não haja seleção, mas que é possível, a qualquer momento, alterar e flexibilizar o texto, ao passo que, quando falamos de impressos, é preciso esperar edições posteriores para corrigir ou acrescentar informações. Na rede, no entanto, há menos tempo para o trabalho nas matérias, pois o fluxo de notícias é maior e suscita a produção de material 24 horas por dia. O jornal geralmente tem um prazo diário, semanal ou mensal, e na web o fluxo é ininterrupto. Com isso, a organização dos editores muda, produzindo uma rotinização com mais trabalho na mesa.

(...) “O quanto antes a notícia chegar, mais eficiência tem o veículo”, afirma. No jornalismo feito para a web, a velocidade é a marca da

---

<sup>44</sup> Preço médio em oito lojas distintas segundo o site zoom.com.br. Disponível em: <<https://www.zoom.com.br/camera-digital/camera-digital-nikon-d7200-full-hd-24-2-mp-dslr-profissional>>. Acesso em 13/6/2018.

veiculação de notícias. Mesmo que seja sobre um mesmo assunto, a cada novo fato relevante, uma matéria nova é gerada. Esse conteúdo é publicado na seção de “últimas notícias” e cada matéria vem acompanhada de seu horário de publicação. A instantaneidade possibilita ao leitor saber dos fatos mais importantes e relevantes, quase que em tempo real. Quanto ao caráter inovador desse recurso, pesquisadores dividem suas opiniões: para alguns, a existência da atualização contínua, ainda que seja potencializada pela web, não configura uma ruptura, pois a mesma instantaneidade é encontrada no rádiojornalismo e no telejornalismo (...) (NOGUEIRA E MALLMANN, 2013, p. 9)

Assim, as informações sobre as questões em debate crescem em quantidade e especificidade, graças a um aparato editorial mais setorizado e especializado. O jornalista que produz para o meio digital encontra na prática, em tempo real, um elevado número de informações sobre o que precisa, graças a bancos de dados e arquivos muito diversificados. Essa realidade dá vida a um novo tipo de profissional, o jornalista que, a partir dessas novas e ilimitadas fontes, consegue aprofundar os temas em questão. Apesar das facilidades no processo de produção, esse jornalista precisa encarar o desafio de checar com ainda mais atenção suas fontes e notícias do que no passado.

Graças a Internet, é possível disponibilizar aos usuários o acesso a arquivos, ferramenta que não existe em outros meios. O acúmulo dessas notícias na web é mais viável técnica e economicamente. Por isso, muitos estudiosos defendem que a memória no webjornalismo representa uma ruptura deste meio em relação aos outros. A existência da possibilidade de acesso a um arquivo antigo traz mudanças tanto na produção quanto na recepção do material. Segundo Palacios (2002), a memória no webjornalismo é ao mesmo tempo múltipla, instantânea e cumulativa. Para Levy (1997), o fato de a memória nos meios digitais ser acessível de forma tão distinta das tradicionais faz com que seja preciso discutir se realmente podemos usar o conceito da palavra para esses casos: No caso da informática, a memória se encontra tão objetivada em dispositivos automáticos, tão separada do corpo dos indivíduos ou dos hábitos coletivos que nos perguntamos se a própria noção de memória ainda é pertinente. (NOGUEIRA E MALLMANN, 2013, p. 8)

Além de uma liberdade maior em relação aos prazos, o jornal on-line lida com um tipo diferente de leitor, talvez intermitente e em busca de novas notícias. A verdadeira vantagem da Internet em relação ao espaço se deve ao fato de que os *bytes* custam muito menos do que o papel, portanto, o espaço na web é uma parte ínfima dos custos de um periódico digital. Nesse caso, o que é mais custoso são os salários dos jornalistas, o software inicial, a contratação da equipe editorial e a publicidade inicial para atrair alguma audiência. Na versão em papel, fora outras questões especiais, é um problema aumentar o espaço para conteúdo.

No ano passado, publiquei um post sobre estudo feito por Nicholas Carlson, do *The Business Insider*. Basicamente o que ele fez foi calcular quanto custa ao *The New York Times*, em um ano, imprimir os exemplares enviados a cada um de seus assinantes. Dividiu essa cifra pela quantidade de assinantes e descobriu que isso é mais que o dobro do preço de um Kindle, o popular e-reader da Amazon, que, a propósito, oferece a assinatura digital do mesmo jornal a um custo bastante competitivo se comparado à versão impressa. O autor sugeriu então que o jornal presenteasse cada um de seus assinantes com um Kindle e economizasse, assim, muito dinheiro. (PINHEIRO, 2010)<sup>45</sup>

A Internet permite o acesso a referências e artigos interessantes e a pesquisa personalizada do leitor através do arquivo on-line. Assim, por meio de palavras-chave, por tema ou ordem cronológica, é possível ao usuário chegar às informações que lhe interessem. Um paradoxo encontrado na web é que, apesar de sua aparente irrestrrição, nela existe uma tendência a coberturas de menor magnitude, de eventos locais ou de “nicho”. Em uma palavra, poderíamos dizer que a web é a maior expressão do processo chamado “glocalização”, a união global e local. As notícias locais são de grande interesse para os leitores que precisam saber o que está acontecendo em sua comunidade e querem discutilas com os vizinhos. Podemos usar como exemplo o jornal O Globo, que cobre notícias da cidade do Rio de Janeiro, do Brasil e do mundo e possui uma seção específica para bairros. Por ser um jornal voltado para o público da região metropolitana do Rio de Janeiro, esse “caderno” Bairros acaba por agrupar os leitores com interesse nessas regiões com notícias sobre trânsito, clima e administração municipal, por exemplo. Outro caso é o site G1, que, além da página principal, dispõe de uma seção com notícias direcionadas para cada estado do país.

---

<sup>45</sup> PINHEIRO, Gabriel. “O real custo de produção do jornalismo”. Estadão. 6 set. 2010. *Estadão*. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/blogs/macaco-eletrico/o-real-custo-de-producao-do-jornalismo/>>. Acesso em 18/6/2018.

Seguro | <https://oglobo.globo.com/rio/>

[globo.com](#) | [g1](#) | [globoesporte](#) | [gshow](#) | [famosos & etc](#) | [vídeos](#)

**O GLOBO** MENU RIO

**RIO** >  
ir para a página

[ANCELMO.COM](#)  
[BAIRROS](#)  
[TRÂNSITO](#)

**ASSUNTOS EM DESTAQUE**

**Tiroteio durante operação das Forças de Segurança assusta moradores da Rocinha**

**Operação das Forças de Segurança na Rocinha e em mais três comunidades prende 16 pessoas**

Zé Paulo Becker lança CD e DVD no Blue Note

Quatro corpos de vítimas de naufrágio em Itaguaí são liberados pelo IML

Forças de Segurança fazem operação na Rocinha

Retomadas buscas pelos desaparecidos em naufrágio em Itaguaí

TÓPICOS [INTERVENÇÃO NO RIO](#) [REAGE RIO](#)

Fonte: site O Globo

Seguro | <https://g1.globo.com>

[globo.com](#) | [g1](#) | [globoesporte](#) | [gshow](#) | [famosos & etc](#) | [vídeos](#)

MENU **G1**

editorias

**regiões**

telejornais

vídeos

especial publicitário

fale com o g1

grupo globo

princípios editoriais

**REGIÕES**

centro-oeste >

nordeste >

norte >

**sudeste >**

sul >

**SUDESTE**

espírito santo

minas gerais

**rio de janeiro**

são paulo

**RIO DE JANEIRO**

rio de janeiro e região

norte fluminense

região dos lagos

região serrana

sul e costa verde

Fonte: site G1.com

Outra questão importante de abordar como diferença do jornal on-line para o impresso é a da forma de redação. O fato que baseia a ação do jornalista é a falta de vontade do internauta em ler o texto palavra a palavra. Por isso, entende-se que, na web, é preciso usar sintaxe e estética diferentes, adaptadas ao perfil de um leitor mais apressado e imediatista. A maneira de escrever na internet não tem regras seguras, ou ao menos a

literatura sobre esse assunto ainda é escassa. Muitas vezes, na web, o que acontece é que todo mundo produz e tem seu próprio estilo. O canadense Crawford Kilian, estudioso de escrita criativa, escreveu *Writing for the web* [Escrevendo para a web], identificando algumas “regras”.

Entrevistado por Rebêlo (2002), Kilian alega que a regra mais importante, na web, é a necessidade de ser curto e claro, expressar-se de forma precisa e com o menor número possível de palavras. Blocos de texto muito longos provavelmente farão com que o leitor os evite, pois, em geral, dispõe de pouco tempo para se engajar. É por isso que, para o jornalista, o trabalho sobre títulos, legendas e resumos é fundamental.

### **Quais são as diferenças entre o webwriter e o jornalista tradicional que trabalha com/para a web?**

O jornalista tenta manter-se atualizado em relação a eventos e acontecimentos, de forma a publicar/reportar enquanto o assunto ainda é notícia. O webwriter também pode fazer a mesma coisa, indo mais além: precisa tentar escrever sobre tópicos que não são notícias. Jornalistas e webwriters compartilham muitas habilidades e valores. Por exemplo, a notícia tradicional costuma ser escrita no estilo “pirâmide invertida”, com a informação mais importante na chamada/subtítulo e no primeiro parágrafo. Um texto para a web é basicamente igual, pela mesma razão: leitores de jornais e leitores de sites tendem a escanear as chamadas, olhando para aquelas que mais interessam. Temos que dar a informação básica no início. Jornalistas e webwriters têm a mesma concisão de valores. Se os webwriters podem cortar cem palavras em uma reportagem de 500, certamente eles o farão. (REBÊLO, 2002)<sup>46</sup>

De acordo com Público (1998), as regras do jornalismo digital se resumem assim:

- O estilo deve ser o mais simples e utilizado no sentido habitual. Preferir a frase afirmativa e o estilo direto, recusar a imprecisão e a ambiguidade.
- Manter os verbos na voz ativa e de preferência, no presente. A voz ativa traz agilidade na leitura, além de evitar a monotonia. As formas condicionais, compostas, passivas e ou negativas prejudicam e desvalorizam o estilo direto.
- Evitar adjetivação excessiva ou inadequada, ela enfraquece a qualidade e o impacto informativo do texto.
- A linguagem deve ser concisa, sem floreios. O texto deve conter palavras suficientes. Cada frase, cada palavra deve lutar para sobreviver. Às vezes escreve-se muito para dizer muito pouco... Se não fizer diferença, cortar.

---

<sup>46</sup> REBÊLO, Paulo. “Crawford Killian e a diferença em webwriting”. *Web Insider*. 2 mai. 2002. Disponível em: <<https://webinsider.com.br/crawford-killian-e-a-diferenca-em-webwriting/>>. Acesso em 5/6/2018.

- Usar sempre palavras curtas ao invés de seus sinônimos maiores: substituir todas as expressões e palavras grandes por palavras curtas e fáceis.
- As frases e parágrafos devem enunciar ideias com princípio, meio e fim.
- Evitar frases feitas e lugares-comuns, chavões e palavras de ordem; elas artificializam ou estereotipam a prosa e tornam-na menos incisiva na apresentação dos fatos e das ideias.
- Evitar metáforas elaboradas; muitas pessoas passam os “olhos no texto”, não lendo todo o conteúdo. Assim, os leitores podem pular trechos do texto e perder o fio da meada.
- Bem empregadas, as imagens e as metáforas podem dar cor e sonoridade à narrativa, uma das regras para uma comunicação fácil e atrativa. Mal utilizadas, criam, porém, uma penosa sensação de pedantismo e mau gosto.
- Evitar o estrangeirismo, termo técnico ou calão; se for possível, usar um termo corrente. Às vezes os estrangeirismos não são mais que formas de mascarar o discurso. Sendo acessível e direto, o redator se fará compreender.
- Usar sempre parágrafos e sentenças curtas. Nos parágrafos, usar no máximo 400 caracteres, o que significa 6 linhas de texto. As frases devem conter uma ou duas ideias, não mais, para facilitar a leitura. Evitar rodeios; repetições, preciosismos, redundâncias, e cacofonias que obscurecem a comunicação, reduzem-lhe a eficácia e contrariam a fluência da leitura.
- Transformar grandes parágrafos em listas com destaque; as pessoas compreendem melhor a informação dividida. Nos parágrafos mais extensos, os subtítulos servem para tornar a leitura mais fácil e aliciante.
- Organizar as frases que estiverem invertidas. A sequência lógica de uma frase em português (sujeito-predicado-complemento) facilita a fluência e a compreensão da mensagem.
- Atentar para a credibilidade do texto. Usar sempre fontes idôneas de citação e bibliografia.
- Tentar estimular a passagem de hiperlinks ao final de cada tela.
- Reduzir a quantidade de texto, mas não de informação. (PÚBLICO *apud* BARBOSA, 2004, p. 177-178)

### 3.3 Google como ferramenta de pesquisa

Como mencionado na introdução, o Google será a ferramenta usada na filtragem das notícias para análise. Mesmo com as exemplificações da cobertura da educação através dos jornais impressos no capítulo 2, neste trabalho serão utilizadas notícias do campo digital, que é onde o jornalismo tem ganhado crescente força. Como o período a ser analisado se inicia em 2013, nada melhor do que o Google como referência de busca, uma

vez que, segundo a Universia Brasil (2014), em 2013 ele foi o segundo site mais acessado do mundo:

Ele é um dos maiores buscadores on-line do mundo e possui diversos serviços paralelos, **como o Google+**, Gmail, Google Drive, etc. Além da importância do Google para a tecnologia, nos últimos anos ele tem se mostrado como **uma das empresas que mais investem em educação**. Recentemente, o Google investiu U\$ 40 milhões no **Renaissance Learning**, empresa que oferece soluções tecnológicas para professores que desejam acompanhar, avaliar e progredir no ensinamento de seus alunos. A Renaissance já é muito conhecida nas escolas norte-americanas por oferecer **alternativas criativas para os educadores**. [...] Não é difícil de entender por que o Google se interessa em investir na educação, já que a **integração entre tecnologia e aprendizado** é o futuro. Eles estão apenas dando um passo à frente e se colocando no mercado como a principal empresa que consegue unir essas duas áreas. (UNIVERSIA BRASIL, 2014, grifo do autor)<sup>47</sup>

Ao fazermos a análise através do Google, utilizaremos o critério de notícia sugerido por Neil Patel<sup>48</sup>.

### O que é notícia?

O Google define *notícia* como “uma informação recém adquirida ou digna de nota, especialmente sobre eventos recentes ou importantes”.

#### news

/n(y)ooz/ 

*noun*

newly received or noteworthy information, especially about recent or important events.

"I've got some good news for you"

- a broadcast or published report of news.

plural noun: **the news**

"he was back **in the news** again"

*synonyms:* **report, announcement, story, account**; [More](#)

- *informal*

information not previously known to someone.

"this was hardly news to her"

Fonte: Neil Patel

<sup>47</sup> UNIVERSIA BRASIL. "Conheça a relação entre o Google e a educação". *Universia*. 12 mar. 2014. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/atualidade/noticia/2014/03/12/1087501/conheca-relacao-google-e-educacao.html>>. Acesso em 5/6/2018.

<sup>48</sup> Neil Patel é um dos maiores nomes do marketing digital; foi reconhecido pelo ex-presidente norte-americano Barack Obama como um dos cem maiores empreendedores com menos de 30 anos. Criador de quatro das mais populares ferramentas de SEO (otimização de sites) do mundo e autor de um dos principais blogs de marketing. Fonte: <<https://neilpatel.com/br/blog>>. Acesso em 18/3/2018.

De acordo com Patel, o Google Notícias organiza as notícias do mundo todo de forma que todos possam ter acesso a elas. “Visite a homepage do Google Notícias. Todas as histórias em destaque são conteúdo original com fontes credíveis. E não, nenhum dos sites é classificado mais do que uma vez por suas histórias.” (PATEL, 2018)<sup>49</sup> Outra questão importante no que se refere ao Google, é que, para garantir credibilidade perante os usuários, ele faz um ranking de autores. Sendo assim, quanto mais conteúdo original for produzido por determinado autor/fonte, mais alto no ranking ele estará classificado.



Fonte: Neil Patel

Além disso, o Google preserva as regras do bom jornalismo:

O Google ainda se importa com o estilo e o conteúdo dos artigos. Fazer bom jornalismo é principalmente ser verdadeiro e o mais objetivo possível. Por que você acha que o Google Notícias rastreia, indexa e publica conteúdo da CNN, da BBC, do Techcruch, do *The Wall Street Journal* e outros? Um dos motivos é o fato de que esses sites respeitam

<sup>49</sup> PATEL, Neil. “Google Notícias: Gere Tráfego Com as Principais Notícias do Google”. *Neil Patel*. [s.l.]. Disponível em: <<https://neilpatel.com/br/blog/como-usar-o-google-noticias-para-direcionar-trafego-para-o-site/>>. Acesso em 18/6/2018.

práticas rigorosas do jornalismo. São órgãos que praticam a transparência e seguem as mesmas normas profissionais. (PATEL, 2018)<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> PATEL, Neil. *op. cit.*

*“O Brasil mudará de ‘cara’ quando houver um casamento real da educação com a arte. Será então um país com memória.”*

(MOLGA, 19??)

#### 4. ARTE: SUAS DEFINIÇÕES, HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO E IMPORTÂNCIA

Neste capítulo, construiremos um pensamento a respeito do que é a arte e descobriremos que sentido ela assume nesta pesquisa. Em seguida, serão feitos um panorama do ensino de arte no Brasil, uma reflexão a respeito de seu valor para a educação e, finalmente, de como é efetivamente tratada nos jornais quando junto daquela.

##### 4.1 Explicando o que é arte



Fonte: Reprodução vídeo Youtube *Tomatoes, or How Not To Define "Art"* [Tomates, ou como não definir "arte"]. Youtube. 2 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XmxIK9p0SNM>>. Acesso em 5/6/2018.

Se a educação como pauta jornalística é uma questão bastante complexa, definir o que é arte é outro desafio, uma tarefa difícil ao nos depararmos com a infinidade de explicações possíveis para tal. Seria interessante revisitar definições célebres de arte elaboradas em diversos segmentos do conhecimento, como a filosofia, as ciências naturais e tantos outros, mas, em vez de fazer esse levantamento, tentaremos compreender os motivos que nos levam a essa busca pelo significado da arte.

Tomaremos como base uma pergunta que muitos de nós já ouvimos alguma vez na vida: tomate, afinal, é fruta ou legume? Essa foi uma pergunta feita por Ian Danskin<sup>51</sup> em seu vídeo *Tomatoes, or How Not to Define Art*<sup>52</sup>.

Para ele, tomate é um bom exemplo de uma palavra capaz de assumir duas definições diferentes, a depender do contexto em que é usada. Como o uso mais frequente é na culinária, o tomate é geralmente definido em um nível gastronômico por suas qualidades vegetais. Seu uso alimentar tem muito em comum com o uso de todos os outros alimentos que costumamos chamar de legumes e vegetais, palavras que não têm uso ou significado científico, bem como a palavra inglesa correspondente *vegetable*<sup>53</sup> também não o tem. Mas, do ponto de vista botânico, o tomate é um fruto, isto é, em termos gerais, a parte de uma planta que frutifica e cujos frutos abrigam suas sementes. Também se aplica a pimentões, berinjelas e outros frutos comestíveis que geralmente não chamamos de frutas, mas, sim, de vegetais, sem que nosso conhecimento implícito de sua definição botânica cause contradições ou mal-entendidos.

O tomate, explica Danskin, admite duas definições diferentes: a definição botânica, “fixa”, que indica o que está no nível da teoria científica, e uma definição gastronômica mais aberta e variável, referindo-se ao uso alimentar e ao sabor do tomate, mais ligado ao contexto cultural e certamente muito mais prático e conveniente quando a intenção for utilizar o tomate como ingrediente de uma refeição.

O mesmo acontece de forma muito nítida com gêneros musicais. Para entender o significado de *rock*, por exemplo, é muito mais fácil e mais conveniente observar o uso comum dessa palavra, ou seja, dois ou três exemplos pertencentes à mesma classe em vez de tentar defini-lo precisamente. Essa inclinação completamente humana à categorização é muito útil quando se trata de gerenciar grandes fluxos de informação e identificar razões

---

<sup>51</sup> Ian Danskin é um artista americano autônomo e autor de vídeos informativos curtos publicados em um canal no YouTube chamado *Innuendo Studios*.

<sup>52</sup> Danskin, 2017, *op.cit.*

<sup>53</sup> Vegetal é um termo culinário. Sua definição não tem valor científico e costuma ser um tanto arbitrária e subjetiva. Todas as partes de plantas herbáceas consumidas como alimento pelos humanos, no todo ou em parte, são comumente consideradas vegetais. Cogumelos, por exemplo, apesar de classificados como fungos, também são comumente considerados vegetais. Uma vez que “vegetal” não é um termo botânico, é usual que, em referência a partes de uma planta, se use o termo. Dada essa regra geral, os vegetais podem incluir folhas (alface), caules (espargos), raízes (cenouras), flores (brócolis), bulbos (alho), sementes (ervilhas e feijões) e, claro, os frutos botânicos (pepinos e abóboras). Fonte: <<https://www.sciencedaily.com/terms/vegetable.htm>>. Tradução própria.

recorrentes. É, no entanto, uma operação cultural, cujo resultado pode apresentar uma variabilidade muito ampla, dependendo do contexto.

No fim dos anos 1980, por exemplo, procurando empresas potencialmente interessadas em produzir um de seus primeiros álbuns, a cantora e compositora norte-americana Lucinda Williams enviou uma demonstração para diferentes gravadoras e recebeu respostas bastante conflitantes. Ela relata em entrevista: “Na Sony, em Los Angeles, eles me disseram que era *country* demais para o *rock*, então mandei para Nashville (Tennessee) e eles me disseram que era *rock* demais para o *country*.” (WILLIAMS, 2012)<sup>54</sup>. O álbum *Lucinda Williams* acabou sendo lançado pela Rough Trade Records, uma gravadora britânica conhecida, na época, principalmente pelo trabalho com música *punk*; o álbum foi então considerado um dos primeiros e mais apreciados exemplos de outro gênero: *alt-country*.<sup>55</sup>

Essa tendência de incluir os elementos da mesma série em categorias apropriadas não tem, entre outras coisas, uma leitura unidirecional: o resultado dessa operação também pode servir, ao contrário, para definir um grupo de pessoas. De acordo com o engenheiro de som Glenn McDonald, que trabalhou na criação de um grande mapa com mais de 1.400 gêneros musicais<sup>56</sup> (todos os ruídos de uma vez) para a *Eco Nest*, uma propriedade da plataforma Spotify, há gêneros musicais aparentemente muito semelhantes, difíceis de distinguir não só para um especialista, mas mesmo para um computador. No entanto, de acordo com ele, basta olhar para os dois grupos distintos de fãs dos dois gêneros para detectar imediatamente uma série de diferenças muito óbvias entre um grupo e outro. Em seu artigo no jornal *The New York Times*, Tom Vanderbilt resume: “As pessoas rotulam música, a música rotula as pessoas.” (VANDERBILT, 2016)<sup>57</sup>

Tudo isso para exemplificar que é nesse mesmo caminho que está a arte e qualquer outra coisa que tentemos definir. Contudo, podemos recorrer também às definições dos

---

<sup>54</sup> WILLIAMS, Lucinda. Lucinda Williams [singer, songwriter]. *Believer Magazine*. Las Vegas: Jul/ago, v. 10, n. 6, 2012. Entrevista concedida a Madeleine Schwartz. Disponível em: <[https://www.believermag.com/issues/201207/?read=interview\\_lucindawilliams](https://www.believermag.com/issues/201207/?read=interview_lucindawilliams)>. Acesso em 9/6/2018.

<sup>55</sup> O *country* alternativo ou *alt-country* foi forjado na recuperação da capacidade do gênero em se adaptar às narrativas do americano médio, então devidamente influenciado pelas tendências da época em que surgiu (fim da década de 1980), tempo em que o mundo transformava-se para adotar sua configuração atual. Fonte: <<http://monkeybuzz.com.br/artigos/7697/uma-alternativa-para-o-country/>>. Acesso em 13/6/2018.

<sup>56</sup> É possível consultar o mapa no seguinte endereço: <<http://everynoise.com/engenremap.html>>. Acesso em 9/6/2018.

<sup>57</sup> VANDERBILT, Tom. “The Psychology of Genre Why we don’t like what we struggle to categorize”. *The New York Times*. 28 mai. 2016. Disponível em: <[https://www.nytimes.com/2016/05/29/opinion/sunday/the-psychology-of-genre.html?\\_r=1](https://www.nytimes.com/2016/05/29/opinion/sunday/the-psychology-of-genre.html?_r=1)>. Acesso em 9/6/2018.

dicionários mais amplamente utilizados; o Oxford English Dictionary<sup>58</sup>, por exemplo, refere-se à arte como “expressão ou aplicação das habilidades criativas e imaginação dos seres humanos, geralmente em formas visuais como pintura ou escultura, na produção de obras apreciadas principalmente por sua beleza e força emocional”<sup>59</sup> Existe um senso comum de arte, em sentido amplo, como uma habilidade específica em fazer algo, competência adquirida ou aperfeiçoada através de exercício e prática (a arte do carpinteiro, por exemplo). É, entretanto, em seu sentido cultural mais genérico que a arte costuma ser referenciada.

Muitas vezes as definições de arte são redutivas, questionáveis e incompletas. Em 1997, Amei Wallach<sup>60</sup> (do jornal norte-americano *The New York Times*) pediu uma definição sintética para vários estudiosos, diretores de museus e figuras políticas. “Qualquer coisa pode ser arte”, disse o crítico Thomas McEvelley, e “não há uma definição única de arte” foi a resposta de William Rubin, ex-diretor de pintura e escultura no MoMA (Museu de Arte Moderna), em Nova York. A única impressão recorrente, apesar de possivelmente frustrante, obtida a partir da leitura dessas respostas é que não pode haver nenhuma definição estrita de arte, pois a arte é aquilo que certa quantidade de pessoas define como tal.

O que pode ou não ser considerado arte já foi e continua recorrentemente a ser tema de discussões acadêmicas. Ao modo do exemplo dos gêneros musicais, a existência de tantos gêneros mais específicos, cada qual com particularidades – como a arte conceitual, a arte pop, a arte performática e outras linhas –, dificulta ainda mais a elaboração de uma definição totalizante de arte.

Danskin, ao problematizar nosso interesse em definir o que é ou não arte, mesmo sem diminuir o valor da avaliação crítica e competente, chama atenção para o número de pessoas que não vê a arte como uma prática ligada a um conjunto complexo e articulado de teorias, mas como uma espécie de rótulo, um gênero que insula e define objetos individuais considerados artísticos de acordo com critérios que também são, inevitavelmente,

---

<sup>58</sup> “Art”. *Oxford English Dictionary*. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/art>>. Acesso em 9/6/2018.

<sup>59</sup> Tradução própria. Original em inglês: “The expression or application of human creative skill and imagination, typically in a visual form such as painting or sculpture, producing works to be appreciated primarily for their beauty or emotional power”

<sup>60</sup> WALLACH, Amei. “ART; Is It Art? Is It Good? And Who Says So?”. *The New York Times*. 12 out. 1997. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1997/10/12/arts/art-is-it-art-is-it-good-and-who-says-so.html>>. Acesso em 7/6/2018.

subjetivos. Isso se deve, ao menos em parte, à estreita relação que a arte tem com a beleza e o gosto, categorias próprias da estética e termos que, para Danskin, voltando ao modelo teórico do tomate, se referem mais à esfera da gastronomia do que da botânica. O botânico está interessado na catalogação rigorosa e na definição científica e compartilhada do fruto do tomate, e uma pessoa leiga, provavelmente, mais interessada no sabor do tomate, avaliando-o com base em critérios de gosto e pela percepção individual obtida através dos outros sentidos.

A arte, hoje, está muito ligada ao conceito de belo, inatingível. É tudo o que é considerado digno de ser exposto em um “museu nível”. Em uma famosa cena da comédia italiana *Tre uomini e una gamba* [Três homens e uma perna], dirigido e realizado em 1997 pelo trio Aldo, Giovanni e Giacomo, um dos três personagens principais fala com os outros sobre a obra de arte que irá transportar por todo o filme (uma perna de madeira de um famoso escultor); ele tenta defender e legitimar o valor e o significado do trabalho, e os outros riem pelo fato de ser tão somente um objeto aparentemente inútil para eles:

– Desculpa, mas 170 milhões nessa merdinha aqui? Mas que isso, é uma loucura!

– Loucura? Não sabe que isso aqui é um *Garpez* um dos maiores escultores vivos??

– Escultor de que coisa? Meu carpinteiro com 30 mil faz muito melhor! Esse aqui não tem nem as unhas...

– Mas o que faz o nosso sogro com uma escultura de 170 milhões?

– Ué! Uma pessoa que trabalha com negócios não pode se interessar por arte moderna? Ótimo!! Continuemos a pensar por esses lugares comuns...

(BAGLIO; STORTI; PORETTI, 2013)<sup>6162</sup>

Nessa mesma perspectiva, em 1917, o pintor e escultor francês Marcel Duchamp, agora considerado um dos maiores expoentes do surrealismo, produziu a principal obra pela qual ainda é famoso. Usando o pseudônimo R. Mutt, Duchamp assinou um urinol de

<sup>61</sup> Tradução própria. Original em italiano:

“— Scusate ma 170 milioni per questa merdina qua? Ma Dai! È una folia!

— Ma che folia! Non sai che questo qui è un ‘Garpez’ uno dei più grandi scultori viventi, eh ?

— Scultori che cosa? Guarda che mio falegname con 30 milla fa meglio! Dai, no ha neanche le unghie!

— Cosa se ne fa nostro suocero di una scultura di 170 milioni?

— Certo! Come uno fa il ferramenta non lì può interessare la arte moderna, eh? Bravo, bravo! Continui a ragionare per luoghi comuni....”

<sup>62</sup> BAGLIO, Aldo; STORTI, Giovanni; PORETTI, Giacomo. *Garpez: Tre uomini e una gamba* di Aldo Giovanni e Giacomo. *Youtube*, 30 mai. 2013 (4m10s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S4QOLhvFm-0>>. Acesso em 9/6/2018.

cerâmica branca comprado em uma loja de artigos de saúde e o nomeou *Fontaine*. Depois, submeteu-o à atenção da Sociedade de Artistas Independentes<sup>63</sup>, da qual ele era membro, mas o conselho de administração, em contravenção ao princípio constitutivo de admitir qualquer trabalho apresentado por um membro do grupo, recusou-se a expô-la, considerando-a indecente e não digna do estatuto artístico.

O que o Sr. Mutt fez foi pegar um objeto cotidiano comum e organizá-lo de modo a fazer desaparecer seu significado prático; fornecendo-lhe um novo título, colocou o objeto sob um novo ponto de vista e criou uma nova maneira de pensar sobre ele.

Num segmento intitulado *Le vacanze intelligenti* [As férias inteligentes], extraído do filme *Dove vai in vacanza?* [Onde passaremos as férias?] e dirigido por Alberto Sordi em 1978, um par de turistas romanos inexperientes no campo da arte conceitual concorda que seus filhos, estudantes universitários, organizem suas férias. A certa altura do roteiro planejado, os dois acabam visitando uma exposição de arte contemporânea na Bienal de Veneza e se veem frustrados e perplexos na ocasião.

Ao ver um guia falando a um grupo de pessoas em pé a observar um muro<sup>64</sup> (a obra do escultor Mauro Staccioli realmente foi exibida na edição de 1978 da Bienal), a mulher pergunta ao marido o que o guia estava falando; ele responde lucidamente: “O que ele diz? Está explicando, não? Está explicando coisas que não poderíamos entender.” (MOLFETTA, 2014).<sup>65,66</sup> Mais tarde, ainda durante a visita, a mulher para em um salão da exposição e gera um equívoco paradoxal (e cômico), alimentado por um conflito entre planos opostos de observação do mesmo objeto exibido. Nesse salão, havia um vaso de planta com um coqueiro e uma cadeira. Ela pede ao marido para lhe comprar uma água enquanto espera sentada na cadeira. O que acontece é que ela dorme e, nesse momento, chega um grupo de turistas e pensa que aquela imagem da dona sentada na cadeira perto de

---

<sup>63</sup> Um grupo de intelectuais livres, pensadores e progressistas que estavam marcando posição contra o que percebiam como atitude conservadora e asfixiante da *Nacional Academy of Design* em relação à arte moderna.

<sup>64</sup> Fotografia do muro em questão está na seção Anexos, p. 92.

<sup>65</sup> MOLFETTA, Roberto Di. Alberto Sordi, *Le vacanze intelligenti* - La Moglie scambiata per Opera d'Arte. [s.l.], 16 set. 2014 (2m6s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_kpQxj6cques](https://www.youtube.com/watch?v=_kpQxj6cques)>. Acesso em 9/6/2018.

<sup>66</sup> Tradução própria. Original em italiano:

“— Ma che dice quello?

— Eh che dice? Spiega, no? Spiega le cose che non potremmo capire.”

um coqueiro é uma *obra de arte viva*. O marido retorna, acorda a esposa e eles percebem o que estava acontecendo. (MOLFETTA, 2014).<sup>67</sup>

Essa sequência do filme parece menos absurda quando entendemos o sentido de arte como algo amplo e variável, que depende do contexto, do meio sociocultural e dos objetivos de quem estabelece essa definição.

#### 4.2 Arte neste trabalho

Conforme essa ideia de que o conceito de arte muito tem a ver com o contexto, neste trabalho ele assume um sentido particular em função dos objetivos da pesquisa. Aqui, todas as vezes que o termo for mencionado, estará associado a expressões artísticas – música, teatro, dança e artes visuais – usadas no âmbito escolar. Uma vez que o ponto de partida deste estudo é a aprovação, por parte da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, de uma proposta<sup>68</sup> que estabelecia como disciplinas obrigatórias da educação básica as artes visuais, a dança, a música e o teatro. O texto alterava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9.394/96), que, até então, dos conteúdos relacionados à área artística, previa a obrigatoriedade somente do ensino da música.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) orientam como conteúdos gerais de arte: as artes visuais, a música, o teatro e a dança, num conjunto que promova a formação artística e estética do aluno. O documento não define quais modalidades artísticas devem ser trabalhadas a cada ciclo de ensino, apenas oferece condições e orientações didáticas, para que as escolas definam seus projetos curriculares.

(...) os conteúdos da área de Arte devem estar relacionados de tal maneira que possam sedimentar a aprendizagem artística dos alunos do ensino fundamental. Tal aprendizagem diz respeito à possibilidade de os alunos desenvolverem um processo contínuo e cada vez mais complexo no domínio do conhecimento artístico e estético, seja no exercício do seu próprio processo criador, por meio das formas artísticas, seja no contato com obras de arte e com outras formas presentes nas culturas ou na natureza. (BRASIL, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL *apud* FREITAS, 2013)

---

<sup>67</sup> MOLFETTA, *op. cit.*

<sup>68</sup> É importante salientar que essa proposta foi transformada em lei em 3/5/2016 (Lei 13.278/2016), incluindo as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica. A nova lei alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9.394/1996) e estabeleceu o prazo de cinco anos para que os sistemas de ensino promovam a formação de professores para implantar esses componentes curriculares no ensino infantil, fundamental e médio.

**Modalidades Artísticas ou Conteúdos para o ensino de Arte (FREITAS, 2013)**

**TEATRO** – é a arte que exige a presença completa do homem: corpo, fala e gestual, em um espaço organizado (cenário), como representação de cultura e conhecimento. O teatro é uma arte milenar, contudo foram os gregos que o formalizaram a partir de rituais religiosos e simbólicos na forma como hoje o conhecemos. O teatro tem como fundamento a experiência de vida: ideias, conhecimentos e sentimentos. A sua ação é a ordenação desses conteúdos individuais e grupais. (BRASIL, 1997, p. 83 *apud* FREITAS, 2013). O ensino de teatro pode ser introduzido por atividades lúdicas como os jogos dramáticos, a fim de que o aluno possa gradualmente compreender a atividade teatral como um todo.

**ARTES VISUAIS** – pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial representam as formas tradicionais; fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação são formas resultantes dos avanços tecnológicos modernos.

**MÚSICA** – também é um bem cultural associado às tradições culturais de cada época. Na atualidade, as produções tecnológicas possibilitam a escuta simultânea do que foi e é produzido em termos de música através de discos, fitas, rádio, televisão, computador, jogos eletrônicos, cinema, publicidade e outros meios. A música é expressa por meio de sons, tons e ritmos ordenados em uma composição harmônica. As canções brasileiras são um referencial para o ensino de música onde o aluno participa como ouvinte, intérprete, compositor e improvisador.

**DANÇA** – é um bem cultural que sempre fez parte das culturas humanas e integrou o trabalho, as atividades de lazer e as religiões. Envolve a atividade corporal nas ações do cotidiano, como pular, correr, girar, subir; os jogos populares de movimento, as cirandas, as amarelinhas, se integram ao repertório que deverá ser valorizado como aprendizagem dos alunos.

**Fonte:** FREITAS, Raquel Lima de. “História da arte-educação ou história do ensino de arte no Brasil” 2 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/historia-da-arte-educacao-ou-historia-do-ensino-de-arte-no-brasil/104656#ixzz5Ha9ayinZ>>. Acesso em 5/6/2018.

### 4.3 Ensino de arte no Brasil

Como a análise de notícias deste trabalho se baseia na junção de educação e arte, será de grande valia compreendermos um pouco sobre o ensino de arte no Brasil, o que também nos ajudará a entender as razões deste trabalho. De antemão, já se sabe que a arte nunca foi um tema contemplado com a devida importância no Brasil. O ensino de arte foi implantado no país em 1816, com um caráter bastante elitista. Em seguida, após a Revolução Industrial e o surgimento da “hora do lazer”<sup>69</sup>, a arte passa a meramente preencher as horas vagas da nova sociedade que emerge, contribuindo para sua posição desfavorável no cenário social.

De acordo com Freitas (2013), a história do ensino de arte no Brasil iniciou-se com os padres jesuítas, em processos informais de criação de oficinas de artesões. Eles faziam uso das técnicas artísticas como instrumento pedagógico para a catequese dos povos indígenas. Com a vinda da família imperial portuguesa, iniciou-se o ensino formal das artes com a implantação da Academia Imperial de Belas Artes, em 1816, sob a tutela da Missão Artística Francesa. Predominava o ensino de desenho dos modelos vivos, de estampania e de produção de retratos, sempre obedecendo a um conjunto de rigorosas regras técnicas. O ingresso no estudo de artes era acessível somente a uma pequena elite, principalmente na década de 1870, em que o ensino de arte voltou-se com exclusividade para a formação de desenhistas.

Depois, em 1889, a Proclamação da República provocou novas transformações sociais, políticas e econômicas no cenário brasileiro, e a educação passou a ser um campo estratégico de efetivação dessas mudanças aos olhos dos liberais e dos positivistas. O ensino de arte concentrou-se no desenho como linguagem da técnica e da ciência, à época valorizado “como meio de redenção econômica do país e da classe obreira, que engrossara suas fileiras como recém-libertos.” (BARBOSA *apud* FREITAS, 2013).

Segundo Barbosa,

---

<sup>69</sup> “O lazer é uma construção histórica. Sendo assim, na sociedade contemporânea, ele tem assumido uma forma e características diferentes daquelas encontradas em outros momentos da história humana. No contexto da sociedade industrial, ele passou a ser explorado de maneira exagerada pela indústria do entretenimento e pelos meios de comunicação de massa, transformando-se em mais um produto a ser explorado pela sociedade do consumo. No entanto, quando o lazer é visto como uma simples mercadoria ou como uma necessidade menor na vida do indivíduo, ele passa a ser entendido como algo supérfluo, sem finalidade, e não como um direito social.” Fonte: *Fundação Cejard*. Rio de Janeiro. Sociologia: Módulo 1, Unidade 2, “Lazer, consumo e indústria cultural”. p. 31-56. Disponível em: <[https://cejard.cecierj.edu.br/Material\\_Versao7/Sociologia/Mod1/Sociologia\\_Un2\\_Fasc1\\_Mod1\\_ProjB\\_V7\\_Ceja\\_Final.pdf](https://cejard.cecierj.edu.br/Material_Versao7/Sociologia/Mod1/Sociologia_Un2_Fasc1_Mod1_ProjB_V7_Ceja_Final.pdf)>. Acesso em 5/6/2018.

o ensino de Arte esteve presente no currículo escolar desde o século XIX, com diferentes características de acordo com o contexto político e social de cada época. [...] o ensino de Arte ganhou espaço na educação devido ao ensino de Desenho que era trabalhado nas escolas, destinadas especialmente às camadas populares, como forma de preparar mão de obra especializada para o exercício profissional. A primeira lei que visava a obrigatoriedade do ensino de Arte foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1º e 2º Grau 5.692/71, conhecida como a lei educacional da Ditadura Militar. ‘Art. 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969.’ (BARBOSA *apud* PERES, 2017, p. 25-26)

Mesmo com a conquista, de acordo com Peres,

houve também uma tentativa de esvaziar o ensino dessa área do seu teor crítico e reflexivo. A LDB 5.692/71 não instituiu a obrigatoriedade da formação de professores específicos para lecionar a atividade de Educação Artística na escola, pelo contrário, deixou brechas para que o ensino fosse ministrado por profissional de qualquer área. Essa medida enfraqueceu a “comunidade disciplinar”, contribuindo para a descaracterização da disciplina, acentuando o estigma da arte como acessório, que serve apenas para decoração do espaço escolar, especialmente na produção de lembrancinhas para as datas comemorativas. De acordo com Silva (2004), a descaracterização da arte tinha como finalidade “despolitizar” ou “repolitizar”, direcionando o ensino ao patriotismo e ao nacionalismo, desconfigurando todas as experiências artísticas desenvolvidas na sociedade. (PERES, 2017, p. 26).

Segundo Ferraz e Fusari,

os anos 1980 ficaram marcados como um período de muitas lutas pela redemocratização do Brasil e de organização dos arte-educadores brasileiros para o enfrentamento das mazelas que permeavam o ensino de arte. Diversas associações de arte-educadores foram criadas em diferentes estados e regiões do país. (FERRAZ E FUSARI, 2009 *apud* PERES, 2017, p. 26).

A primeira a ser fundada foi a Associação de Arte-Educadores do Estado de São Paulo (AESP), em 1982. No ano de 1987, em decorrência da criação dessas associações, foi criada a Federação Nacional dos Arte-Educadores do Brasil (FAEB). Nos anos 1990, os arte-educadores tiveram que se mobilizar para garantir a permanência do ensino de arte no currículo escolar, pois, na elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, a arte não estava prevista para ser incluída como componente disciplinar no currículo da educação básica. Várias campanhas e movimentos foram feitos, sendo possível, graças à mobilização da categoria, a garantia da arte como um componente obrigatório em todos os níveis de ensino.

Porém, de acordo com Peres (2017), o texto da referida lei não especificava as linguagens artísticas, apenas informava que a arte era um componente curricular obrigatório. Como é possível conferir em: “§ 2º O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL *apud* PERES, 2017, p. 26-27).

Essa não especificação das linguagens artísticas (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança) gerou uma série de equívocos, pois muitos estados e municípios, em seus concursos para a seleção de docentes de Arte, não discriminam as modalidades desse ensino, exigindo apenas que o candidato tenha uma formação em Licenciatura, em qualquer linguagem artística. E as provas de seleção ainda são produzidas com base numa formação polivalente, ou seja, com conteúdos referentes a diferentes linguagens artísticas, não respeitando a formação inicial do docente. (PERES, 2017, p. 27)

No momento da elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os arte-educadores conseguiram garantir sua participação, o que possibilitou a construção de um livro próprio da área de arte. Nesse documento, a arte está representada como uma área de conhecimento humano, sendo explicitadas as linguagens artísticas que fazem parte dessa área, com conteúdos próprios, apresentando, também, algumas sugestões que ajudam a criar projetos educativos e a planejar as aulas de arte, a fim de fomentar a reflexão sobre a prática educativa.

Em 2015, ganha força o processo de elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tem como objetivo orientar a construção do currículo da educação básica das escolas brasileiras públicas e privadas.

Vários especialistas, de todas as áreas do conhecimento, presentes no currículo atual da Educação Básica, foram convocados para traçar ‘os conhecimentos essenciais aos quais todos os estudantes brasileiros têm o direito de ter acesso e se apropriar durante sua trajetória na Educação Básica, ano a ano, desde o ingresso na Creche até o final do Ensino Médio’. Entretanto, a divulgação da primeira versão do documento, ocasionou uma grande preocupação dos Arte-Educadores brasileiros, pois o Ensino de Arte perde a posição de área e é alocado na área de Linguagens, junto às disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Educação Física. (PERES, 2010, p. 27).

Novamente, foi necessária uma grande mobilização dos arte-educadores, e a situação do ensino de arte foi o grande tema debatido no Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil (Confaeb) realizado em Fortaleza/CE em novembro de 2015.

Em 23 de fevereiro de 2016, foi aprovado na Câmara do Senado o substitutivo da Câmara dos Deputados que altera o parágrafo sexto do artigo 26 da LDB 9.394/96, que

fixa as diretrizes e bases da educação nacional referentes ao ensino da arte. Essa ementa dispõe que as artes visuais, a música, a dança e o teatro são as linguagens artísticas abrangidas no ensino de arte tornado obrigatório nos diversos níveis da educação básica, do que trata o parágrafo do artigo 26 da referida lei. Apesar dessa importante conquista da especificação das linguagens artísticas, a arte como componente curricular não é posta como uma área de conhecimentos próprios na BNCC.

A limitação do espaço da arte no currículo da educação básica é muito simbólica, pois demonstra, de forma clara, que existe a intenção de tolher o potencial do trabalho artístico na escola, que tende a perder espaço para áreas de conhecimento mais científicas. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

o ser humano que não tem contato com a Arte, em suas diversas manifestações, tem uma experiência de aprendizagem restrita, na qual a ausência da dimensão do sonho, da força comunicativa das obras em seu meio, da liberdade da poesia, das mais diversas produções musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes não contribuirá para uma compreensão ampla do mundo (BRASIL *apud* PEREIRA, 2010, p. 34).

#### **4.4 Um contraponto a *la* Itália**

Em 8 de novembro de 2013, curiosamente quatro dias após o Senado brasileiro aprovar a inclusão da dança e do teatro como disciplinas obrigatórias no ensino básico, e onde começa nossa análise de notícias, ocorreu na Itália a conversão em lei do decreto que promovia a reforma da escola, encabeçada pela então Ministra da Educação Maria Stella Gelmini. Fora uma redução na duração das aulas, excluía-se o ensino da história da arte, que não seria mais contemplado em nenhuma direção dos novos institutos profissionais; nos novos institutos técnicos, estaria presente apenas no terceiro, quarto e quinto ano para os alunos do setor econômico, como os da área de turismo, integrando a disciplina “Arte e território”, que tem 66 horas de aula previstas por ano.

Os pecados dos pais caem sobre seus filhos, nós sabemos. Assim, pagaremos por gerações a nefasta idéia de confiar a Educação (que já foi) a uma ministra como Mariastella Gelmini. Entre os legados mais pesados dessa passagem fatal, devemos contar com a posterior derrubada da História da Arte da formação de cidadãos italianos do futuro. (MONTANARI, 2013)<sup>70,71</sup>

---

<sup>70</sup> MONTANARI, Tomaso. “Istruzione, i danni postumi di Gelmini: cancellata la Storia dell’arte”. *Il fatto quotidiano*. 12 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.ilfattoquotidiano.it/2013/12/14/istruzione-i-danni-postumi-di-gelmini-cancellata-la-storia-dellarte/813355/>>. Acesso em 5/6/2018.

<sup>71</sup> Tradução própria. Original em italiano: “Le colpe dei Padri ricadono sui figli, si sa. Così pagheremo per generazioni l’idea scellerata di affidare l’Istruzione (che una volta era) pubblica a un ministro come

Apesar de assinaturas e reivindicações, não foi possível remediar o erro.

Fortemente reduzida em institutos técnicos, a História da Arte foi completamente cancelada nos Profissionais: onde é possível se formar em Moda, Gráfica e Turismo sem saber quem são Giotto, Leonardo ou Michelangelo. E nas escolas secundárias de arte, nem a restauração nem a catalogação de nossa herança artística serão estudadas. Além disso, todos os experimentos que reforçaram a pequena presença da História da Arte nas outras escolas (incluindo os clássicos, sempre escandalosamente em jejum, figurativos) estão fechados. Números na mão, mais da metade dos nossos meninos vão crescer em analfabetismo artístico radical. (MONTANARI, 2013)<sup>72,73</sup>

Segundo Montanari (2013) do jornal *Il fatto quotidiano*, isto não foi um descuido ou um caso. Em vez disso, foi uma escolha consciente, gerada pelo desprezo pelas ciências humanas em geral e por uma visão profundamente distorcida do papel do patrimônio histórico e artístico do país:

(...) isso não será salvo até que os italianos voltem a lê-lo. Em suma, hoje não conseguimos encontrar algumas dezenas de milhões para ensinar história da arte: amanhã teremos que gastar centenas ou milhares para reparar o dano produzido pela ignorância geral que estamos produzindo. Por que um italiano deveria ser feliz em manter, com seus impostos suados, uma herança cultural que parece distante, inacessível, supérflua como o luxo dos ricos? É uma questão crucial, e se realmente queremos mudar o estado atual das coisas, é a partir daqui que temos que começar. Para a maioria dos italianos de hoje, a herança é como uma imensa biblioteca impressa em um alfabeto agora desconhecido. E nós não podemos amar e, portanto, queremos salvar, o que não entendemos, o que realmente não sentimos. Sem mencionar nossa classe dominante: a mais figurativamente analfabeta do hemisfério ocidental. (MONTANARI, 2013)<sup>74,75</sup>

---

Mariastella Gelmini. Tra le eredità più pesanti di quel passaggio fatale si deve contare l'ulteriore estromissione della Storia dell'arte dalla formazione dei cittadini italiani del futuro.”

<sup>72</sup> MONTANARI, Tomaso. *op. cit.*

<sup>73</sup> Tradução própria. Original em italiano: “Fortemente ridotta negli Istituti tecnici, la Storia dell'arte è stata del tutto cancellata in quelli Professionali: dove è possibile diplomarsi in Moda, Grafica e Turismo senza sapere chi sono Giotto, Leonardo o Michelangelo. E nei Licei artistici non si studierà più né il restauro né la catalogazione del nostro patrimonio artistico. Inoltre si chiudono tutte le sperimentazioni che rafforzavano l'esigua presenza della Storia dell'arte negli altri licei (compresi i classici, da sempre scandalosamente a digiuno di figurativo). Numeri alla mano, più della metà dei nostri ragazzi crescerà in un radicale analfabetismo artistico.”

<sup>74</sup> MONTANARI, Tomaso. *op. cit.*

<sup>75</sup> Tradução própria. Original em italiano: “che non si salverà finché gli italiani non torneranno prima a saperlo leggere. Insomma, oggi non riusciamo a trovare qualche diecina di milioni per insegnare la Storia dell'arte: domani ne dovremo spendere centinaia o migliaia per riparare ai danni prodotti dall'ignoranza generale che stiamo producendo. Perché un italiano dovrebbe essere felice di mantenere, con le sue sudate tasse, un patrimonio culturale che sente lontano, inaccessibile, superfluo come il lusso dei ricchi? È una domanda cruciale, e se davvero si vuol cambiare lo stato presente delle cose, è da qua che bisogna partire. Per la maggior parte degli italiani di oggi, il patrimonio è come un'immensa biblioteca stampata in un alfabeto ormai sconosciuto. E non si può amare, e dunque voler salvare, ciò che non si comprende, ciò che non si

De acordo com Montanari (2013), os italianos no Louvre eram reconhecidos pelo fato de que eles sabiam como olhar uma pintura e, ao contrário dos franceses, sabiam por que a estudavam nas escolas.

Se a escola não promove o contato com esse tema, é ilusório pensar que outras agências (potencialmente) educacionais o façam. Nos meios de comunicação, em programas de televisão ou em livros para o público em geral, não há lugar para uma abordagem de fato informativa e alfabetizadora da história da arte como uma escola pode oferecer.

Em 1941, na hora mais sombria da história européia, o grande historiador de arte Bernard Berenson foi capaz de destilar profundamente, e profundamente proféticas, páginas sobre o destino da história da arte. Naqueles meses, ele vislumbrou um mundo “mantido por biólogos e economistas, como guardiões platônicos, dos quais nenhuma atividade ou vida seria tolerada que não cooperasse com um fim estritamente biológico e econômico”. Ele também previu que “a fragilidade da liberdade e da cultura” poderia ter aberto o caminho para uma sociedade em que haveria espaço para “recreação fisiológica em várias formas, mas certamente não para as humanidades”. Menos de um século depois, estamos chegando: mesmo que os Gelmini pudessem prever. (MONTANARI, 2013)<sup>7677</sup>

O exemplo da Itália foi utilizado aqui na intenção de que, mais à frente, possa, talvez, nos ajudar a repensar e compreender nossa própria cultura no que diz respeito a essa temática. Se a Itália, que é considerada por muitos, a nível de senso comum, como o “berço da arte”, passou por esse momento de negligência, o que esperar de um país como o Brasil onde a arte foi quase sempre desvalorizada? Será que essa questão nos leva a respostas objetivas? Fecharemos, por enquanto, esse pensamento. Vamos guardá-lo para análises posteriores.

---

sente proprio. Per non parlare della nostra classe dirigente: la più figurativamente analfabeta dell'emisfero occidentale.”

<sup>76</sup> MONTANARI, Tomaso. *op. cit.*

<sup>77</sup> Tradução própria. Original em italiano: “Nel 1941, nell'ora più nera della storia europea, il grande storico dell'arte Bernard Berenson seppe distillare pagine profondissime, e sconvolgentemente profetiche, sul destino della storia dell'arte. In quei mesi, egli intravide un mondo ‘retto da biologi ed economisti, come guardiani platonici, dai quali non verrebbe tollerata attività o vita alcuna che non collaborasse a un fine strettamente biologico ed economico’. Egli prevede anche che ‘la fragilità della libertà e della cultura’ avrebbe potuto aprire la strada a una società in cui ci sarebbe stato spazio per “ricreazione fisiologica sotto varie forme, ma di certo non per le arti umanistiche”. Meno di un secolo dopo ci stiamo arrivando: anche se la Gelmini, nemmeno un Berenson poteva prevederla.”

#### 4.5 Quando a arte abraça a educação/Importância da arte para a educação

Apesar de todo o alvoroço em relação à arte como disciplina, há inúmeros trabalhos que mostram que a arte, em conjunto com a educação, faz grande diferença no desenvolvimento do ser humano. Barbosa levanta questionamentos afins em seu artigo “Arte, Educação e Cultura”:

A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. “Relembrando Fanon”, eu diria que a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence. (BARBOSA, 2008, p. 3)

Ana Mae Barbosa é um nome de referência no Brasil quando se fala em arte-educação<sup>78</sup>. Numa entrevista para a Revista Época (2016), ela evidencia a importância dessa junção:

**ÉPOCA - Qual a importância do ensino de música, artes visuais, dança e teatro na educação?**

Ana Mae Barbosa - É absolutamente importante o contato com a arte por crianças e adolescentes. Primeiro, porque no processo de conhecimento da arte são envolvidos, além da inteligência e do raciocínio, o afetivo e o emocional, que estão sempre fora do currículo escolar. A minha geração fez sua educação emocional a partir de filmes de Hollywood, o que é uma barbaridade. Não se conversava sobre sentimentos na escola. Segundo, porque a arte estimula o desenvolvimento da inteligência racional, medida pelo teste de QI. O pesquisador Janes Catteral estudou a influência da aprendizagem de arte na inteligência, que será aplicada a qualquer outra disciplina. Além disso, grande parte da produção artística é feita no coletivo. Isso desenvolve o trabalho em grupo e a criatividade.

**ÉPOCA - E culturalmente, como as artes podem contribuir para o desenvolvimento dos estudantes?**

Ana Mae - Existe a arte como expressão e a arte como cultura. A arte como expressão, como já disse, é a capacidade de os indivíduos interpretarem suas ideias através das diferentes linguagens e formas. A arte como cultura trabalha o conhecimento da história, dos artistas que contribuem para a transformação da arte. É muito importante que o aluno

---

<sup>78</sup> De acordo com Ney Wendell (WENDELL *apud* VILLAÇA, 2014, p. 82), arte-educação é o processo pedagógico que se utiliza da ferramenta artística para uma educação dedicada ao ser humano em suas habilidades criativas, suas relações emocionais, sua manifestação potencial e sua sociabilidade. Determinando-se como um facilitador para que o conteúdo aplicado seja prazeroso, lúdico e criativo, e que ocorra transformações a nível físico e psíquico integralmente.

tenha um leque de conhecimento acerca do seu próprio país e do mundo. Não se conhece um país sem conhecer a sua história e a sua arte. Além disso, as artes alargam a possibilidade de interculturalidade, ou seja, de trabalhar diferentes códigos culturais. A escola deve trabalhar com diversos códigos, não só com o europeu e o norte-americano branco, mas com o indígena, o africano e o asiático. Ao tomar contato com essas diferenças, o aluno flexibiliza suas percepções visuais e quebra preconceitos. (MORRONE; YURI, 2016)<sup>79</sup>

Num contexto mais atual, temos uma demonstração importante de como a arte é o caminho mais fácil para a educação. A ex-BBB Gleici Damasceno, de 22 anos, vencedora da última edição do Big Brother Brasil, passou por momentos de dificuldade quando sua mãe descobriu um câncer. Como sempre gostou da parte social, teve a disposição de, junto ao amigo Wylben Justino, organizar sessões de cinema para as crianças do bairro. Segundo Pontes (2018), em sua reportagem da revista *Veja*,<sup>80</sup> os dois conseguiram os equipamentos de que precisavam por meio de um projeto cultural da prefeitura. Mas faltavam a pipoca e o refrigerante. “A gente não tinha dinheiro para comprar. A solução era pedir doação aos donos de mercearia do bairro”, comentou Justino. Na época, ir a um cinema de verdade, para Gleici e o amigo, era algo fora do alcance. “*Pra* gente era muito caro. Eu só ia ao cinema quando ganhava ingressos em promoções que faziam no tempo do Orkut”, recordou Wylben, às gargalhadas.

#### 4.6 Educação e arte na imprensa

O brasileiro médio, em geral, não criou um “paladar aguçado” para assuntos relacionados à arte. Pode-se, talvez, fazer uma comparação à teoria de evolução das espécies elaborada por Jean-Baptiste Lamarck, no século XIX, segundo a qual o ambiente condicionaria a evolução, levando ao aparecimento de características que permitem aos indivíduos adaptarem-se às condições do meio em que vivem. A adaptação representa, então, a necessidade que os seres vivos têm de desenvolver características estruturais e funcionais que lhes permitam sobreviver num determinado ambiente. Ou seja, se a arte não é necessária num ambiente específico, é porque ela não é desenvolvida, caindo, portanto, em desuso.

---

<sup>79</sup> MORRONE, Beatriz; YURI, Flávia Oshima. “Importância do ensino das artes na escola”. *Época*. 16 mai. 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html>>. Acesso em 7/6/2018.

<sup>80</sup> PONTES, Fábio. “Gleici do BBB18 tem mesmo origem humilde”. *Veja*. 19 abr. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/gleici-do-bbb18-tem-mesmo-origem-humilde/>>. Acesso em 7/6/2018.

De acordo com reportagem de Pollianna Milan no jornal *Gazeta do Povo*<sup>81</sup>, que divulgou o resultado da pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) sobre o Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS), quase 60% da população brasileira nunca foi a um teatro ou a um show de dança e aproximadamente 70% jamais foi a museus ou centros culturais.

Mesmo que muitas cidades não possuam salas de cinema, teatros e que, muitas vezes, os ingressos tenham um custo relativamente elevado,

o tempo livre dos brasileiros anda curto: apenas 18,4% da população diz ter horário de lazer de sobra. O restante, 35,4%, afirma que o tempo é insuficiente para fazer tudo o que se deseja e 44,9% dizem que o horário de lazer é suficiente, mas sempre há algo a mais para fazer. E se pudessem escolher o que fazer num tempo livre “esticado”, os brasileiros preferem primeiro frequentar cursos, depois fazer atividades físicas e em terceiro lugar descansar. Ir a espaços culturais está na sexta posição neste planejamento. (MILAN, 2010)<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> MILAN, Pollianna. “Metade dos brasileiros nunca foi a cinema, teatro ou museu”. *Gazeta do Povo*. 17 nov. 2010. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/cultura/metade-dos-brasileiros-nunca-foi-a-cinema-teatro-ou-museu-0v1b65ipencimrrmevun4e5hq>>. Acesso 18/6/2018.

<sup>82</sup> *Ibidem*.

## CULTURA E LAZER

Os brasileiros têm pouco tempo livre para o lazer e quando estão sem trabalhar dificilmente vão ao teatro ou cinema, segundo a pesquisa do Ipea. Confira:

- 35,4%** é insuficiente para fazer tudo o que se deseja
- 44,9%** é suficiente, mas sempre fica algo para se fazer
- 18,4%** é suficiente, mas em geral não há nada de muito interessante a fazer
- 1,3%** não sabe ou não respondeu

### O tempo livre



- 33,3%** fariam cursos
- 16,1%** praticariam exercícios
- 15,1%** descansariam
- 1,3%** cuidariam dos filhos
- 9,9%** estudariam ou fariam pesquisas
- 7,7%** frequentariam espaços culturais e de lazer
- 3,6%** fariam atividades artísticas
- 1,3%** não sabe ou não respondeu

### O que as pessoas fariam se tivessem mais tempo livre



- 67,9%** não visitam museus ou centros culturais
- 62,8%** não vão a jogos e competições esportivas
- 54%** não vão ao cinema
- 51,5%** nunca vão a shows de música
- 59,3%** não vão ao teatro/circo ou shows de dança
- 59,2%** não vão para academias ou clubes
- 50,6%** não vão a bares, boates e danceterias
- 5,9%** não ouvem rádio
- 0,9%** não assiste televisão

### Pessoas que nunca fazem atividades culturais



**METODOLOGIA:** Foram ouvidos 2.770 brasileiros em todos os estados do país para a pesquisa intitulada Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS). A margem máxima de erro por região é de 5% e o grau de confiança é de 95%.

Fonte: Ipea.

Infografia: Gazeta do Povo

Fonte: Pollianna Milan/Gazeta do Povo

Levando-se em consideração a urgência do dia a dia, a busca por praticidade e por mais racionalidade em vez da criatividade, a arte passa a ocupar um lugar sempre

secundário na sociedade, na educação, e, do mesmo modo, nos jornais. Na visão de Edgar Morin, no entanto, ela é vital:

Para se conhecer o ser humano, é preciso estudar áreas do conhecimento como as ciências sociais, a biologia, a psicologia. Mas a literatura e as artes também são um meio de conhecimento. Os romances retratam o indivíduo na sociedade, seja por meio de Balzac ou Dostoiévski, e transmitem conhecimentos sobre sentimentos, paixões e contradições humanas. A poesia é também importante, nos ajuda a reconhecer e a viver a qualidade poética da vida. As grandes obras de arte, como a música de Beethoven, desenvolvem em nós um sentimento vital, que é a emoção estética, que nos possibilita reconhecer a beleza, a bondade e a harmonia. Literatura e artes não podem ser tratadas no currículo escolar como conhecimento secundário. (MORIN, 2014)<sup>83</sup>

A arte está inserida na cultura, e esta, por sua vez, passa por muitos recortes e delimitações no espaço jornalístico, logo, já se pode notar uma das possíveis lógicas para essa decadência.

Há alguns anos, o espaço mínimo para uma crítica era de quatro, cinco laudas 100 linhas (e já era menor que há uns 10 ou 15 anos). Hoje em dia pede-se uma crítica com 2.400 caracteres, ou seja, duas laudas, 40 linhas para se falar de uma exposição de arte com curador importante, grandes artistas, etc. É muito pouco. É muito clara e precisa a diminuição de espaço para a reflexão sobre cultura. A briga de muitos como eu é justamente para fazer o contrário, fazer com que o Brasil possa ter uma *New York Review of Books*, onde seja possível escrever um artigo com dez laudas, 20, uma verdadeira reflexão sobre cultura. Mas a resposta por parte dos empresários do jornalismo é uma só: “não há público para isso”. Vejo uma falta de espírito empreendedor muito grande. (COELHO, 2007, p. 5)

Se a arte por si só não é um assunto deveras contemplado nos jornais, com educação e arte juntos não seria diferente. Mas, se pensarmos em qualquer outra área que não só a arte, a diferença observada não seria grande. De acordo com a pesquisa do Ministério da Educação (MEC) mencionada na Introdução, de 2004, a maior dificuldade da mídia é aliar educação a qualquer outra área sem que os resultados sejam simplórios.

De acordo com a tabela abaixo da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), do Ministério da Educação (2005), é possível observar que, quando se fala de arte e cultura associadas à educação, sendo esta praticamente mínima ou mínima média, ocupam, no entanto, o 3º lugar. Fala-se de arte e cultura, mas pouco de educação.

---

<sup>83</sup> MORIN, Edgar. “É preciso educar os educadores”. *Cebi*. Disponível em: <<https://www.cebi.org.br/2017/08/04/edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores/>>. Acesso em 7/6/2018.

**Associação temática majoritária (para os casos em que a Educação é o principal tema discutido e nos quais há uma relação com outras temáticas)**

Arte e Cultura	12,2%
Violência/Segurança/Criminalidade	9,0%
Políticas em Geral	8,7%
Saúde	8,0%
Emprego/Trabalho/Desemprego	5,6%
Eleições Municipais	5,1%
Políticas Sociais em Geral	5,1%
Esportes	4,1%
Políticas da Diversidade (Raça/Etnia, Gênero, Urbano/Rural)	4,1%
Cidadania	3,8%
Meio Ambiente	3,8%
Economia	3,6%
Acidentes	2,7%
Bolsa Família	2,7%
Trânsito	2,0%
Desenvolvimento humano	1,9%
Agricultura/Questões Agrárias	1,6%
Desenvolvimento em geral	1,3%
Lazer	1,3%
Direitos Humanos	1,1%
Infância em geral	1,1%
Trabalho Infantil	1,0%
Juventude em geral	0,8%
Primeiro Emprego	0,6%
Geração de Renda	0,5%
Drogas	0,4%
Adolescência em geral	0,4%
Metas do Milênio	0,1%
Imposto de Renda	0,1%
Outros	7,3%

Fonte: Agência de notícias dos direitos da infância Ministério da Educação, 2005, p. 25

A questão central é que com o poderio da imprensa no que se refere a informação, quanto mais notícias sobre educação e arte, mais os leitores estarão imersos nesse ambiente, gerando de tal forma, mais público alvo e maior potencial de circulação para essas notícias. É um ciclo vicioso. Muniz Sodré fala sobre a representação fantasmática citada por Aristóteles: “A alma não conhece sem fantasma’, isto é, sem uma imagem interna ou externa capaz de mediar o ato de apreensão do real.” (SODRÉ, 2012, p. 16). Nesse sentido, sem a intervenção da imprensa, os leitores não conhecerão educação e arte, como também não conhecerão educação e também não serão expostos à temática arte.

*“Desse modo, não só forneci as provas para a minha hipótese, mas procedi de maneira a permitir que outros continuem a pesquisar, para contestá-la ou confirmá-la.”*

(ECO, 2016, p. 30)

## 5. CONTEÚDO E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

Neste capítulo serão realizadas análises de conteúdo a partir do noticiário disponibilizado no Google Notícias e no período escolhido para tal. Através de estratégias discursivas, buscaremos compreender como educação e arte são representadas nos discursos jornalísticos.

### 5.1 Metodologia

Os métodos utilizados para que sejam realizadas as análises serão baseados de forma que se possa obter resultados menos subjetivos possíveis embora saibamos que a objetividade é bastante complexa, e mesmo que este estudo não alcance todas as respostas indiscutíveis, que a reflexão seja o seu melhor legado. De acordo com Carlomagno e Rocha: “A metodologia de análise de conteúdo foi destacadamente desenvolvida durante a Segunda Guerra Mundial, pela ‘Divisão experimental para o estudo de comunicações em tempos de guerra’, do Congresso dos Estados Unidos, sob coordenação de Harold Lasswell.” (CARLOMAGNO E ROCHA, 2016, p. 174). Dessa forma, “A metodologia foi criada especialmente para sintetizar e compreender o conteúdo dos argumentos utilizados por jornais e propagandas inimigos, e, somente após isso, passou a ter aplicação em estudos acadêmicos de comunicação política.” (CARLOMAGNO E ROCHA, 2016, p. 174).

Nesse sentido, quando se faz uma análise de conteúdo se está fazendo uma categorização de forma que se possa chegar a “elementos-chave” como sugerem os autores acima citados.

A análise de conteúdo fornece meios precisos para descrever o conteúdo de qualquer tipo de comunicação: jornais, programas de rádio, filmes, conversações quotidianas, associações livres, verbalizadas, etc. As operações da análise de conteúdo consistem em classificar os sinais que ocorrem em uma comunicação segundo um conjunto de categorias apropriadas. (JANIS *apud* CARLOMAGNO E ROCHA, 2016, p. 175).

Nesse estudo como já mencionado, serão usadas análises que partirão de um quantitativo para se chegar ao qualitativo, embora em alguns casos o quantitativo possa ser confundido com o qualitativo:

Justamente por trabalhar com características e qualidades dos conteúdos, é comum a tentação de alguns chamarem isto de uma análise

“qualitativa”. Especialmente porque em certos flancos da academia brasileira (na área de humanas) existe resistência e até preconceito contra o termo *quantitativo*. Algumas pessoas podem achar que quantitativo refere-se somente àquilo que mede apenas e tão somente quantidades (como afreqüência simples do número de curtidas em uma página do Facebook ou do número de matérias publicadas por um jornal) e que, quando se coletam dados que se referem a qualidades, como, por exemplo, o viés positivo ou negativo de matérias jornalísticas, os assuntos/temas de um programa televisivo ou os argumentos utilizados em algum meio, então, por se referirem a qualidades deste objeto, o estudo seria qualitativo. Não é. Como dois autores clássicos deixam claro: “os procedimentos de análise de conteúdo resolvem adequadamente o problema de descrever o quadro de atenção em termos quantitativos.” (LASSWELL, 1982a[1949], p. 46) e “uma característica que distingue a análise de conteúdo das outras técnicas descritivas das comunicações é o seu aspecto quantitativo.” (KAPLAN & GOLDSSEN, 1982, p. 77). Como se percebe, segundo Kaplan & Goldsen, ser quantitativa é a própria definição da natureza da análise de conteúdo – isto para não mencionar que o próprio título do artigo (“Por que ser quantitativista?”) de Lasswell já indica seu argumento. Em fato, cabe deixar claro: a designação se seu método é quantitativo ou qualitativo se refere a como você sistematiza os dados com os quais trabalha, não a natureza de sua análise. Não importa que, por exemplo, ao identificar os argumentos presentes em determinada mensagem, você esteja verificando “qualidades” deste objeto. Se você sistematiza (e de alguma forma quantifica) estas informações em uma planilha, banco de dados ou em uma folha de caderninho, esta pesquisa é, portanto, quantitativa-categórica. (CARLOMAGNO E ROCHA, 2016, p.177)

De acordo com as informações obtidas na análise buscaremos explicar o motivo de determinadas ocorrências. Para tal serão feitas algumas comparações com pesquisas já realizadas de modo que se possa também observar se os resultados continuam semelhantes ou divergentes. Nesse caso vale utilizar a ideia proposta por Carlomagno e Rocha sobre o equilíbrio entre comparabilidade e adaptabilidade.

Esta não é uma regra, mas um ponto de tensão, sempre a ser resolvido: qual o ponto de equilíbrio entre adaptabilidade e comparabilidade? Isto é, seguir um modelo de categorias já utilizado pela literatura (garantindo a comparabilidade) ou adaptar/criar categorias específicas, para o estudo que está sendo conduzido? Outros vieram antes de você e provavelmente já conduziram pesquisas em sua área, de modo que já existem classificações próximas ao seu objeto de estudo. *Comparabilidade* entre distintas pesquisas é um elemento central no processo científico. Para isso, é necessária a manutenção de um coração mais ou menos similar de categorias. Lembre-se que seu estudo terá mais visibilidade se seus resultados puderem ser comparados com demais estudos (KING, 1985, 2015). (...) (CARLOMAGNO E ROCHA, 2016, p. 183)

No que se refere a adaptabilidade, mesmo que sejam usadas outras referências, outras categorias serão e podem ser criadas de modo que possa atender aos interesses da pesquisa.

No entanto, a necessidade de comparabilidade não deve limitar seu escopo de pesquisa. Cada pesquisa tem seus objetivos e o conjunto de categorias criado deve responder à questão de pesquisa de seu autor. Simplesmente seguir um modelo pronto mesmo quando ele não se adequa ou não atende às necessidades da pesquisa sendo proposta é atitude pouco imaginativa ou propositiva. Se a categorização deve, de fato, atender aos interesses da questão de pesquisa do investigador, um acordo mínimo com a literatura é imprescindível para que as pesquisas possam ser comparáveis. Se, por exemplo, na antropologia isto não seria um problema (já que cada objeto é único e as conclusões só são válidas para aquele caso), um dos objetivos da ciência política é a extrapolação de suas conclusões, isto é, a formulação de explicações gerais para grandes fenômenos. Para que isto ocorra, é fundamental que os estudos possam dialogar. Se físicos não teriam este tipo de problema – dificilmente cada um deles categorizaria um átomo de formas diferentes – os cientistas sociais precisam passar por esta etapa de acordância metodológica entre os pares. (CARLOMAGNO E ROCHA, 2016, p. 183)

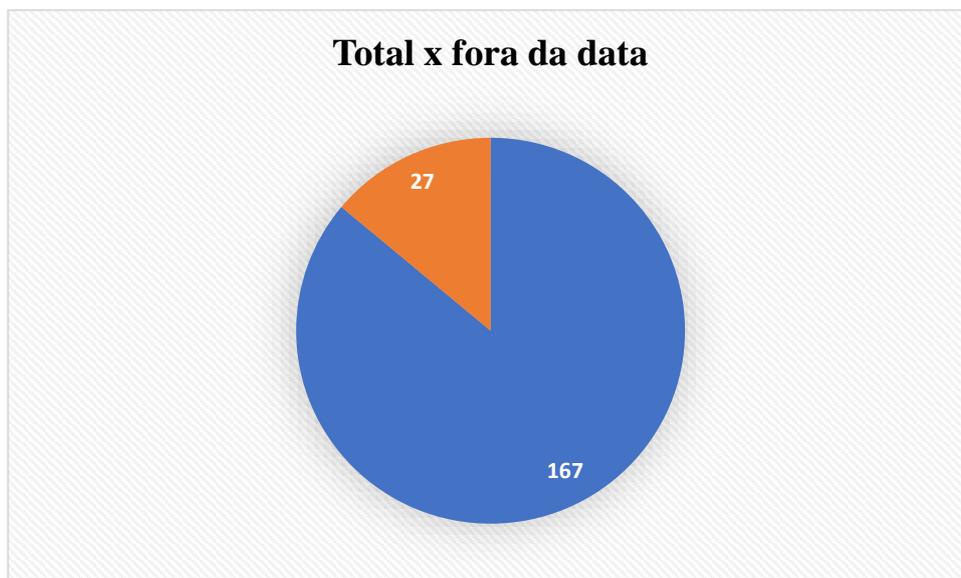
## 5.2 Estudo quantitativo e qualitativo

A coleta de dados iniciou-se no dia 04 de novembro de 2013 e teve fim no dia 4 de março de 2015. Para isso, foi utilizada a ferramenta personalizada do Google que permite pesquisar qualquer assunto em qualquer período de tempo. Em seguida, escreveu-se as palavras-chave “Educação e arte” no Google Notícias e apareceram todos os resultados para aquela consulta. O próximo passo a seguir foi contabilizar. Foram 167 notícias em 17 meses.

Ao iniciar a leitura das notícias, a uma primeira olhada, alguns equívocos surgiram. Mesmo selecionando as datas no Google, algumas delas constavam datas inconformes. Nesse caso, a regra número 1 mencionada por Carlomagno e Rocha (2016) quando se trata de análise, foi utilizada: *Regras claras de inclusão e exclusão nas categorias*

Por mais intuitivo que possa parecer, quais são os limites de cada categoria devem ser claros e formalizados. Dito de outra forma, a primeira regra é quase tautológica: é absolutamente necessária a própria existência de regras (regras para inclusão de cada conteúdo em cada categoria). A ausência desta regra leva ao problema de *informações de inclusão/exclusão incompletas ou insuficientes*. Às vezes estas regras existem, mas são dúbias, o que gera erros de classificação e interpretação dos dados. Estes problemas estão intimamente relacionados ao problema da objetividade da classificação. (CARLOMAGNO E ROCHA, 2016, p. 178).

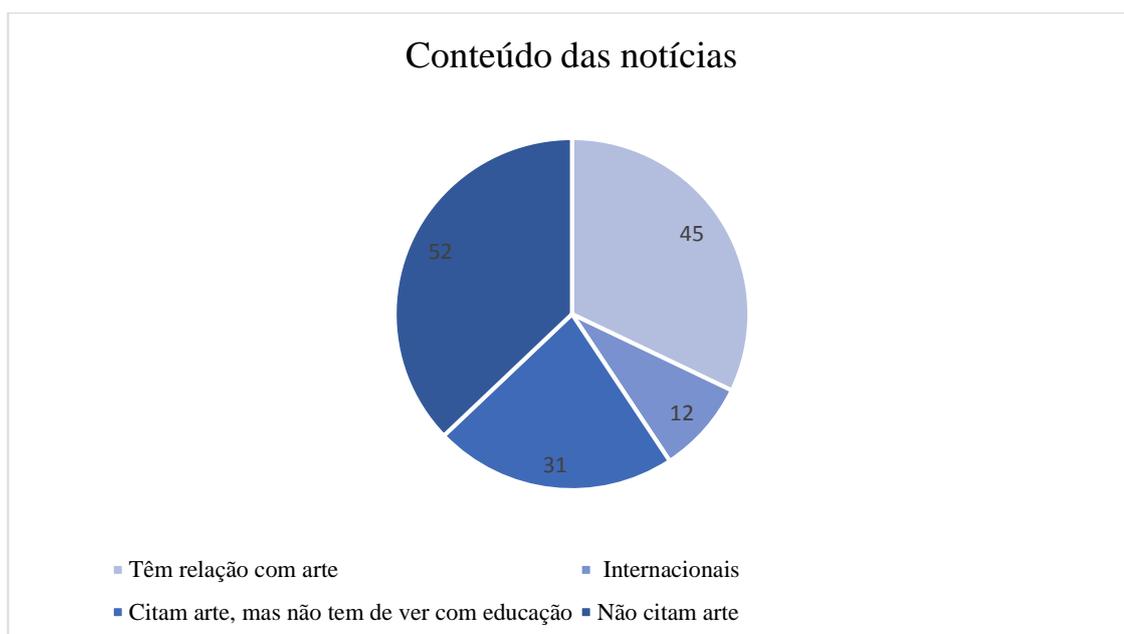
Nessa lógica, a primeira coisa feita foi a criação da regra da “data correta”, ou seja, todas as notícias que não estavam em conformidade com o período de 4 de novembro de 2013 a 4 de março de 2015 foram excluídas. O resultado pode ser observado no gráfico que segue:



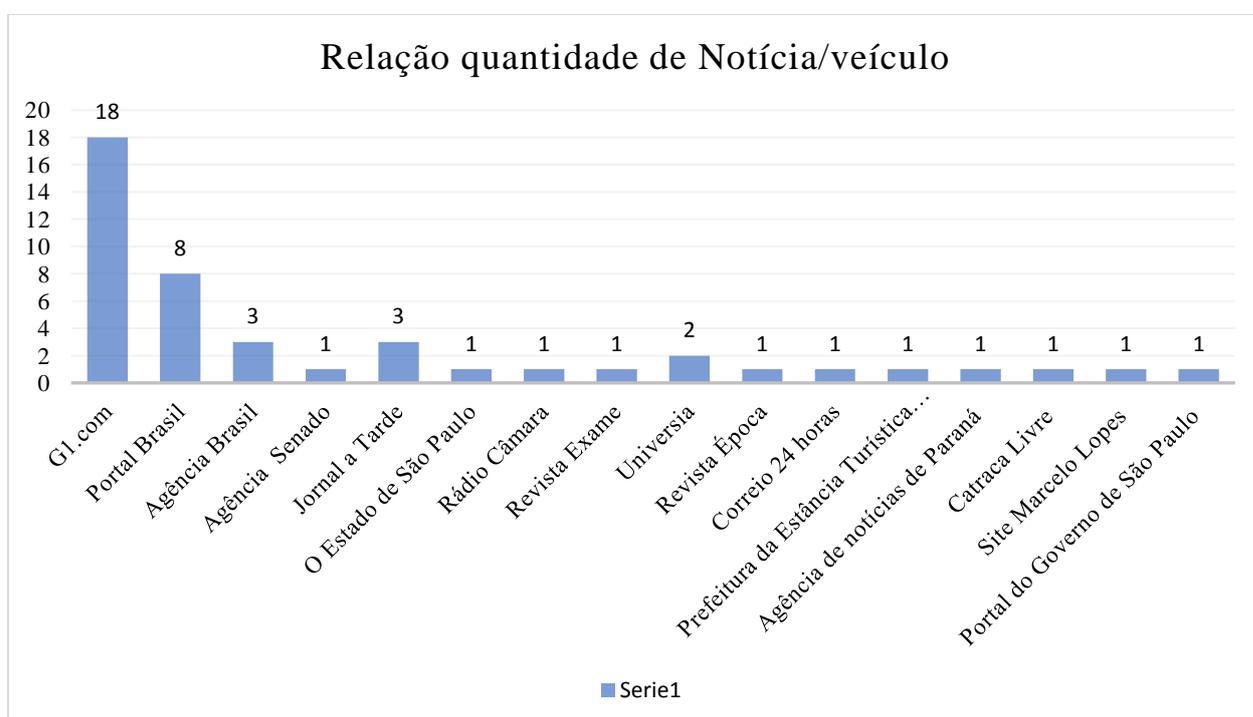
A partir de então, o total de notícias passou a ser 140. Em seguida, foi preciso analisar novamente uma a uma a fim de categorizá-las. Ao fazer isso, notou-se que as 140 notícias não poderiam ser colocadas em uma só categoria de “educação e arte”, pois, nem todas tratavam das duas temáticas juntas como deseja o estudo. Foi aplicada então, a regra número 2 dos mesmos autores: *As categorias precisam ser mutuamente excludentes (exclusividade)*.

O conteúdo não pode, sob nenhuma hipótese, ser passível de classificação em mais de uma categoria. Isso remete à regra número 1, que diz que a definição das categorias deve ser clara. O que está em uma categoria, não pode estar em outra. Um determinado conteúdo não pode ser passível de ser classificado em uma ou outra categoria, a depender da interpretação do analista. As categorias não podem ter elementos que se sobreponham ou sejam redundantes, que possibilite que as mensagens (conteúdo) se encaixem em uma ou outra categoria. A quebra desta regra levaria à ausência de confiabilidade. (CARLOMAGNO E ROCHA, 2016, p. 178-179).

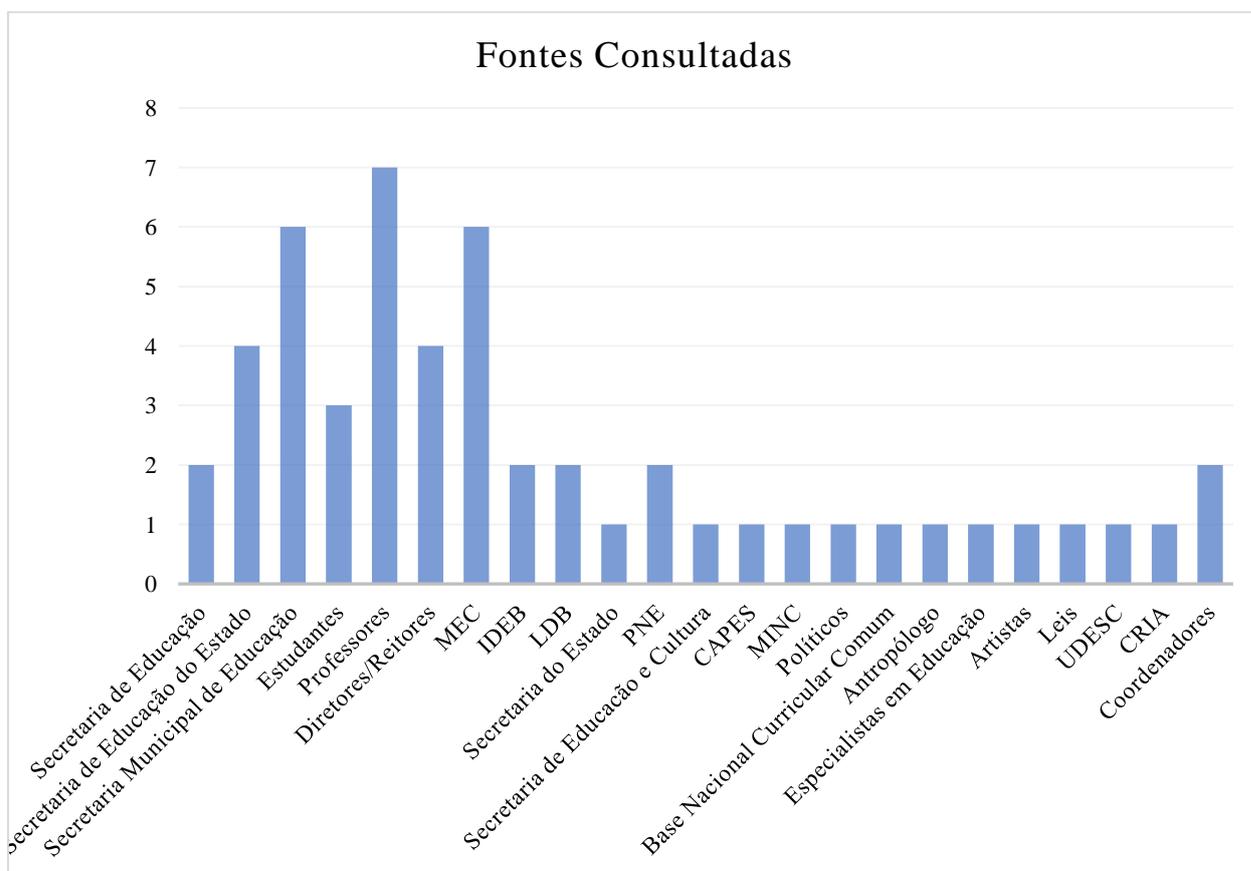
Como consequência, das 140 notícias, apenas 45 realmente tinha de ver com Educação e Arte, as outras categorias podem ser verificadas no gráfico seguinte:



Feito isso, o passo seguinte foi saber de quais veículos eram cada uma das notícias e contabilizá-las. O portal G1.com, Portal Brasil e Agência Brasil ocuparam no entanto, as 3 primeiras posições.



Já com relação às partes consultadas, professores ocupam o primeiro lugar, MEC e Secretaria Municipal de Educação estão juntos no 2, seguidos de Secretaria de Educação do Estado e Diretores/Leitores ambos no 3.



De acordo com o resultado da pesquisa publicado em 2007 pelo *Observatório da Educação*, a tendência é optar pelas fontes oficiais, já que muitos jornalistas declaram que existe uma certa dificuldade em contatar a comunidade escolar, “pois muitos demonstram ‘medo’ de falar à imprensa, o que obriga a utilização excessiva de ‘offs’ por parte dos repórteres, ou então os mesmos dependem de autorização prévia dos órgãos gestores.” (NASCIMENTO E SANTANA, 2007, p. 11-12)

Para a jornalista Maria Rehder, o jornalista tem que ter força de vontade: “Se o jornalista descobre um projeto, pede autorização, existe um procedimento que a gente já conhece, se a diretoria de ensino não autoriza, a gente tem que ir até a Secretaria e questionar. Eles terminam autorizando” (NASCIMENTO E SANTANA, 2007, p. 13), relatou. O jornalista Fabio Mazzitelli sugeriu que as escolas identifiquem professores que, em cada turno, possam cumprir o papel de porta-vozes, para atender a imprensa e facilitar o trabalho do jornalista.

Mas ao mesmo tempo, o contrário também ocorre.

Para a escola, a imprensa parece um negócio inacessível. Você não pode falar algo positivo que está sendo feito ou se defender de algo negativo que foi noticiado. Você pode mandar 400 mil emails e nenhum jornalista vai receber. Mas se a assessoria de imprensa da Secretaria enviar uma carta ao jornal, será publicada (FEIJÓ *apud* NASCIMENTO E SANTANA, 2007, p. 11-12)

Nesse caso, imprensa e escola devem trabalhar em conjunto colaborando uma com a outra.

A imprensa tem outro tempo, seu trabalho não é processual. Para a escola esse tipo de parceria seria também importante para entender isso, para quebrar essa desconfiança. A imprensa também ensina, com dados, com informações. Para quebrar uma cultura de desconfiança e de medo, já que o relacionamento hoje é muito truncado. (OLIVEIRA *apud* NASCIMENTO E SANTANA, 2007, p. 13)

Embora nessa análise prevaleça tanto professores como diretores e reitores nas primeiras posições, o que contradiz a pesquisa do Observatório, eles são mencionados muitas das vezes não como fontes de fala principal, ou de palavra final, mas citados apenas. Um bom exemplo é a matéria do *Estadão* (FERREIRA SANTOS, 2014): “67,5% dos docentes do fundamental não têm habilitação na área em que dão aula”<sup>84</sup>, notícia 6a dos anexos. Os atores principais são os professores, embora em nenhum momento da reportagem eles sejam usados como fontes de fala. No texto é mencionado o dado de que Artes e Filosofia são disciplinas em que há mais professores sem licenciatura na área, mas não se procura dizer o porquê nem saber dos professores dessa área bem como a opinião deles. A reportagem acaba por se fundamentar em opiniões/relatórios/dados oriundos de fontes como PNE, ONG, LDB, especialistas em educação.

Tal silenciamento de atores localizados fora do campo do poder público pode estar relacionado à questão do reconhecimento social – e, conseqüentemente, ao reconhecimento pelos jornalistas – de quem detém a legitimidade para se pronunciar sobre um determinado assunto, o que está associado à própria organização e estrutura da sociedade. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2005, p. 45)

Com relação à questão da Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Estadual de Educação e MEC nos 2 e 3 lugares, só confirma o que a pesquisa do MEC de 2005, tanto do Observatório de 2007 já haviam mencionado: a presença marcante do governo.

---

<sup>84</sup> FERREIRA SANTOS, Barbara. “67,5% dos docentes do fundamental não têm habilitação na área em que dão aula”. *Estadão*. 23 abr. 2014. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,67-5-dos-docentes-do-fundamental-nao-tem-habilitacao-na-area-em-que-dao-aula,1157521>>. Acesso em 14/6/2018.

É claro que é fundamental que os jornais acompanhem os posicionamentos e atuações do governo. O que parece descompassado é que instituições responsáveis pelos contrapontos, como os fiscalizadores oficiais (Ministério Público e Legislativo, por exemplo) ou vozes da sociedade civil ou dos sistemas institucionalizados de democracia participativa (conselhos) apareçam de maneira menos consistente. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2005, p. 44)

O uso de determinadas fontes/atores com mais frequência de outras faz com que sejam desconsiderados outros sujeitos como por exemplo os pais, que em nenhuma das matérias de educação e arte foram mencionados bem como conselhos de Educação, sindicatos, e isso também corrobora para que as matérias tenham uma visão bastante unívoca, ouvindo apenas um lado e caindo em uma cobertura bem superficial.

As matérias acabam caindo em um fechamento simplório, mas vendem a idéia de que, por terem ouvido duas fontes, ouviram os dois lados. Não sei que possibilidade temos de avaliar se isso faz com que os dois lados sejam realmente contemplados. Porque se a autoridade diz um a coisa e o professor reforça, foram ouvidas duas fontes, mas não os dois lados. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2005, p. 45)

Em contrapartida, a única notícia encontrada em que praticamente toda ela foi realizada com as fontes sendo professores, “Educação artística ainda é desafio para o ensino básico” (BRASIL.GOV, 2015)<sup>85</sup>, notícia 2b dos anexos, embora também não seja o mais correto, já que continua na visão única. A questão é que quando cita um lado que é geralmente considerado “desfavorecido” ao se tratar de fontes/atores, só é citado aquele(a)(s). E quando é citado dois atores ou duas fontes, o lado é sempre o mesmo.

Como mencionado no capítulo 3, o uso de links e hiperlinks são muito importantes quando se fala de notícias da Internet, pois, já que o conteúdo é geralmente mais curto, o direcionamento do leitor para explicações mais detalhadas de uma informação, acaba sendo crucial. Embora o uso de links e hiperlinks nos resultados obtidos para “educação e arte” não foram muito relevantes. Um exemplo pode ser constatado na notícia do G1: “Festival Arte-Educação reúne alunos de 20 escolas municipais de Goiânia”<sup>86</sup> notícia 1b nos anexos.

<sup>85</sup> BRASIL. GOV. “Educação artística ainda é desafio para o ensino básico”. 5 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2015/02/educacao-artistica-ainda-e-desafio-para-o-ensino-basico>>. Acesso em 14/6/2018.

<sup>86</sup> G1 Goiás. “Festival Arte-Educação reúne alunos de 20 escolas municipais de Goiânia”. 18 nov. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2013/11/festival-arte-educacao-reune-alunos-de-20-escolas-municipais-de-goiania.html>>. Acesso em 20/6/2018.

Aqui, o link foi colocado na palavra “Goiânia” para remeter ao leitor a uma informação da cidade. Não significa que não seja uma informação importante já que os interessados a comparecerem ao evento talvez não saibam onde nem como chegar, ou até queiram saber mais sobre o local, mas uma “lincagem” poderia ser feita por exemplo, nas palavras “Arte-Educação”. Nesse caso, explicando um pouco mais sobre o evento, contextualizando o leitor por exemplo, sobre a primeira edição do evento, uma vez que essa foi a segunda. São questões simplórias, mas que fazem a diferença como em “III Festival de Educação é realizado pelo CRIA em Salvador” onde o link remete ao site do projeto com informações extras.

Ou seja, a maioria das notícias encontradas possuem links que remetem a cidades ou também a sites, blogs, ou a notícias já publicadas. Nada que venha acrescentar ao leitor sobre aquilo que está sendo noticiado.

No tocante à questão de imagens, é sabido que no que se refere ao jornalismo, que a fotografia por si só já é um acontecimento. A imagem chama a atenção, e muitas das vezes, o leitor se baseia somente nelas e na legenda. E sendo assim, a fotografia acaba por ser responsável em passar credibilidade ao leitor. Nos resultados obtidos, algumas se mostraram de “arquivo” ou mesmo reprodução, mas que não remetiam necessariamente à informação tanto da legenda, quanto da notícia. É o que acontece em “Cespe divulga no site edital do concurso da Educação de AL”<sup>87</sup>, notícia 1j dos anexos, a foto retrata três adolescentes sentados nas cadeiras de uma sala de aula como se estivessem fazendo alguma prova. Não significa que não tenha nada a ver, mas a notícia fala sobre Concurso para ensino Superior, uma imagem de fotos de professores prestando algum concurso anterior poderia exemplificar melhor. Além do mais, a legenda da foto é: *Salário de professores será de R\$ 1.224,07 (Foto: Reprodução/TV Gazeta)*, informação que já estava no texto e não está complementando a notícia, que é muita das vezes função das legendas. Colocar imagem de três alunos fazendo prova, pode até não ter sido a intenção, mas parece quererem passar a ideia de professores prestando concurso, e isto não traz credibilidade já que a imagem foi usada para “maquiar” e não para informar.

Nesse caso a imagem não passa de uma mera “ilustração”, o que geralmente não traz uma contextualização para o leitor ou informação a mais. Como também se vê em

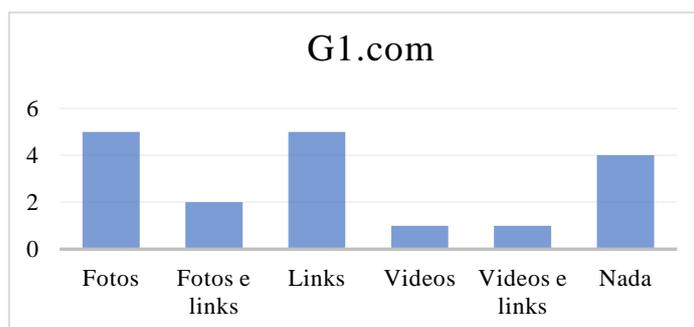
---

<sup>87</sup> G1 Alagoas. “Cespe divulga no site edital do concurso da Educação de AL”. 8 nov. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/11/cespe-divulga-no-site-edital-do-concurso-da-educacao-de-al.html>>. Acesso em 19/6/2018.

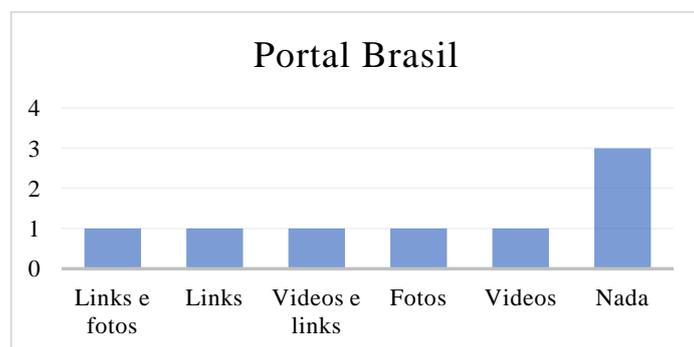
“Conheça os programas de mestrado profissional recomendados pela Capes.”<sup>88</sup>, uma imagem de alguém estudando em uma biblioteca, que apenas “ilustra” a notícia 2g dos anexos.

Abaixo seguem os dados com as quantidades de notícias encontradas com o uso de links, vídeos, fotos ou nenhuma das três em cada uma das fontes das notícias:

De 18 notícias:

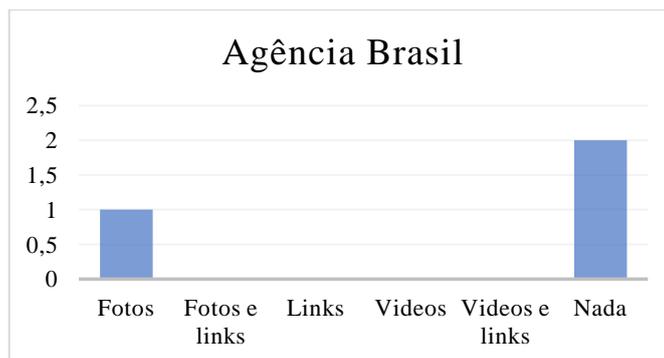


De 08 notícias:

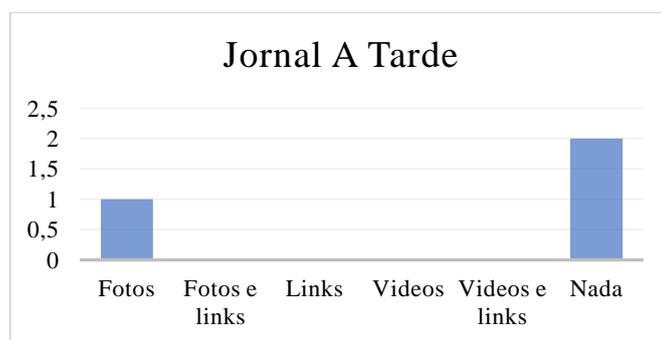


De 3 notícias:

<sup>88</sup> BRASIL. GOV. “Conheça os programas de mestrado profissional recomendados pela Capes”. 2 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2015/04/conheca-programas-de-mestrado-profissional-recomendados-pela-capex>>. Acesso em 19/6/2018.



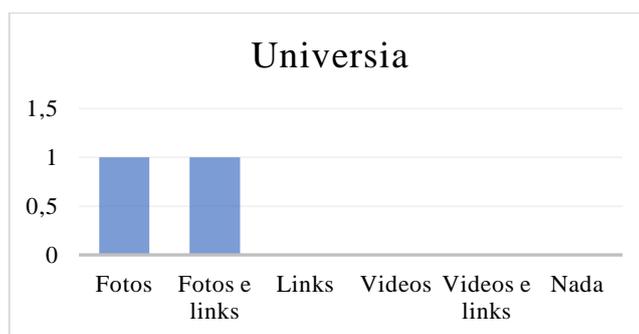
De 03 notícias



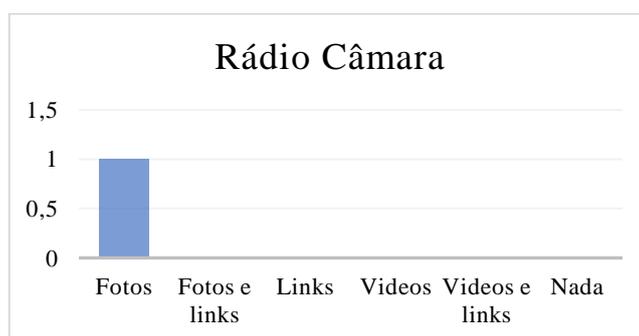
De 01 notícia:



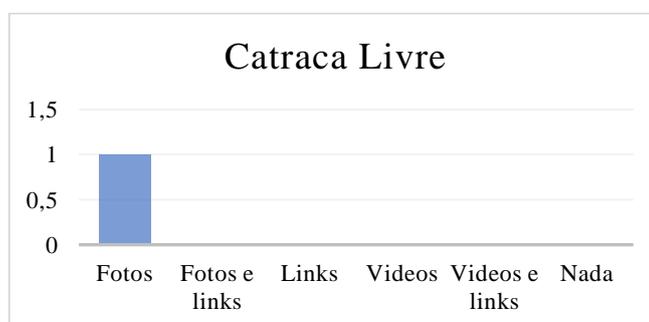
De 2 notícias:



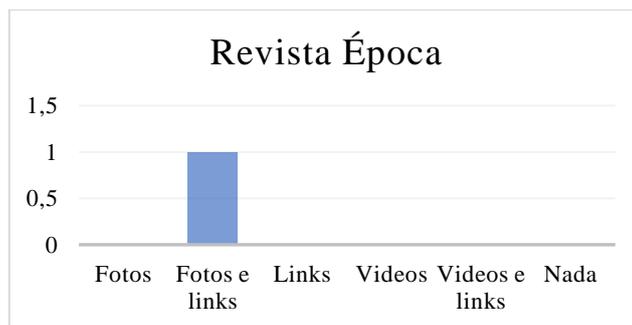
De 01 notícia:



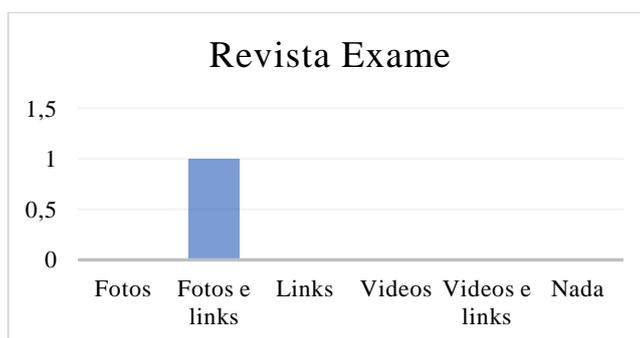
De 01 notícia:



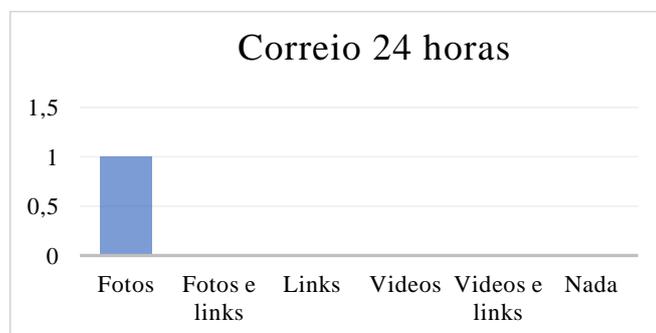
De 01 notícia:



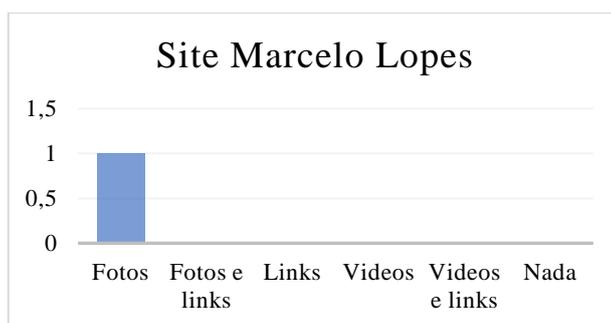
De 01 notícia:



De 01 notícia:



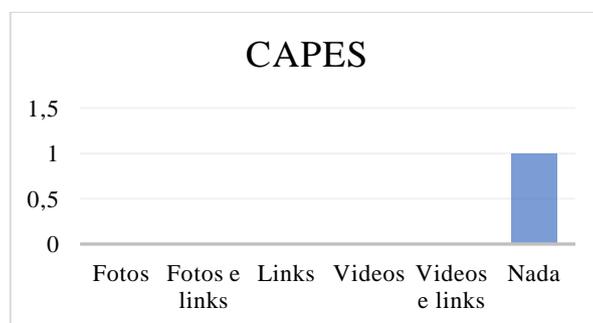
De 01 notícia:



De 01 notícia:



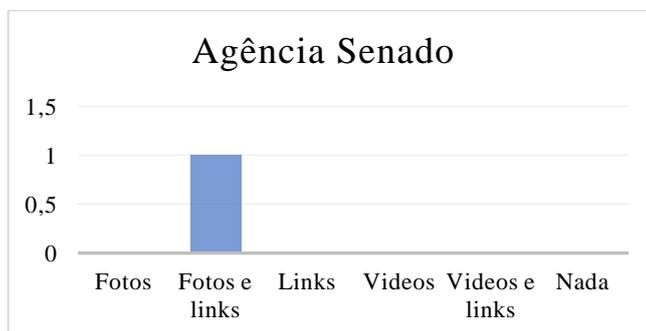
De 01 notícia:



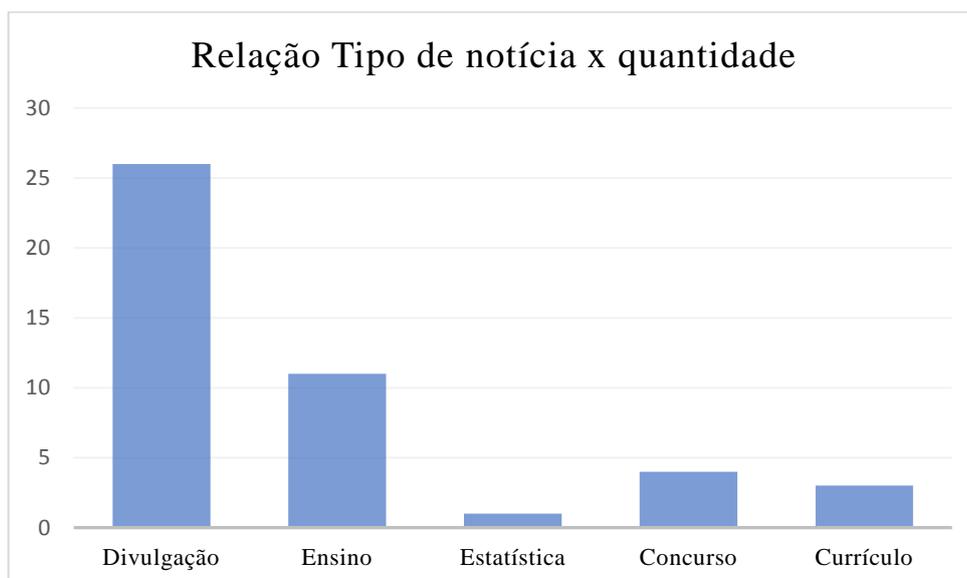
De 01 notícia:



De 01 notícia:



No que se refere ao conteúdo, a maior parte das notícias são de “Divulgação” mais voltado para Agenda, algumas poucas de concurso; outras de ensino, de currículo, e uma de estatística.



No que diz respeito à divulgação, são notícias bastante simples, apenas informando sobre um evento ou uma nova política pública. Uma reflexão sobre o que acontece no jornalismo cultural, pode explicar essa tendência quanto a notícias de educação e arte:

O primeiro caminho citado, retrato da concorrência, é um pecado cometido não somente pela editoria de cultura: a corrida para dar uma notícia em primeira mão faz, na maioria das vezes, com que o produto final não tenha a qualidade que se espera de um material jornalístico, principalmente por conta da falta de tempo para uma apuração precisa e idônea (COUTO, 2007). No caso específico do jornalismo cultural, a falta é ainda mais grave, a começar pela obsessão em antecipar determinado assunto (o lançamento de um livro, a estreia de um espetáculo, a gravação de um CD etc.): por um lado, o trabalho do jornalista pode sair bem aquém do ideal – já que, na pressa, não há tempo para que ele leia a publicação, conheça o teor da apresentação, ouça a gravação... –, fazendo com que o noticiário até saia na frente, mas sem qualidade; na outra ponta, o problema está da superantecipação do fato, ou seja, se algum dos eventos descritos for divulgado com uma antecedência muito grande, corre-se o risco do público esquecer, ou, então, obriga o jornal a repetir a mesma informação diversas vezes (STRECKER; VENTURA, 1989). (...) (ASSIS, 2008, p. 187)

As notícias de divulgação bem como todas as outras se mostraram bastante enxutas no conteúdo, o que a fala acima poderia explicar o porquê. Em muitas delas, ao perceber o conjunto foto e texto é perceptível que o repórter não foi até o local, se baseou apenas em relatos vindos já de assessorias, por exemplo. A indagação que fica aqui é sobre qual a importância da educação e arte para as redações, uma vez que mostrar experiências positivas, como é o caso da maioria das notícias de divulgação, mais do que importante, é necessário, o que deveria resultar em uma melhor cobertura.

Sobre isso, no Observatório (2007) foi retratado:

Os jornalistas presentes relataram que, justamente devido às dificuldades de acesso à escola, também se torna difícil identificar experiências positivas para construir pautas interessantes que não sejam aquelas que apenas retratam escolas em situações de tragédia ou de baixo desempenho, ou que servem para a promoção dos governantes. “Em meia hora de conversa aqui com os dois professores, já tomei conhecimento de vários projetos bacanas. Mas eu não tenho essa meia hora no dia-a-dia” (...) (NASCIMENTO E SANTANA, 2007, p. 13)

Essa “correria” do dia a dia presente no jornalismo é real mas não pode ser a justificativa para “tantas” notícias assim. É sempre bom lembrar do papel de informante que a imprensa tem para com a sociedade. Isso faz-nos remeter à Paulo Freire em seu livro “Extensão ou comunicação?”, onde ele fala sobre o agrônomo que apenas estende seu

conhecimento ao camponês, sem ensiná-lo de fato. Aqui podemos dizer da imprensa que estende uma informação sem comunicá-la. E dessa forma, torna-se verdade única e superior de quem a recebe.

Parece-nos, entretanto, que a ação extensionista envolve, qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aqueles que a fazem, de ir até a “outra parte do mundo”, considerada inferior, para, à sua maneira, “normalizá-la”. Para fazê-la mais ou menos semelhante a seu mundo. (FREIRE, 1983, p. 13)

No que se refere a Estatística, a única notícia foi a mesma relatada já neste trabalho “67,5% dos docentes do fundamental não têm habilitação na área em que dão aula” (FERREIRA SANTOS, 2014)<sup>89</sup>, que além da questão da não consulta a professores da área de arte, faz parte do grupo de notícias em que é preciso bastante cuidado quanto a informação que se deseja passar. Não foi este o caso aqui, mas a saber:

Tanto o jornalista quanto o público devem tomar cuidado com números e estatísticas, pois são dados facilmente manipuláveis. Dentre os resultados de uma pesquisa ou avaliação, tanto o agente promotor quanto o divulgador podem dar destaque para os dados que desejarem que, fora de contexto, podem levar a interpretações distorcidas da realidade. Na oficina, ao analisar uma matéria de um jornal paulista que repercutia os resultados do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) com foco em um ranking das escolas com os melhores e os piores desempenhos no exame, o grupo percebeu que o título dava destaque para um dado, mas o detalhamento dos resultados do exame no texto propriamente dito não condizia com o título. (NASCIMENTO E SANTANA, 2007, p. 14)

Nesta pesquisa verificou-se também alguns equívocos quanto ao conhecimento do assunto arte que podem ser justificados pela falta de experiência do profissionais ao escreverem alguns termos ou até mesmo de entidades que estão provendo determinado evento. Por exemplo: “Manaus promove primeira mostra de Dança e arte da Educação Especial”<sup>90</sup>, notícia 1d dos anexos.

Nesse caso, dança não é considerada arte? E que tipo de arte seria essa que não vem especificada no texto? Infere-se que o evento já se chama assim, o que nos faz pensar sobre a falta de conhecimento não só do (a) repórter, mas da própria organização do evento, se colocasse “mostra de Arte,” estariam envolvidos qualquer um dos tipos: dança, música, teatro, etc.

---

<sup>89</sup> FERREIRA SANTOS, *op. cit.*

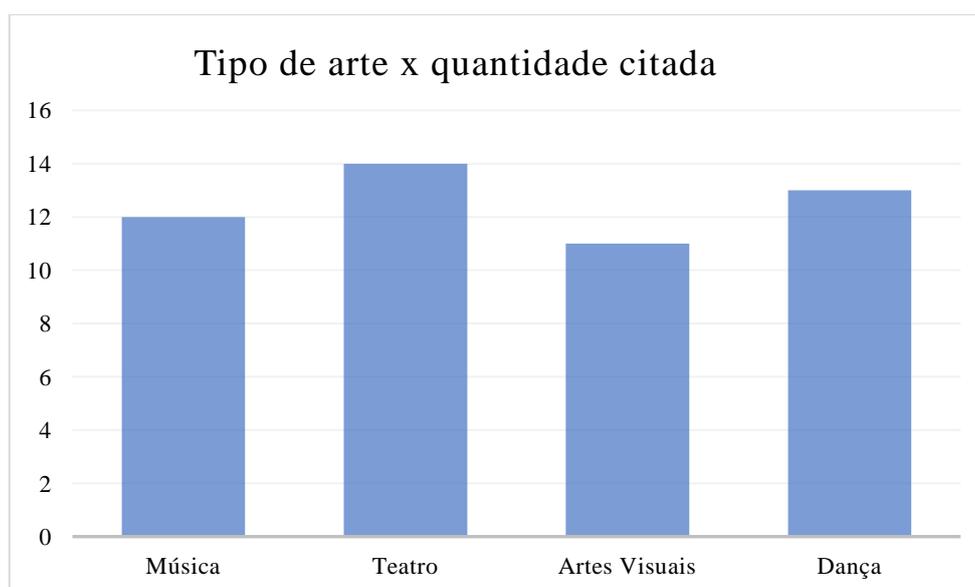
<sup>90</sup> G1 Amazonas. “Manaus promove primeira Mostra de Dança e Arte da Educação Especial”. 4 nov. 2013. Disponível: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2013/11/manaus-promove-primeira-mostra-de-danca-e-arte-da-educacao-especial.html>>. Acesso em 20/6/2018.

Esses equívocos na verdade são frutos do senso comum, que se aprende por repetição durante anos e se instala como uma verdade absoluta. Notícias de Educação pedem profissionais capacitados para tal se o objetivo for noticiar da forma mais coerente possível, e quando arte está ligada, pede -se uma atenção mais redobrada ainda.

E sobre os profissionais no âmbito da cultura, no qual arte está inserida:

Ao observar o comportamento de jornalistas no exercício da profissão, em especial daqueles que escrevem sobre cultura, constata-se que apenas um curso de graduação não é suficiente para imbuir uma pessoa de todo o conhecimento que se espera que ela tenha. A expectativa é que um repórter de cadernos e revistas dessa natureza tenha uma visão completa do assunto que irá trabalhar. Um exemplo: para escrever sobre a estreia de um novo filme espanhol, ele deve (ou, pelo menos, deveria) conhecer os clássicos do cinema hispânico, todas as obras do diretor em questão e as demais produções contemporâneas; e o mesmo acontece com outros temas. Somente assim, tendo um sólido conhecimento daquilo que já foi feito e do que está em voga atualmente, é que se podem estabelecer comparações, dar opiniões consistentes, fazer críticas embasadas e, acima de tudo, fazer um trabalho bem feito. Caso contrário corre-se o risco de encher os diagramas dos jornais com textos “vazios”. (ASSIS, 2008, p. 189).

Com relação ao tipo de arte citadas nos textos, teatro ocupou o primeiro lugar, seguido de dança, música, e artes visuais. Nesse caso, foi levado em consideração quantas vezes cada palavra foi citada nas 45 notícias. Como a maioria das notícias foram de “Divulgação”, essas artes foram citadas apenas como tipos de apresentações que estariam presentes nesses eventos, ao invés de textos discorrendo mais a fundo sobre a importância de tais para a Educação.



Além das questões pontuadas acima, retomemos ao capítulo 4 no quesito 4.4. Quando a comparação “a la Itália foi realizada”, foi no sentido de que, quando um fato importante acontece em um país, espera-se ou sugere-se que a imprensa fale sobre aquilo. Quando a proposta já mencionada neste trabalho foi aprovada pela comissão da Câmara dos Deputados, o único veículo a mencioná-la – no período pesquisado – foi da EBC “Ensino de artes pode se tornar obrigatório na educação básica”<sup>91</sup>, notícia 3c dos anexos. Enquanto que na Itália, quando história da arte foi retirada dos currículos, houve um alvoroço pela imprensa. Jornais como *Il fatto quotidiano*, *Corriere della sera*, sites voltados para professores de arte, como o *Anisa.it*,<sup>92</sup> todos estavam noticiando. Além disso, teve mobilização por parte dos próprios estudantes com vídeos pedindo a volta do ensino da história da arte.

Como mencionado nessa mesma parte, os italianos eram acostumados desde muito tempo a estudarem sobre arte e quando a viram sendo retirada de seus currículos, o estranhamento foi grande. O interesse por questões culturais em geral, não é novidade por lá. Um bom exemplo foram os periódicos, que traziam informações muito mais completas que nos nos próprios livros. O que nos faz refletir que o espaço limitado não impede uma boa escrita, uma informação bem dada.

Como o filósofo italiano Cesare Beccaria certa vez observou – nas páginas da revista *Il Caffé* – os periódicos difundiam o conhecimento mais amplamente que os livros, da mesma forma que os livros o difundiam mais amplamente que os manuscritos. Alguns leitores se sentiam intimidados pelos livros e preferiam não mantê-los em casa. O periódico, porém, era mais amigável. Apresenta-se como um amigo que só quer soprar uma palavra em seu ouvido. (Burke, 2003, p. 160). (...) (BARRETO, 2006, p. 69)

No Brasil, como a arte teve sempre suas “indas e vindas” no currículo escolar, deduz-se que torná-la obrigatória não foi uma “novidade” nem para quem é da área, muito menos para a imprensa que já não demonstra interesse para com essa temática.

Pensa-se também na ideia de que talvez o fato de incluir determinada coisa como a inclusão do ensino das artes, seja “menos noticioso” que “excluir” o ensino do currículo. O fator negativo “gera” ou “dá” um teor mais forte para a imprensa. Embora isso não

<sup>91</sup> Rádio Educação. “Ensino de artes pode se tornar obrigatório na educação básica”. *EBC Brasil*. 5 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/educacao/2013/11/ensino-de-artes-pode-se-tornar-obrigatorio-na-educacao-basica>>. Acesso 27/6/2018.

<sup>92</sup> Disponível em: <<http://www.anisa.it/chi-siamo/>>. Acesso em 27/6/2018.

justifique, uma vez que a inclusão de arte no currículo escolar brasileiro é de grande importância para a educação, para os alunos, para os pais de alunos e para a sociedade.

Ter algum evento contendo ou alguma política pública sendo implantada pareceram ser os principais motivos para se falar sobre educação e arte. Uma única notícia foi a que tomou caminhos contrários: “Professoras usam contos de fadas e cartazes para ensinar direitos sociais” (GONÇALVES E MORENO, 2015)<sup>93</sup>, notícia 1p dos anexos. É o tipo de notícia que o repórter ou pesquisa para encontrar ou a encontra quando vai fazer uma determinada pauta. E o interessante está nessas duas últimas pontuações, embora não seja o mais ocorrente.

Como uma última pontuação, sobre os veículos relatados na pesquisa: o G1.com foi aquele em que se foi possível obter o maior quantitativo de notícias. Sendo assim, a assessoria de jornalismo da Rede Globo foi procurada para autorizar algum de seus funcionários a conceder-nos uma entrevista. Após incansáveis contatos, obteve-se um retorno. Foi nos enviado um formulário para que este fosse preenchido com as propostas do trabalho, o que se pretendia saber, dentre outras questões políticas da empresa. No entanto, segundo a assessoria, após o reenvio desse formulário, o prazo mínimo para a resposta seria de 30 dias. Como o prazo final para a entrega deste trabalho estava muito perto, não foi possível realizá-la.

Embora não se tenha obtido sucesso, a pesquisa ainda pode ser feita para posteriores análises e, mais do que isso, foi possível confirmar o que já foi relatado neste capítulo sobre a dificuldade em se obter uma informação. Mesmo que o retorno tenha sido feito, a burocracia e o tempo de resposta são tamanhos que, em muita das vezes, perde-se o *time* da notícia. E por isso muitas ficam perdidas pelo caminho. Além disso, analisando pelo ângulo de quem está pedindo a informação – no caso, uma aluna de um curso de jornalismo, é previsível que ela não tenha a mesma força de um governo, por exemplo.

Entende-se que toda empresa preza pela sua segurança, mas a informação é aqui e agora. É preciso gerar esforços para que se possa atender a todos os que precisam dela. Principalmente quando se trata de grandes veículos, os que conseguem alcançar um maior número de pessoas.

---

<sup>93</sup> GONÇALVES, Gabriela; MORENO, Ana Carolina. “Professoras usam contos de fadas e cartazes para ensinar direitos sociais”. *G1.com*. 5 mar. 2015. Disponível: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/professoras-usam-contos-de-fadas-e-cartazes-para-ensinar-direitos-sociais.html>>. Acesso em 27/6/2018.



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faço das palavras de Umberto Eco as minhas:

Fazer uma tese significa divertir-se, e a tese é como um porco: nada se desperdiça. Às vezes a tese pode ser vivida como uma partida a dois: o autor que você escolher não quer confiar-lhe o seu segredo; você terá de assediá-lo, de interrogá-lo com delicadeza, de fazê-lo dizer aquilo que ele não queria dizer, mas que terá de dizer. Às vezes a tese é um *puzzle*: você dispõe de todas as peças, cumpre fazê-la entrar em seu devido lugar. (ECO, 2016, p. 206)

Neste estudo sobre educação e arte na imprensa brasileira, mais que um desafio, foi uma forma de trazer essa reflexão não como um pretexto ou intenção de dizer que essa temática é mais importante que política, que esporte, que ciência, ou qualquer outra, mas que pode ser também tão importante como. E se a imprensa pode ajudar a criar esse interesse na sociedade, que o FAÇA!

Dentre os textos abordados é perceptível – e não julgaremos como verdades imutáveis uma vez que o estudo está aberto a melhorias – que educação e arte, ao menos no período pesquisado, é tratada com bastante liquidez. E vivemos numa sociedade líquida como diria Bauman, mas não precisamos nos deixar “intoxicar” por ela. A imprensa também não precisa.

Através da leitura de noticiários disponíveis no ambiente virtual foi possível inferir a carência de notícias dessa questão e, nessa perspectiva, destrinchar as razões pelas quais isso acontece a partir de um olhar mais crítico e também dedutivo. Razões estas que têm base quando repensamos o nosso próprio ambiente social que dentre motivos políticos, sociológicos e culturais não foi desde sempre favorável para o crescimento da Educação e da arte.

Para cosenseguir excelência em uma determinada coisa é preciso praticar, é preciso estar atento sobre aquilo. Em artigo de 1945, Lourenço Filho alertava também para “a necessidade de respeitar as características do adulto analfabeto, especialmente ‘o desuso da capacidade de aprender’ e ‘a falta de treino para aprender’”. (BEISIEGEL, 2010, p. 23).

Assim como o adulto analfabeto somos nós leitores que precisamos treinar esse paladar para arte, para a educação, assim como a imprensa precisa nos alimentar sobre para que possamos aprender.

É sabido que a Internet reconfigurou o espaço jornalístico em que escrever em poucas linhas e dar a informação o mais rápido possível tornaram-se fundamentais. Mesmo que hoje, a informação tenha encontrado na Internet o seu novo *habitat*, e que essa “casa” tenha suas próprias regras no que diz respeito ao “encurtamento” de dados, isso não significa que seja preciso “maquiar” ou menosprezar” um assunto. Mais do que isso, é preciso utilizar dos artifícios da multimídia e do caráter hipertextual que o ambiente virtual nos proporciona para passar uma informação da melhor forma possível.

É notório que comunicar uma informação não é fácil. Comunicar educação e arte em um cenário em que as duas não são politicamente e culturalmente “meninas dos olhos de Deus” torna-se bastante desafiador. Com as informações vindo de “cima”, com a falta de interesse por tais é quase que “desistível”.

Nesta pesquisa concluiu-se que “a grande imprensa”, no caso os veículos mais conhecidos, teve uma participação muito ínfima. E foi representada apenas pelo G1.com, o Estadão com uma única notícia e o mesmo equivale para a Revista Época e Revista Exame. Em contrapartida, os demais resultados ficaram a mercê de jornais de circulação estatal como “Jornal a Tarde”, da Bahia, portais e agências de setor público federal como Portal Brasil e Agência Brasil, sites de prefeituras, sites particulares e outros.

Dessa forma, o raciocínio que fica é que educação e arte não conseguem emplacar um posto muito sólido nos veículos da grande mídia porque não é o tipo de temática que vai contribuir para que continuem a ser “os grandes propagadores de notícia”, resultando em notícias pouco completas. E quando aqueles que o fazem, sem que isso tenha sido uma ordem, geralmente encontram dificuldades que são traduzidas na cobertura bastante simplista.

Ligado a isso, tem o despreparo dos profissionais de comunicação que não se especializam em educação ou cultura para serem capazes de falar de arte ou só de educação ou só de arte também. E isso seja por falta de interesse tanto deles quanto do mercado. Para quê falar de Educação e arte se eu não vou ter um resultado mercadológico satisfatório? Se não tenho público suficiente que faça gerar *likes*, compartilhamentos e visualizações?

Contrário a isso, é imensurável dizer o quanto a arte tem o poder de e-du-car. O quanto ela pode agregar à educação e ambas podem trans-formar a sociedade. Na simples divulgação de um projeto em que se tenha usado arte como alicerce básico para mo-di-fi-

car o meio, é possível que algum sujeito seja tocado, e faça o mesmo, e se mo-di-fi-que também.

O professor e psicólogo Francisco Duarte Jr, em entrevista a Claudia Maisa Antunes Lins (2011), diz que “as palavras empatia e compaixão se aplicam bem ao que a arte produz em nós. Sentimos empatia e compaixão pelo outro quando compreendemos o que o outro está sentindo.” (LINS, 2011, p. 23) E assim, “compartilhar com ele um sentimento, um sentido vivencial, é, de certa maneira, o fundamento da Ética: saber a dor do outro. (...) Talvez ela [arte] não devesse fazer parte de um currículo, mas devesse fazer parte da escola.” (LINS, 2011, p. 22)

É preciso que a imprensa re-con-fi-gu-re o seu espaço levando às pessoas um pouco mais do “desconhecido”, e não só aquilo que ela deseja. Mas é preciso também que os profissionais da comunicação demonstrem o gosto pela temática e nos ajude a desenvolver essa paixão. Sabemos que tudo isso é difícil “a partir de nosso lugar social que é o Hemisfério Sul, um dia colonizado, e que está passando por um instigante processo de neodescolonização e de um enfretamento com o debilitado, quem sabe até, desmoralizado neorocentrismo”, como diria Sodré (2012, p. 7). Mas basta começar. Porque ainda segundo o autor, “o amanhã educacional já é um lugar no tempo presente, embora um lugar vazio de determinações e pleno apenas de forças de transformação do futuro.” (SODRÉ, 2012, p. 7)

E retornando à questão da imprensa como ponto fundamental deste trabalho, segue um pensamento de Paulo Freire do qual ousei fazer uma paródia trocando apenas as palavras “educador” e “educando” por “imprensa” e “nós”. Esse pensamento é importante no que diz respeito à grandeza que ela tem para com a sociedade. E assim sendo, que seu investimento em educação e arte pode trazer retornos satisfatórios.

A imprensa é sempre a que educa; nós, os que somos educados.

A imprensa é quem sabe; nós, os que não sabemos.

A imprensa é quem pensa, o sujeito do processo; nós, os objetos pensados.

A imprensa é quem fala; nós, os que escutam docilmente.

(...) A imprensa é quem opta e prescreve sua opção; nós, os que seguem a prescrição.

A imprensa é quem atua; nós, aqueles que têm a ilusão de que atuam.

A imprensa é quem escolhe o conteúdo; nós, os que se acomodam a ele.  
(...)

Se a imprensa é quem sabe, e se nós somos aqueles ignorantes, lhe cabe, então, ao primeiro, dar, entregar, levar, transmitir seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser um saber de experiência realizada para ser o saber da experiência narrada ou transmitida. Não é de estranhar, assim, que nesta visão bancária da educação os homens sejam vistos como seres da adaptação. Quanto mais nos exercitarem no arquivo dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolveremos a consciência crítica da qual resultaria nossa inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos do mesmo. Quanto mais nos imponha passividade, tanto mais ingenuamente tenderemos a adaptarmos ao mundo, em lugar de transformá-lo.(...) (BEISIEGEL, 2010, p. 85)<sup>94</sup>

---

<sup>94</sup> Adaptado. Trecho original está nos anexos, página 98.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA de notícias dos direitos da infância Ministério da Educação – ANDI/MEC. *A educação na imprensa brasileira: responsabilidade e qualidade na informação*. Brasília, maio de 2005. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/publicacao/educacao-na-imprensa-brasileira>>. Acesso em 9/6/2018.

ASSIS, Francisco de. Jornalismo cultural brasileiro: aspectos e tendências. *Revista de Estudos da Comunicação*, v. 9, n. 20, set./dez., Curitiba: PUCPR, 2008, p. 183-192. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/comunicacao?dd1=2633&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em 19/6/2018.

ARAÚJO E OLIVEIRA, João Batista. Quando a educação é notícia/Quando a notícia é educação. In: HANCOCK, LynNell. *Cobertura da Educação pela Mídia: melhores práticas*. Texto de introdução. Coleção IAB de Seminários Internacionais. Brasília/DF: Instituto Alfa e Beto, 2013. Disponível em: <[http://www.alfaebeto.org.br/wp-content/uploads/2013/04/Instituto-Alfa-e-Beto\\_Cobertura-eduacao-midia.pdf](http://www.alfaebeto.org.br/wp-content/uploads/2013/04/Instituto-Alfa-e-Beto_Cobertura-eduacao-midia.pdf)>. Acesso em 5/6/2018.

BAGLIO, Aldo; STORTI, Giovanni; PORETTI, Giacomo. *Garpez: Tre uomini e una gamba di Aldo Giovanni e Giacomo*. [s.l.], 30 mai. 2013 (4m10s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S4QOLhvFm-0>>. Acesso em 9/6/2018.

BARBOSA, Ana Cristina. Leitura e escrita na web. *Linguagem em (Dis)curso*. Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, v. 5, n.1, jul./dez. 2004, p. 153-183. Disponível em: <[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/viewFile/306/322](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/viewFile/306/322)>. Acesso em 5/6/2018.

BARBOSA, Ana Mãe. *Arte, educação e cultura*. 2008. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>>. Acesso em 7/6/2018.

BARRETO, Ivana. As Realidades do Jornalismo Cultural no Brasil. *Contemporânea*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 65-76, 2006. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17579/12955>>. Acesso em 27/6/2018.

BEISIEGEL, Celso de Rui B. *Paulo Freire*. Recife: Editora Massangana, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4713.pdf>>. Acesso em 20/6/2018.

BOCCANERA, Silio. Educação e mídia, *Observatório da Imprensa*. 10 jul. 2012. Rio de Janeiro: TV Brasil (52m13s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=D52-A\\_RIjj8&t=2262](https://www.youtube.com/watch?v=D52-A_RIjj8&t=2262)>. Acesso em 5/6/2018.

BORELLI, Aparecida. O Jornal e a Escola: programas e projetos. In: Seminário Nacional “O Professor e a leitura do jornal”, 1., 2002, Campinas. *Anais...*, Campinas, São Paulo: ALB. Mesa Redonda. Disponível em: <<http://alb.com.br/arquivo-morto/anais-jornal/jornal1/MesasRedondas/AparecidaBorelli.htm>>. Acesso em 5/6/2018.

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm)>. Acesso em 7/6/2018.

\_\_\_\_\_, Lei nº Lei 13.278/2016, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 2 mai. 2016. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm)>. Acesso em 7/6/2018.

BRASIL. GOV. “Educação artística ainda é desafio para o ensino básico”. 5 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2015/02/educacao-artistica-ainda-e-desafio-para-o-ensino-basico>>. Acesso em 14/6/2018.

\_\_\_\_\_. “Conheça os programas de mestrado profissional recomendados pela Capes”. 2 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2015/04/conheca-programas-de-mestrado-profissional-recomendados-pela-capes>>. Acesso em 19/6/2018.

BUARQUE, Cristovam. Educação e mídia, *Observatório da Imprensa*. 10 jul. 2012. Rio de Janeiro: TV Brasil (52m13s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=D52-A\\_RIj8&t=2262](https://www.youtube.com/watch?v=D52-A_RIj8&t=2262)>. Acesso em 5/6/2018.

CARLOMAGNO, Márcio C.; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, vol. 7, n. 1, 2016. p. 173-188. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771/28756>>. Acesso em 7/6/2018.

COELHO, Teixeira. Outros olhares. In: LINDOSO, Felipe. (org.). *Rumo [do] Jornalismo Cultural*. São Paulo, Summus, Itá Cultural: 2007.

COSTIN, Claudia. “Escolarização não é aprendizagem”. *Jeduca*. 12 ago. 2016. [s.l]. Disponível em: <<http://jeduca.org.br/texto/escolarizacao-nao-e-aprendizagem>>. Acesso em 5/6/2018.

CRUZ, Priscila. “Não somos mais os mesmos. Ainda bem!”. *Jeduca*. 23 jun. 2016. [s.l]. Disponível em: <<http://jeduca.org.br/texto/nao-somos-mais-os-mesmos-ainda-bem>>. Acesso em 5/6/2018.

DOVE VAI IN VACANZA?. Direção: Alberto Sordi, Luciano Salce, Mauro Bolognini. Produção: Gianni Hecht Lucari. Itália: 1978, MEDUSA FILM SPA, 153 min. 1 DVD.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. In: \_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://zonasuldorj.wordpress.com/2016/11/23/o-que-sao-e-quais-sao-os-criterios-de-noticiabilidade/>>. Acesso em: 5/6/2018.

FERRARA, Lucrelia D’Aléssio. Apresentação à edição brasileira. In: ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FERREIRA SANTOS, Barbara. “67,5% dos docentes do fundamental não têm habilitação na área em que dão aula”. *Estadão*. 23 abr. 2014. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,67-5-dos-docentes-do-fundamental-nao-tem-habilitacao-na-area-em-que-dao-aula,1157521>>. Acesso em 14/6/2018.

FREITAS, Raquel Lima de. “história da arte-educação ou história do ensino de arte no Brasil”. *Web Artigos*. 2 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/historia-da-arte-educacao-ou-historia-do-ensino-de-arte-no-brasil/104656#ixzz5Ha9ayinZ>>. Acesso em 5/6/2018.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1986.

FUNDAÇÃO CERDERJ. Rio de Janeiro. Sociologia: Módulo 1, Unidade 2, “Lazer, consumo e indústria cultural”. p. 31-56. Disponível em: <[https://cejarj.cecierj.edu.br/Material\\_Versao7/Sociologia/Mod1/Sociologia\\_Un2\\_Fasc1\\_Mod1\\_ProjB\\_V7\\_Ceja\\_Final.pdf](https://cejarj.cecierj.edu.br/Material_Versao7/Sociologia/Mod1/Sociologia_Un2_Fasc1_Mod1_ProjB_V7_Ceja_Final.pdf)>. Acesso em 5/6/2018.

GOIS, Antonio. Educação e mídia, *Observatório da Imprensa*, 10 jul. 2012. Rio de Janeiro: TV Brasil (52m13s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=D52-A\\_RIjj8&t=2262](https://www.youtube.com/watch?v=D52-A_RIjj8&t=2262)>. Acesso em 5/6/2018.

GONÇALVES, Gabriela; MORENO, Ana Carolina. “Professoras usam contos de fadas e cartazes para ensinar direitos sociais”. *G1.com*. 5 mar. 2015. Disponível: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/professoras-usam-contos-de-fadas-e-cartazes-para-ensinar-direitos-sociais.html>>. Acesso em 27/6/2018.

G1 Amazonas. “Manaus promove primeira Mostra de Dança e Arte da Educação Especial”. 4 nov. 2013. Disponível: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2013/11/manaus-promove-primeira-mostra-de-danca-e-arte-da-educacao-especial.html>>. Acesso em 20/6/2018.

G1 Alagoas. “Cespe divulga no site edital do concurso da Educação de AL”. 8 nov. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/11/cespe-divulga-no-site-edital-do-concurso-da-educacao-de-al.html>>. Acesso em 19/6/2018.

G1 Goiás. “Festival Arte-Educação reúne alunos de 20 escolas municipais de Goiânia”. 18 nov. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2013/11/festival-arte-educacao-reune-alunos-de-20-escolas-municipais-de-goiania.html>>. Acesso em 20/6/2018.

GOMES, Marly. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por hitalacarvalho@hotmail.com em 2 abr. 2018.

GONZATTO, Marcelo. *Zero Hora*. 1 mar. 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/03/cristovam-buarque-o-povo-brasileiro-nao-da-importancia-a-educacao-4709545.html>>. Acesso em 5/6/2018.

HANCOCK, LynNell. *Cobertura da Educação pela Mídia: melhores práticas*. Coleção IAB de Seminários Internacionais. Brasília/DF: Instituto Alfa e Beto, 2013. Disponível em: <[http://www.alfaebeto.org.br/wp-content/uploads/2013/04/Instituto-Alfa-e-Beto\\_Cobertura-educacao-midia.pdf](http://www.alfaebeto.org.br/wp-content/uploads/2013/04/Instituto-Alfa-e-Beto_Cobertura-educacao-midia.pdf)>. Acesso em 5/6/2018.

LINO, Francisco. Critérios de noticiabilidade: O factor proximidade. In: SELIGASUL. “O que são e quais são os critérios de noticiabilidade”. *Projeto em Jornalismo Digital*. Rio de Janeiro. 23 nov. 2016. Disponível em: <<https://zonasuldorj.wordpress.com/2016/11/23/o-que-sao-e-quais-sao-os-criterios-de-noticiabilidade/>>. Acesso em: 5/6/2018.

LINS, Claudia Maisa Antunes. *A arte e a educação*. Fonte Viva: Paulo Afonso, 2011.

MAZZITELLI, Fábio. “Em busca do conhecimento”. *Jeduca*, [s.l.], 24 jun. 2016. Disponível em: <<http://jeduca.org.br/texto/em-busca-do-conhecimento>>. Acesso em 9/6/2018.

MÍDIA & EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS PARA A QUALIDADE DA INFORMAÇÃO, Brasília, 2000. Inclui relatório final do Fórum Mídia e Educação, 11 a 13 de novembro de 1999, São Paulo. 80 p. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pol/midia\\_educacao.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pol/midia_educacao.pdf)>. Acesso em 5/6/2018.

MILAN, Pollianna. “Metade dos brasileiros nunca foi a cinema, teatro ou museu”. *Gazeta do Povo*. 17 nov. 2010. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/cultura/metade-dos-brasileiros-nunca-foi-a-cinema-teatro-ou-museu-0v1b65ipencimrrmevun4e5hq>>. Acesso 18/6/2018.

SENNA, Vivianne. Primeiras palavras. In: MÍDIA & EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS PARA A QUALIDADE DA INFORMAÇÃO. Inclui relatório final do Fórum Mídia e Educação, 11 a 13 de novembro de 1999, São Paulo. Brasília: ANDI, 2000. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pol/midia\\_educacao.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pol/midia_educacao.pdf)>. Acesso em 5/6/2018.

MOLFETTA, Roberto Di. *Alberto Sordi, Le vacanze intelligenti - La Moglie scambiata per Opera d'Arte*. [s.l.], 16 set. 2014 (2m6s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_kpQxj6cques](https://www.youtube.com/watch?v=_kpQxj6cques)>. Acesso em 9/6/2018.

MOLGA. 19??. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MjQyMTYz/>>. Acesso em 16/6/2018.

MONTANARI, Tomaso. “Istruzione, i danni postumi di Gelmini: cancellata la Storia dell’arte”. *Il fatto quotidiano*. 12 dez. 2014. Disponível em:

<<https://www.ilfattoquotidiano.it/2013/12/14/istruzione-i-danni-postumi-di-gelmini-cancellata-la-storia-dellarte/813355/>>. Acesso em 5/6/2018.

MORIN, Edgar. “É preciso educar os educadores”. *Cebi*. Disponível em: <<https://www.cebi.org.br/2017/08/04/edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores/>>. Acesso em 7/6/2018.

MORRONE, Beatriz; YURI, Flávia Oshima. “Importância do ensino das artes na escola”. *Época*. 16 mai. 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html>>. Acesso em 7/6/2018.

NASCIMENTO, Iracema; SANTANA, Wagner. “A Oficina de Trabalho: dialogar é possível (e necessário)”. In: OBSERVATÓRIO da imprensa e ação educativa. *A cobertura da educação na mídia: algumas recomendações para a democratização do debate*. São Paulo: dez. 2007. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/download/468CID002.pdf>>. Acesso em 13/6/2018.

NOGUEIRA, Felipe Augusto; MALLMANN, Andreia Denise. Análise das características do jornalismo online em portais de notícias. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. *Intercom/Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Santa Cruz do Sul: PUCRS, 2013. 15p. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-0824-1.pdf>>. Acesso em 13/6/2018.

PATEL, Neil. “Google Notícias: Gere Tráfego Com as Principais Notícias do Google”. *Neil Patel*. [s.l.]. Disponível em: <<https://neilpatel.com/br/blog/como-usar-o-google-noticias-para-direcionar-trafego-para-o-site/>>. Acesso em 18/6/2018.

PERES, José Carlos Pereira. Questões atuais do Ensino de Arte no Brasil: O lugar da Arte na Base Nacional Comum Curricular. *Revista de Educação, Desenho e Artes Visuais*, v. 1, n. 1, ago. 2017. p. 24-36. Disponível em: <<http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/revistaddav/article/view/1163/859>>. Acesso em 5/6/2018.

PINHEIRO, Gabriel. “O real custo de produção do jornalismo”. *Estadão*. 6 set. 2010. Estadão. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/blogs/macaco-eletrico/o-real-custo-de-producao-do-jornalismo/>>. Acesso em 18/6/2018.

PONTES, Fábio. “Gleici do BBB18 tem mesmo origem humilde”. *Veja*. 19 abr. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/gleici-do-bbb18-tem-mesmo-origem-humilde/>>. Acesso em 7/6/2018.

RÁDIO EDUCAÇÃO. “Ensino de artes pode se tornar obrigatório na educação básica”. *EBC Brasil*. 5 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/educacao/2013/11/ensino-de-artes-pode-se-tornar-obrigatorio-na-educacao-basica>>. Acesso 27/6/2018.

REBÊLO, Paulo. “Crawford Killian e a diferença em webwriting”. 2 mai. 2002. Disponível em <<https://webinsider.com.br/crawford-killian-e-a-diferenca-em-webwriting/>>. Acesso em 5/6/2018.

REDAÇÃO JEDUCA. “Como fazer educação ganhar audiência? Editores respondem”. *Jeduca*. [s.l.]. 4 set. 2016. Disponível em: <<http://jeduca.org.br/texto/como-fazer-educacao-ganhar-audiencia-editores-respondem->>. Acesso em 5/6/2018.

\_\_\_\_\_. “A evolução da cobertura de educação e seus desafios”. *Jeduca*. [s.l]. 1 jul. 2016. Disponível em: <<http://jeduca.org.br/texto/a-evolucao-da-cobertura-de-educacao-e-seus-desafios>>. Acesso em 5/6/2018.

\_\_\_\_\_. “Café da manhã com apoiadores discute desafios da Jeduca”. *Jeduca*. [s.l]. 14 fev. 2018. Disponível em: <<http://jeduca.org.br/texto/cafe-da-manha-com-apoiadores-discute-desafios-da-jeduca>>. Acesso em 5/6/2018.

SODRÉ, Moniz. Educação e mídia, *Observatório da Imprensa*, 10 jul. 2012. Rio de Janeiro: TV Brasil (52m13s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=D52-A\\_RIjj8&t=2262](https://www.youtube.com/watch?v=D52-A_RIjj8&t=2262)>. Acesso em 5/6/2018.

\_\_\_\_\_. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky. Intelectuais na imprensa: as crônicas de educação de Cecília Meireles no jornal carioca Diário de Notícias. *Uniletras*, Universidade de Ponta Grossa: Ponta Grossa, v. 31, n. 1, jan./jun, 2009, p. 139-153. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/viewFile/672/1286>>. Acesso em 5/6/2018.

TRE UOMINI E UNA GAMBA. Direção: Aldo Baglio, Giovanni Storti, Giacomo Poretti. Produção: Massimo Venier. Itália: Medusa Film, 1997, 98min, 1 DVD.

UNIVERSIA BRASIL. "Conheça a relação entre o Google e a educação". *Universia*. 12 mar. 2014. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/atualidade/noticia/2014/03/12/1087501/conheca-relacao-google-e-educaco.html>>. Acesso em 5/6/2018.

VANDERBILT, Tom. “httpsThe Psychology of Genre Why we don’t like what we struggle to categorize”. *The New York Times*. 28 mai. 2016. Disponível em: <[https://www.nytimes.com/2016/05/29/opinion/sunday/the-psychology-of-genre.html?\\_r=1](https://www.nytimes.com/2016/05/29/opinion/sunday/the-psychology-of-genre.html?_r=1)>. Acesso em 9/6/2018.

VILLAÇA, Iara de Carvalho. Arte-educação: a arte como metodologia educativa. *Cairu em Revista*. Faculdade Visconde de Cairu: Salvador, ano 3, n° 04, jul/ago 2014, p. 74-85. Disponível em: <[http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014\\_2/05\\_ARTE\\_EDUCACAO\\_METODOLOGIA\\_EDUCATIVA.pdf](http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/05_ARTE_EDUCACAO_METODOLOGIA_EDUCATIVA.pdf)>. Acesso em 7/6/2018.

WALLACH, Amei. “ART; Is It Art? Is It Good? And Who Says So?”. *New York Times*. 12 out. 1997. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1997/10/12/arts/art-is-it-art-is-it-good-and-who-says-so.html>>. Acesso em 7/6/2018.

WILLIAMS, Lucinda. Lucinda Williams [singer, songwriter]. *Believer Magazine*. Las Vegas: Jul/ago, v. 10, n. 6, 2012. Entrevista concedida a Madeleine Schwartz. Disponível em: <[https://www.believmag.com/issues/201207/?read=interview\\_lucindawilliams](https://www.believmag.com/issues/201207/?read=interview_lucindawilliams)>. Acesso em 9/6/2018.

## ANEXOS

### 1. Notícias utilizadas como *corpora*. Acesso em 4/6/2018.

#### 1) G1

- a) <http://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2014/11/municipio-de-guarapuava-realiza-semana-voltada-para-arte-e-educacao.html>
- b) <http://g1.globo.com/goias/noticia/2013/11/festival-arte-educacao-reune-alunos-de-20-escolas-municipais-de-goiania.html>
- c) <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/03/forte-da-capoeira-em-salvador-sedia-circuito-de-arte-e-educacao-em-abril.html>
- d) <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2013/11/manaus-promove-primeira-mostra-de-danca-e-arte-da-educacao-especial.html>
- e) <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/11/professora-com-diploma-de-teatro-e-impedida-de-assumir-vaga-de-artes.html>
- f) <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/governo-de-sp-divulga-os-aprovados-em-concurso-para-professor.html>
- g) <http://g1.globo.com/minas-gerais/concursos-e-emprego/noticia/2014/12/fundacao-helena-antipoff-realiza-concurso-para-75-vagas.html>
- h) <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/09/iii-festival-de-arte-educacao-e-realizado-pelo-cria-em-salvador.html>
- i) <http://g1.globo.com/espírito-santo/educacao/noticia/2015/03/projeto-de-escola-ensina-crianças-arte-do-circo-em-cariacica-no-es.html>
- j) <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/11/cespe-divulga-no-site-edital-do-concurso-da-educacao-de-al.html>
- k) <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/01/centro-de-arte-anibal-beca-em-manauas-abre-400-vagas-para-cursos.html>
- l) <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/01/cearte-abre-450-vagas-para-17-cursos-de-artes-visuais-na-paraiba.html>
- m) <http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2014/05/alunos-aprendem-regras-de-transito-atraves-de-oficinas-de-teatro-no-ap.html>
- n) <http://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2014/01/boituva-esta-com-matriculas-abertas-para-cursos-da-oficina-de-artes.html>
- o) <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/professoras-usam-contos-de-fadas-e-cartazes-para-ensinar-direitos-sociais.html>
- p) <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2014/04/secretaria-de-educacao-de-manauas-divulga-gabarito-de-concurso-publico.html>
- q) <http://g1.globo.com/peernambuco/vestibular-e-educacao/noticia/2013/11/formacao-da-cultura-ocidental-e-idade-media-estao-nas-aulas-de-historia.html>

r) <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2014/10/unitau-abre-inscricoes-para-cursos-de-educacao-distancia.html>

2) *Brasil.gov*

a) <http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2014/10/historia-da-arte-e-tema-recorrente-no-exame-nacional-do-ensino-medio>

b) <http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2015/02/educacao-artistica-ainda-e-desafio-para-o-ensino-basico>

c) <http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2014/05/capes-lanca-mestrado-em-artes-administracao-e-historia>

d) <http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2014/07/mestrado-profissional-em-artes-atraiu-mais-de-1-5-mil-professores>

e) <http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2015/03/comprometimento-com-qualidade-leva-escola-a-superar-indices>

f) <http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2014/08/guia-de-livros-didaticos-ja-esta-disponivel>

g) <http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2015/04/conheca-programas-de-mestrado-profissional-recomendados-pela-capes>

h) <http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2015/03/mec-lanca-edital-de-apoio-a-extensao-universitaria>

3) *EBC*

a) <http://www.ebc.com.br/educacao/2014/04/projeto-leva-educacao-para-alem-dos-muros-das-escolas>

b) <http://www.ebc.com.br/educacao/2013/11/ensino-de-artes-pode-se-tornar-obrigatorio-na-educacao-basica>

c) <http://www.ebc.com.br/cultura/2014/11/comeca-no-rio-o-festival-de-arte-e-cultura-da-diversidade>

d) <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2014-08/ultimo-dia-para-aderir-ao-mais-educacao>

4) *Jornal A Tarde*

a) <http://www.atarde.uol.com.br/educacao/noticias/1665466-ensino-de-arte-amplia-a-formacao-do-aluno>

b) <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1568676-instituto-fatumbi-oferece-oficinas-gratis-de-arte-educacao>

c) <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/escola-publica-em-pernambue-ganha-arte-em-grafite-1587045>

5) *Universia*

a) <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2013/11/05/1061033/4-aplicativos-e-ferramentas-online-ideais-aulas-arte.html>

b) <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2014/11/19/1115327/unesp-disponibiliza-curso-sobre-historia-arte-internet.html>

6) Diversos

a) <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,67-5-dos-docentes-do-fundamental-nao-tem-habilitacao-na-area-em-que-dao-aula,1157521>

b) <http://www.educacao.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=5430>

c) <http://www.jornalnnet.com.br/noticias/9728/educacao-de-embu-das-artes--esta-com-inscricoes-abertas-ate-o-dia-31/10>

d) <https://exame.abril.com.br/brasil/lei-obriga-escolas-a-exibirem-filmes-nacionais-mensalmente/>

e) <https://catracalivre.com.br/geral/educacao-3/indicacao/unesp-oferece-curso-online-e-gratuito-sobre-historia-da-arte/>

f) <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/01/26/novas-disciplinas-na-educacao-basica-dividem-opinioes-do-legislativo-e-executivo>

g) <https://www.marcelolopes.jor.br/noticia/detalhe/16498/projeto-girarte-viabiliza-grande-dialogo-entre-comunidade-escola-arte-e-educacao>

h) <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/04/educacao-em-britmo-de-maracatu.html>

i) <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/estado-abre-4535-vagas-em-cursos-gratuitos-de-formacao-tecnica/>

j) <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/escola-da-capital-ganha-novo-espaco-e-incentiva-habilidades-artisticas-de-580-alunos/>

## 2. Imagem do muro, obra do escultor Mauro Staccioli.



Fonte: <<http://www.shoppingandcharity.it/it/magazine/biennale-di-venezia-la-pi%C3%B9-importante-manifestazione-darte-contemporanea-al-mondo>>. Acesso em 9/6/2018.

3. Paulo Rebêlo, 2002 – Reportagem completa: “Crawford Killian e a diferença em webwriting”. 2 mai. 2002. Disponível em <<https://webinsider.com.br/crawford-killian-e-a-diferenca-em-webwriting/>>. Acesso em 5/6/2018.

### *Crawford Killian e a diferença em webwriting*

Todo profissional que trabalha com internet, sobretudo na área de design, já ouviu falar de Jakob Nielsen, o respeitado (e, às vezes, rejeitado) especialista em usabilidade aplicada aos sites. Enquanto o termo “usabilidade” ganha força (ou “entra na moda”, a depender do

ponto de vista), o termo *webwriting* segue um caminho parecido, porque gera identificação ou rejeição entre redatores.

Uma facção de profissionais prega a quase-filosofia de que *webwriting* não é somente a redação para a *web*, mas muito mais do que isso; outra acredita que *webwriting* é apenas um nome pomposo para definir a adaptação de textos para a mídia on-line ou, em linguagem rasteira, os conceitos básicos da boa redação jornalística.

O canadense Crawford Killian é tido por muitos como o nome de maior destaque do *webwriting*, aqui entendida como a redação para a *web*. Escritor e professor em Vancouver e estudioso da sociedade da informação, o autor do livro-bíblia *Writing for the Web* explica que há diferenças entre o jornalista tradicional e o *webwriter*, este dispondo de uma gama maior de recursos para interagir com seus leitores e exigir mais do próprio texto.

Em contagem regressiva para ministrar um curso intensivo de *webwriting* no Brasil, nos dias 14 e 15 de setembro de 2018, ele nos concedeu a seguinte entrevista:

Webinsider – Muitas discussões e debates sobre a redação para a *web* tem ocorrido no Brasil entre profissionais de comunicação. Muitos definem o *webwriter* como aquele que escreve para a mídia on-line, adaptado a ela. O senhor concorda com o título de *webwriter* ou é apenas um nome bonito para definir o jornalista que trabalha na/para a *web*?

Crawford Killian – O *webwriter* pode ser jornalista, mas também pode ser um entusiasta, um especialista em comunicação corporativa, um marqueteiro, um artista, um editor, um educador, um bibliotecário. Como a redação para a *web* é uma habilidade especializada, ela se divide em muitas sub-especialidades, a depender da necessidade.

– Quais são as diferenças entre o *webwriter* e o jornalista tradicional que trabalha com/para a *web*?

– O jornalista tenta manter-se atualizado em relação a eventos e acontecimentos, de forma a publicar/reportar enquanto o assunto ainda é notícia. O *webwriter* também pode fazer a mesma coisa, indo mais além: precisa tentar escrever sobre tópicos que não são notícias.

Jornalistas e *webwriters* compartilham muitas habilidades e valores. Por exemplo, a notícia tradicional costuma ser escrita no estilo “pirâmide invertida”, com a informação mais importante na chamada/subtítulo e no primeiro parágrafo. Um texto para a *web* é basicamente igual, pela mesma razão: leitores de jornais e leitores de sites tendem a escanear as chamadas, olhando para aquelas que mais interessam. Temos que dar a informação básica no início. Jornalistas e *webwriters* têm a mesma concisão de valores. Se os *webwriters* podem cortar cem palavras em uma reportagem de 500, certamente eles o farão.

– Sendo assim, o jornalista precisa de especializações para escrever na mídia on-line ou, digamos assim, tornar-se um *webwriter*?

– Sim. Apesar de jornais e *websites* terem muito em comum, o *webwriter*/webjornalista precisa dar aos leitores uma visão geral da história, talvez com muitos entretítulos e dividindo a matéria em blocos para se ler em qualquer sequência, de acordo com os interesses pessoais dos leitores, e não do veículo. O webjornalista também precisa ter condições de oferecer matérias relacionadas e incentivar a interação entre os leitores como, por exemplo, dizer logo qual é o e-mail dele e, se possível, o e-mail dos personagens/protagonistas da notícia para que os leitores possam interagir. Ou então criando um link para o leitor deixar um comentário público. Quer dizer, o webjornalista não pode apenas pensar em sua própria matéria/notícia, mas na interação com o leitor.

– Muitos, não necessariamente jornalistas, se intitulam *webwriters*. Não deixa de existir um certo ar de pompa em titular-se um *webwriter*, talvez por ser uma novidade para a maioria. O que faz um bom *webwriter*/webjornalista?

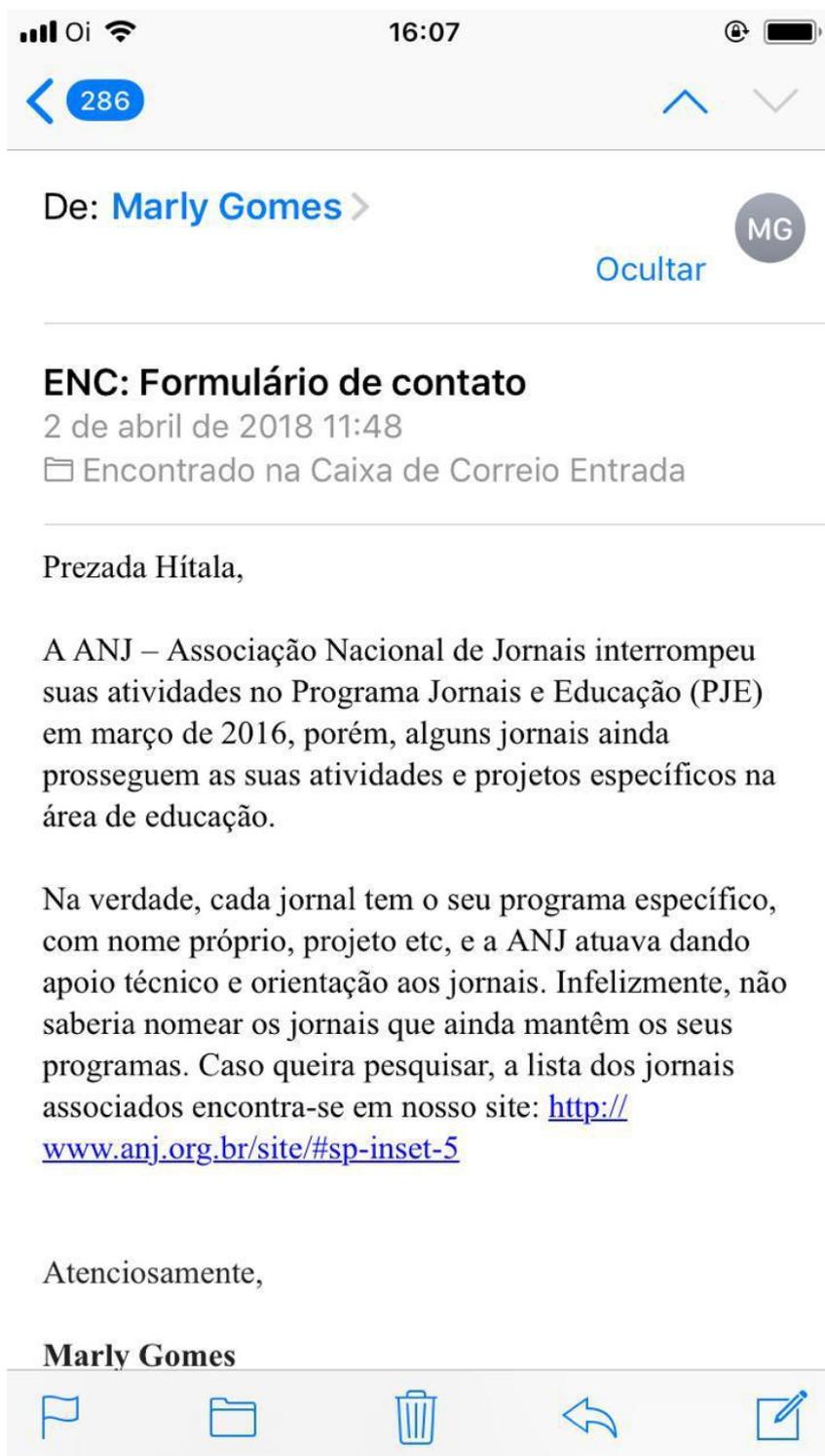
– Primeiro, a perícia na linguagem. Nada de firulas e rebusques, mas apenas a linguagem objetiva, direta, que o leitor possa entender na primeira vez. Segundo, um grande respeito ao leitor, de modo a fazer com que os interesses e as necessidades dele tomem as rédeas da matéria, seja na forma de tópicos, estilo de apresentação ou diagramação. Terceiro, é necessária uma boa história. O webjornalista precisa estar incentivado e, ao mesmo tempo, surpreendido com o que ele está dizendo ao leitor. E, por fim, o webjornalista precisa ser humilde o suficiente para aprender com os próprios erros e encarar as críticas dos leitores como algo saudável.

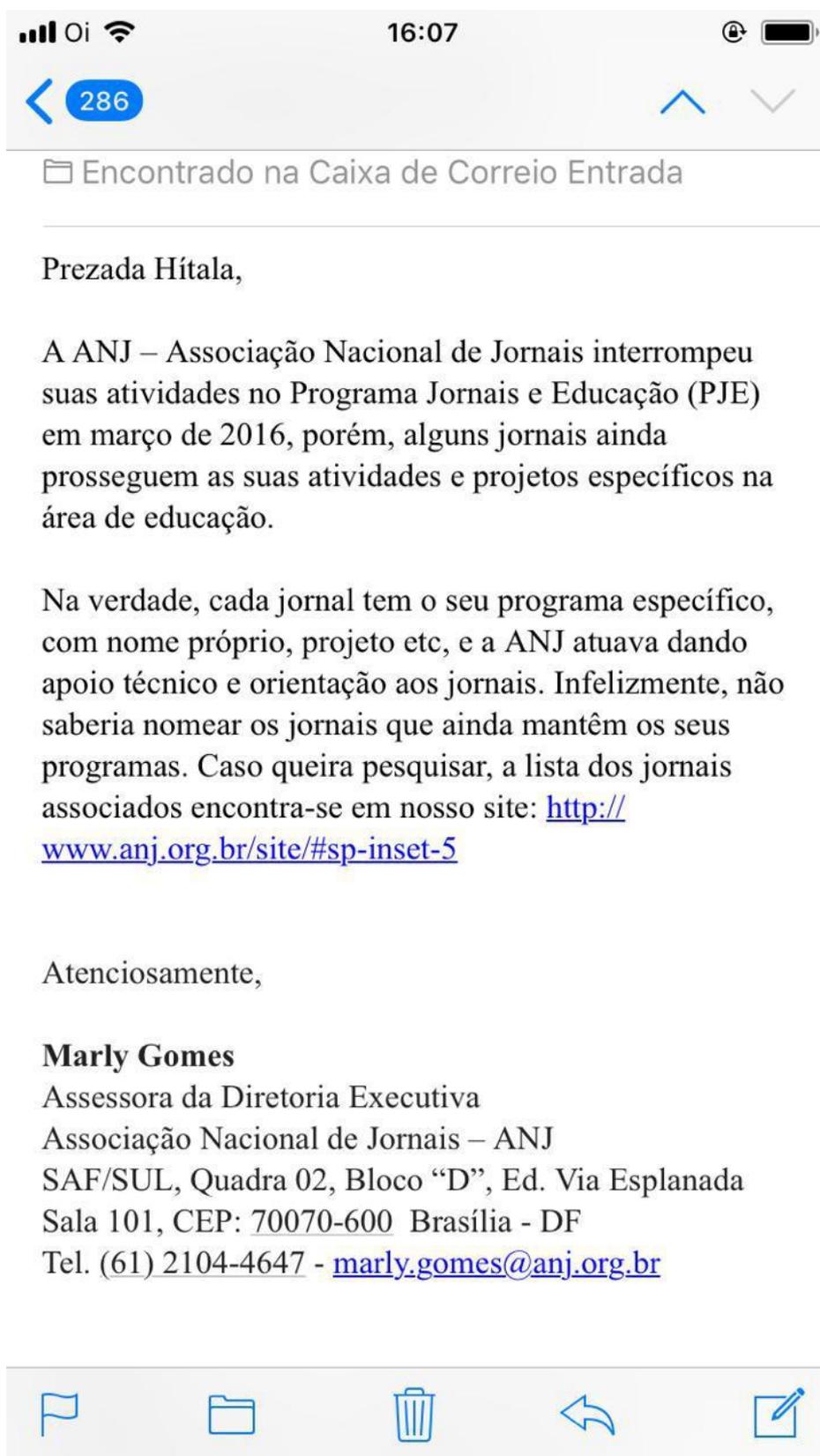
– O senhor acredita que essas regras de *webwriting* podem ser aplicadas e teriam os mesmos efeitos internacionalmente? Em um país como o Brasil, por exemplo.

– Talvez em outros idiomas e culturas, as pessoas leiam textos na *web* de um jeito diferente daquele adotado na Europa e nas Américas. Ao menos em idiomas europeus, acredito que todos leiam os textos na *web* de um jeito parecido: mais devagar do que um texto impresso e escaneando o texto em vez de ler linha por linha. Todo mundo que usa computador tende a esperar uma surpresa, uma recompensa, uma imagem, algo diferente. O texto para a *web* deve surpreender e recompensar o leitor. Evidente que, quando recebemos a mesma “recompensa” repetidamente, ela já não mais surpreende. Então o *webwriter* precisa procurar sempre novas maneiras de surpreender o leitor, mas não em um sentido negativo. Muitas vezes, a grande surpresa e recompensa é apenas entender e gostar do texto, aprender algo com ele. Enquanto estivermos aprendendo coisas novas, o texto para a *web* sempre nos surpreenderá.

4. Troca de e-mail com a Assessora da Diretoria Executiva da ANJ, Marly Gomes, em 2 de abril de 2018:

Imagem 1:



**Imagem 2 (continuação):**

**5. Beisiegel, 2010, p. 85, trecho original.**

O educador é sempre o que educa: o educando, o que é educado. O educador é quem sabe; os educandos os que não sabem. O educador é quem pensa, o sujeito do processo; os educandos são os objetos pensados. O educador é quem fala; os educandos os que escutam docilmente. O educador é quem disciplina; os educandos os disciplinados. O educador é quem opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição. O educador é quem atua, os educandos são aqueles que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador. O educador é quem escolhe o conteúdo programático, os educandos, aos quais jamais se escuta, se acomodam a ele. O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, a qual opõe antagonicamente à liberdade dos educandos. São estes que devem adaptar-se às determinações daquele. Finalmente, o educador é o sujeito do processo, os educandos, meros objetos. Se o educador é quem sabe, e se os educandos são aqueles ignorantes, lhe cabe, então, ao primeiro, dar, entregar, levar, transmitir seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser um saber de experiência realizada para ser o saber da experiência narrada ou transmitida. Não é de estranhar, assim, que nesta visão bancária da educação os homens sejam vistos como seres da adaptação. Quanto mais exercitam os educandos no arquivo dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica da qual resultaria sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos do mesmo. Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente tenderão a adaptar-se ao mundo, em lugar de transformar. (...)